

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE - UNICENTRO
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM LETRAS: MESTRADO

VARIAÇÃO PRONOMINAL *NÓS/A GENTE* EM GUARAPUAVA - PR

VANESSA APARECIDA DEON

GUARAPUAVA
2015

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE - UNICENTRO
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM LETRAS: MESTRADO

VARIAÇÃO PRONOMINAL *NÓS/A GENTE* EM GUARAPUAVA - PR

Dissertação apresentada por VANESSA APARECIDA DEON ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. LOREMI LOREGIAN-PENKAL

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. LUCELENE TERESINHA FRANCESCHINI

GUARAPUAVA
2015

Ficha elaborada pela Biblioteca da Unicentro-Guarapuava, Campus Santa Cruz

D418v Deon, Vanessa Aparecida
Variação pronominal nós/a gente em Guarapuava / Vanessa Aparecida Deon.–
Guarapuava: Unicentro, 2015.
xii, 130 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós-Graduação em Letras.
Orientadora: Profª. Dra. Loremi Loregian Penkal;
Banca examinadora: Profª. Dra. Odete Pereira da Silva Menon, Profª. Dra. Célia Bassuma Fernandes, Profª. Dra. Maria Cleci Venturini.

Bibliografia

1. Sociolinguística. 2. Mudança Linguística. 3. Variação Pronominal. 4. Varlingua. 5. Guarapuava. I. Título. II. Programa de Pós-Graduação em Letras.

CDD 20. ed. 410

TERMO DE APROVAÇÃO

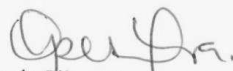
VANESSA APARECIDA DEON

VARIAÇÃO PRONOMINAL NÓS/A GENTE EM GUARAPUAVA, PR

Dissertação aprovada em 01/12/2015 como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, área de concentração em Interfaces entre Língua e Literatura, pela seguinte Banca Examinadora:



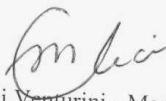
Profa. Dra. Loremi Loregian Penkal – Presidente/Orientadora
(UNICENTRO)



Profa. Dra. Odete Pereira da Silva Menon - Membro Titular
(UFPR/CNPq)



Profa. Dra. Célia Bassuma Fernandes – Membro Titular
(UNICENTRO)



Profa. Dra. Maria Cleci Venturini - Membro Suplente
(UNICENTRO)

GUARAPUAVA-PR
2015

Dedico este trabalho aos meus
pais José e Eva e aos meus
irmãos Fernando e Keila.

*Se não puder voar, corra. Se não puder
correr, ande. Se não puder andar rasteje,
mas continue em frente de qualquer jeito.*

Martin Luther King

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e por colocar pessoas iluminadas em meu caminho.

À minha orientadora, Prof^ª. Dr^ª. Loremi Loregian-Penkal, por estar sempre disponível direcionando os caminhos, dando todo suporte necessário para a realização deste trabalho e pelo exemplo de profissional que vou levar por toda a minha vida.

À minha coorientadora, Prof^ª. Dr^ª. Lucelene Franceschini, sempre disposta a compartilhar seus conhecimentos e pela sua amizade.

À Prof^ª. Dr^ª. Célia Bassuma Fernandes, que na graduação despertou em mim o interesse pela linguística.

Aos professores do Programa de Pós Graduação em Letras da UNICENTRO.

Às professoras Dr^ª. Odete Pereira da Silva Menon e Dr^ª. Célia Bassuma Fernandes, pelos valiosos apontamentos na banca de qualificação.

Aos meus pais José e Eva, por me incentivarem sempre e me ajudarem em todos os momentos.

Aos meus irmãos Fernando e Keila, pelo carinho.

A todos os meus amigos, em especial à Soeli Djubatie, Graciele Pereira, Daniele Santos, Sirlei Aparecida Gadens, Eliane Bonin e Márcia Elena de Brito, pela solidariedade.

Aos colegas de mestrado, pela companhia agradável e pelos debates produtivos nas aulas.

Aos informantes, que disponibilizaram seu tempo para revelar um pouco das suas histórias de vida, pois sem eles não seria possível a realização deste trabalho.

Agradeço a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa.

DEON, Vanessa Aparecida. **Variação pronominal *nós/a gente* em Guarapuava**. 130 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Centro-Oeste. Orientadora: Profª. Drª. Loremi Loregian Penkal. Coorientadora: Lucelene Teresinha Franceschini. Guarapuava, 2015.

RESUMO

O objetivo principal desta pesquisa é analisar o uso de *nós/a gente* na posição de sujeito em Guarapuava, Paraná. Iniciamos com uma breve trajetória da linguística e da sociolinguística, em seguida, abordamos a inserção de *a gente* no sistema pronominal do Português do Brasil (PB), destacando alguns trabalhos que apresentam e discutem o processo de gramaticalização desse pronome, entre eles: Menon (1995b, 1996), Omena & Braga (1996), Lopes (2003, 2007) e Zilles (2007). Além disso, apresentamos os resultados de alguns estudos sobre a variação pronominal *nós/a gente* no Brasil, como os de Omena (1998a) e (1998b), Lopes (1998), Menon; Lambach; Landarin (2003), Seara (2000), Borges (2004), Tamanine (2002, 2010) e Franceschini (2011). Com base nos resultados dessas pesquisas, elencamos para a nossa análise as seguintes variáveis linguísticas: *determinação do referente, tipo de texto, tempo verbal, concordância verbal e tonicidade* e três variáveis sociais: *faixa etária, escolaridade e sexo*. Os dados são provenientes do Banco de Dados de Guarapuava, VARLINGUA. Nesta pesquisa, analisamos a fala de 24 informantes, coletadas entre os anos 2014 e 2015, os dados foram estratificados de acordo com o sexo, masculino e feminino; a idade, 25 a 45 anos e 50 anos ou mais e a escolaridade, 1 a 4, 5 a 8 e 9 a 12 anos de escola. Tomando por base os pressupostos teóricos da sociolinguística quantitativa propostos por William Labov (1972, 2008) analisamos as variáveis linguísticas e sociais acima elencadas para verificar quais fatores condicionam o uso de *nós/a gente* em nossa amostra. Para a análise estatística dos dados utilizamos o programa GoldvarbX. Os resultados apontam que o uso do pronome inovador *a gente* já começa a ultrapassar o uso do pronome canônico *nós* em Guarapuava, Paraná. Os fatores linguísticos que favoreceram o uso do pronome inovador *a gente* foram os *verbos monossílabos tônicos e oxítonos, a indeterminação do referente, a presença do pronome, o texto argumentativo e os tempos presente e pretérito imperfeito*. Já para a forma canônica *nós* foram: *paroxítonos, os tempos pretérito imperfeito do subjuntivo, pretérito perfeito e os tempos não marcados (gerúndio e infinitivo), o tipo de texto descritivo e a determinação do referente*. No tocante aos fatores sociais, favoreceram a forma *a gente* os falantes da *faixa etária mais jovem, o ensino médio, o fundamental I e as mulheres, tanto as mais novas quanto as da faixa etária mais velha*. Por sua vez favoreceram a forma canônica *nós: os homens, a faixa etária mais velha e o fundamental II*. Assim, com este estudo, pretendemos contribuir para a descrição e análise do português falado em Guarapuava e aos estudos de variação/mudança linguística na região Sul do Brasil.

Palavras-chave: sociolinguística variacionista; mudança linguística; variação pronominal *nós/a gente*; VARLINGUA.

DEON, Vanessa Aparecida. **Pronominal variation *nós/a gente* in Guarapuava**. 130 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Centro-Oeste. Orientadora: Profª. Drª. Loremi Loregian Penkal. Coorientadora: Lucelene Teresinha Franceschini. Guarapuava, 2015.

ABSTRACT

The main objective of this research is to analyze the use of *nós/a gente* in the position of subject in Guarapuava, Paraná. We start with a brief history of linguistics and sociolinguistics, then approach the inclusion of *a gente* in the pronominal system of Portuguese of Brazil (PB), highlighting some works that present and discuss the grammaticalization process of that pronoun, including: Menon (1995b, 1996), Omena & Braga (1996), Lopes (2003, 2007) and Zilles (2007). In addition, we present the results of some studies on the pronoun variation *nós/a gente* in Brazil, such as Omena (1998a) e (1998b), Lopes (1998), Menon; Lambach; Landarin (2003) Seara (2000), Borges (2004), Tamanine (2002, 2010) and Franceschini (2011). Based on the results of this research, we selected for our analysis the following linguistic variables: determination of the referent, type of text, tense, verb agreement and tone and three social variables: age, education and gender. The data are from Banco de Dados de Guarapuava, VARLINGUA. In this research, we analyze the speech of 24 informants, collected between the years 2014 and 2015, data were stratified by sex, male and female; age, 25-45 years old and 50 years old or more and schooling, 1-4, 5-8 and 9-12 years of scholar education. Based on the theoretical assumptions of quantitative sociolinguistics proposed by William Labov (1972, 2008) we analyze the linguistic and social variables listed above to determine which factors influence the use of *nós/a gente* in our sample. For the statistical analysis we used the GoldvarbX program. The results show that use of the innovative pronoun *a gente* is starting to exceed the use of canonical pronoun *nós* in Guarapuava, Paraná. Linguistic factors that favored the use of the innovative pronoun *a gente* were stressed monosyllables and oxítonos verbs, the uncertainty of the referenced person, the presence of the pronoun, the argumentative text and the present and imperfect tenses. As for the canonical form *nós* were: paroxytone, the imperfect subjunctive tenses, past tense and unmarked times (gerund and infinitive), the descriptive type of text and the determination of the referent. Concerning the social factors, favored the form *a gente* speakers of the younger age group, high school, elementary I and women both younger as those in the older age group. In turn favored the canonical form *nós*: men, older age and the fundamental II. So with this study, we aim to contribute to the description and analysis of Portuguese spoken in Guarapuava and studies of language variation/change in southern Brazil.

Keywords: sociolinguistics variationist; linguistic change; pronominal variation *nós/a gente*; VARLINGUA

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Atuação da idade sobre o uso da forma <i>nós</i> . (Omena/1998).....	36
Tabela 2 - Atuação da idade e sexo sobre o uso da forma <i>nós</i> . (Omena/1998).....	37
Tabela 3 - Atuação da escolarização sobre o uso da forma <i>nós</i> em crianças e adultos. (Omena/1998).....	37
Tabela 4 - Atuação da escolarização nos falantes adultos em contato e sem contato com a escola sobre o uso da forma <i>nós</i> . (Omena/1998).....	38
Tabela 5 - Frequência do uso de <i>a gente</i> em todas as funções. (Omena/1998).....	39
Tabela 6 - Frequência e probabilidade de <i>a gente</i> na sequência do discurso. (Omena/1998).	39
Tabela 7- Fatores favoráveis ao uso de <i>a gente</i> NURC/ Brasil. (Lopes/1998).....	42
Tabela 8 - Fatores relevantes sobre o uso de <i>nós/a gente</i> . (Seara/2000).....	44
Tabela 9 - Grupo de fatores relevantes sobre o uso de <i>a gente</i> . (Tamanine/2002).	47
Tabela 10 - Grupo de fatores linguísticos relevantes sobre o uso de <i>a gente</i> . (Borges/2004)..	51
Tabela 11 - Grupo de fatores sociais relevantes sobre o uso de <i>a gente</i> . (Borges/2004)	54
Tabela 12 - Grupo de fatores sociais relevantes sobre o uso de <i>a gente</i> . (Tamanine /2010)....	56
Tabela 13 - Grupo de fatores relevantes sobre o uso de <i>nós/a gente</i> . (Franceschini/2011)	60
Tabela 14 - Resultados probabilísticos de <i>nós /a gente</i> na posição de sujeito em Guarapuava/ PR - rodada final.....	92
Tabela 15- Resultados probabilísticos de <i>nós/a gente</i> na posição de sujeito - Rodada com dados <i>determinados</i>	127
Tabela 16- Resultados probabilísticos de <i>nós /a gente</i> na posição de sujeito - rodada sem a variável presença/ausência do pronome (<i>a gente</i> - <i>input</i> : 0,60)	128
Tabela 17 - Uso dos pronomes <i>nós/a gente</i> por informante.....	129

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Processo de transformação de <i>a gente</i>	25
Quadro 2 - Representação da cadeia de transformações fonéticas de <i>a gente</i>	26
Quadro 3 - Traços morfo-semânticos de gênero, número e pessoa de <i>gente, a gente</i>	27
Quadro 4 - Sistema Pronominal do PB	30
Quadro 5 - Sistema Pronominal do PB em uso	32
Quadro 6 - Situação atual do Sistema Pronominal do PB.....	32
Quadro 7 - Cruzamento entre as variáveis <i>tempo verbal</i> e <i>determinação do referente</i>	95
Quadro 8 - Cruzamento entre as variáveis <i>tipo de texto</i> e <i>determinação do referente</i>	99

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Frequência de <i>nós/a gente</i> na posição de sujeito preenchido e não-preenchido ...	91
Gráfico 2 - Efeito da variável tipo de texto no uso de <i>a gente</i> em Curitiba, Concórdia e Guarapuava.....	98
Gráfico 3 - Cruzamento <i>escolaridade e faixa etária</i>	104
Gráfico 4 - Cruzamento <i>sexo e escolaridade</i>	105
Gráfico 5 - Cruzamento <i>faixa etária e sexo</i>	107

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.2 Objetivos.....	13
1.2.1 Objetivo geral	13
1.2.2 Objetivos específicos.....	14
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1 Breve trajetória da Linguística até a Sociolinguística	15
2.2 A gramaticalização de <i>a gente</i> no PB	25
2.3 O sistema pronominal do PB	30
3. REVISÃO DE ESTUDOS SOBRE <i>NÓS/A GENTE</i>	36
3.1 Pesquisas sobre <i>nós/a gente</i> no Brasil	36
4. <i>NÓS/A GENTE</i> EM GUARAPUAVA	64
4.1 Características históricas e sociais da comunidade analisada	64
4.2 Coleta de dados e composição da amostra	69
4.3 O programa estatístico GOLDVARB X.....	69
4.4 A estruturação das variáveis	69
4.4.1 A variável dependente <i>nós/a gente</i>	70
4.4.2 Variáveis linguísticas	73
4.4.2.1 Presença/ausência do pronome	73
4.4.2.2 Determinação do referente	74
4.4.2.3 Tipo de texto	81
4.4.2.4 Tempo Verbal.....	83
4.4.2.5 Concordância verbal	84
4.4.2.6 Tonicidade.....	85
4.4.3 Variáveis sociais.....	86
4.4.3.1 Faixa etária	86
4.4.3.2 Escolaridade	86
4.4.3.3 Sexo	87
4.4.3.4 Dados desconsiderados.....	88
5. RESULTADOS DA VARIAÇÃO PRONOMINAL <i>NÓS/A GENTE</i> EM GUARAPUAVA	90
5.1 Resultados da variação pronominal <i>nós/a gente</i> em rodada geral no GoldvarbX	90

5.2 Resultados das Variáveis linguísticas em Guarapuava	93
5.3 Resultados das Variáveis Sociais em Guarapuava	102
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
ANEXOS.....	120

1. INTRODUÇÃO

Nesta dissertação, apresentamos um estudo sobre a variação pronominal *nós/a gente* na posição de sujeito, em Guarapuava/Paraná, município que tem aproximadamente 170.000 habitantes e onde há poucos estudos sociolinguísticos.

O método utilizado na nossa pesquisa é o da sociolinguística, que visa à coleta de narrativas de experiências pessoais, em que os entrevistados contam suas experiências, resultando em relatos espontâneos e na linguagem oral real, ou seja, na língua falada como ela é. O modelo de análise utilizado é da linguística laboviana, que também é conhecido como sociolinguística quantitativa, por operar com números e dar um tratamento estatístico aos dados coletados.

O *corpus* desta pesquisa é composto por uma amostra de 24 entrevistas gravadas, pertencentes ao projeto VARLINGUA¹, realizadas no período 2014 a 2015. Adotamos alguns critérios para a seleção dos informantes: ser morador do município de Guarapuava/PR (nascido (a) no município ou na região de Guarapuava²), distribuídos por faixa etária (25 a 45 anos, 50 anos ou mais), sexo (masculino e feminino) e escolaridade (1 a 4; 5 a 8; 9 a 11 anos de escola).

Iniciamos a presente dissertação apresentando qual é a finalidade deste trabalho e elencando os objetivos da pesquisa. No capítulo 2, apresentamos a fundamentação teórica, iniciamos com uma breve abordagem dos estudos da linguagem no século XX, partindo das ideias do linguista Ferdinand Saussure até chegarmos aos pressupostos teóricos da sociolinguística variacionista, propostos por William Labov (1972, 2008). Em seguida, tratamos de estudos referentes à gramaticalização de *a gente* no PB, destacando alguns trabalhos que apresentam e discutem esse processo, dentre eles: Menon (1995b, 1996), Omena & Braga (1996), Lopes (2003, 2007) e Zilles (2007). Apresentamos também nesse capítulo uma síntese sobre o sistema pronominal do PB e a integração dos pronomes *você* e *a gente* no sistema pronominal.

No capítulo 3, apresentamos os resultados de alguns trabalhos já realizados sobre a variação pronominal *nós/a gente* no Brasil, dentre eles, os desenvolvidos por: Omena (1998a)

¹ O VARLINGUA é um banco de dados de fala de informantes de Guarapuava/Paraná, que segue os preceitos da Sociolinguística Variacionista e foi montado, nos mesmos moldes do Projeto VARSUL, por pesquisadores ligados ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Unicentro. Atualmente, além das entrevistas aqui analisadas, o banco conta ainda com entrevistas de universitários.

² As características históricas e sociais da comunidade analisada serão abordadas no subitem 4.1 do Capítulo 4, p. 38.

e (1998b), Lopes (1998), Seara (2000), Menon; Lambach; Landarin (2003), Tamanine (2002, 2010), Borges (2004) e Franceschini (2011).

Abordamos, no capítulo 4, as etapas utilizadas para a realização da pesquisa sobre a variação pronominal *nós/a gente*, em Guarapuava/PR. Destacamos algumas características históricas e sociais da comunidade analisada e, em seguida, tratamos da constituição da amostra e do programa estatístico GoldVarb X. Por fim, apresentamos as variáveis dependentes e independentes analisadas em nosso estudo.

No capítulo 5, são apresentados e discutidos os resultados, obtidos por intermédio do programa estatístico GoldVarb X, referentes à variação *nós/a gente* na amostra de Guarapuava. As variáveis analisadas foram: *tonicidade, tempo verbal, presença/ausência do pronome, tipo de texto, determinação do referente, concordância verbal, escolaridade, sexo e faixa etária*.

1.1 Justificativa e relevância do trabalho

A finalidade desta pesquisa é descrever e analisar a alternância dos pronomes *nós/a gente* em Guarapuava (Paraná), com base nos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista (cf. LABOV, 2008).

Este estudo nos permitirá conhecer como a variação pronominal *nós/a gente* se apresenta na fala dos guarapuavanos e quais são os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam seu uso na comunidade analisada. Procuramos também relacionar os resultados da análise dos dados de Guarapuava com outros estudos que demonstraram a variação na fala usando o pronome *nós/a gente*, em outras comunidades brasileiras.

Espera-se, com os resultados obtidos, contribuir para a descrição e o conhecimento do português falado no interior do Paraná e também do Brasil, no tocante aos estudos sobre a variação pronominal *nós/a gente*.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

O principal objetivo deste trabalho é descrever e analisar a variação pronominal *nós/a gente* no município de Guarapuava/ PR, por meio da sociolinguística quantitativa proposta por William Labov (1972, 2008). Além disso, visamos:

(i) Verificar o uso das formas pronominais *nós/a gente* na posição de sujeito. Além disso, entender quais são os principais fatores que condicionam a variação linguística *nós/a gente* e qual a relevância de cada um dos fatores sociais e linguísticos aqui propostos;

(ii) Averiguar se há mudança em curso ou não da forma canônica *nós* para a forma *a gente*. Nossa hipótese geral para este estudo é que a comunidade de Guarapuava utilizará mais a forma inovadora *a gente*.

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Observar qual é a incidência do uso das formas *nós/a gente* na fala da comunidade guarapuavana analisada;
- b) Analisar a relevância dos fatores sociais e linguísticos no uso de *nós/a gente* a partir dos resultados em pesos relativos³;
- c) Verificar se há diferenças no uso das formas *nós/a gente* levando em conta duas faixas etárias (25 a 45 anos e 50 anos ou mais), três níveis de escolaridade (Fundamental I, Fundamental II e Ensino Médio) e sexo (masculino/feminino);
- d) Examinar se a forma canônica *nós* está sendo substituída pela forma *a gente*;
- e) Comparar os resultados desta pesquisa a alguns estudos realizados em outras comunidades de fala no Brasil;
- f) Contribuir para a descrição e análise do português falado em Guarapuava e os estudos de variação/mudança linguística do Brasil.

³ Peso relativo – É uma notação estatística do programa VARBRUL. Consiste no resultado da análise probabilística da correlação entre as variáveis em estudo, quanto mais próximo de 1 (um), mais o fator favorece a aplicação da regra, se próximo de zero, significa que tal fator desfavorece fortemente o uso da variante e quando é igual ou próximo a 0,50, é neutro.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Apresentamos, neste capítulo, uma breve trajetória da Linguística. Inicialmente abordamos os estudos da linguagem no século XX, partindo das ideias do linguista Ferdinand Saussure até chegarmos aos pressupostos teóricos da sociolinguística propostos por William Labov (1972, 2008). Em seguida, tratamos de estudos referentes à gramaticalização de *a gente* no PB, elencamos alguns trabalhos que discutem esse processo, como: Menon (1995b, 1996), Omena & Braga (1996), Lopes (2003, 2007) e Zilles (2007). Além disso, apresentamos uma síntese sobre o sistema pronominal do PB tendo como base textos de Menon (1995a, 2000) e Lopes (2007).

2.1 Breve trajetória da Linguística até a Sociolinguística

Nesta seção, apresentamos um breve percurso da Linguística até chegarmos ao surgimento da Sociolinguística Laboviana. Além disso, abordamos alguns estudos de Labov como: o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts, a estratificação do (r) nas lojas de departamento em Nova Iork e o estudo sobre o inglês vernacular dos adolescentes negros do Harlem (Nova Iork). Depois, tratamos especificamente de algumas definições da sociolinguística, da teoria da variação e dos grupos de estudos sociolinguísticos formados no Brasil.

No início do século XX, Saussure estabeleceu a Linguística como uma ciência autônoma. Para isso, definiu como objeto de estudo da Linguística a língua (*langue*), e estabeleceu a dicotomia entre a língua (*langue*) e a fala (*parole*). Sendo assim, resultando num corte metodológico que determinou como objeto da Linguística a língua e suas relações internas. Para Saussure, a língua é homogênea e social, é um sistema utilizado como meio de comunicação entre os membros de uma comunidade, que corresponde à parte essencial da linguagem, devido a seu caráter social. Já a fala foi definida como heterogênea e individual. Para o autor, a língua é a condição da fala, pois toda vez que falamos estamos submetidos a um sistema de regras que corresponde à língua. Saussure foi o precursor do estruturalismo, enfatizou a ideia de língua como um sistema, isto é, um conjunto de unidades que obedecem a certos princípios de funcionamento.

Na afirmação de Martelotta,

O estruturalismo, portanto, compreende que a língua, uma vez formada por elementos coesos, inter-relacionados, que funcionam a partir de um conjunto de regras, constitui uma organização, um sistema, uma estrutura. Essa organização dos elementos se estrutura seguindo leis internas, ou seja, estabelecidas dentro do próprio sistema. (MARTELOTTA, 2013, p. 114).

O desenvolvimento da Linguística Estrutural foi um dos acontecimentos mais importantes do século XX. As ideias de Saussurianas foram difundidas com a publicação da obra *Curso de Linguística Geral* (CLG), em 1916, na França, que foi redigida e publicada por dois alunos do mestre genebrino, Charles Bally (1865-1947) e Albert Sechehaye (1870-1946), na Universidade de Genebra. Saussure faleceu no ano de 1913 três anos antes da publicação do CGL.

Da mesma forma que Saussure, outros teóricos seguiram o princípio da homogeneidade e adotaram um enfoque rigorosamente estruturalista, como Bloomfield (1933) que acabou desconsiderando a natureza semântica do signo e sua função social; Hjelmslev (1933), que afirmou que a linguagem era autossuficiente e Chomsky (1965), que com o modelo gerativo elegeu como objeto de estudo da linguagem a competência do falante, deixando de lado o caráter social, ou seja, ele considerou o “falante-ouvinte ideal”⁴, que pertence a uma comunidade linguisticamente homogênea. O estruturalismo e o gerativismo não incluíram em suas análises a variação linguística porque esta estava, na visão desses estudiosos, fora do âmbito de estudo da Linguística.

No entanto, como a língua está em constante transformação e funciona como elemento de interação entre indivíduo e sociedade, percebe-se, então, a necessidade de compreender o significado da variação linguística e as diferentes possibilidades de uso da língua. Na segunda metade do século XX, mais precisamente nas décadas de 50 e 60, nos Estados Unidos, a sociolinguística entrou em cena, com o estudo da língua falada e iniciando os estudos relacionados à língua e à sociedade. A sociolinguística se constituiu de forma interdisciplinar com a interação com outras áreas, como a antropologia e a sociologia, que tiveram papel fundamental para o desenvolvimento da nova disciplina, pois, os estudos sociológicos e linguísticos buscavam estudar os *dialetos sociais*⁵.

De acordo com Marra e Milani (2012), no início da década de 60, dois fatores foram determinantes para o surgimento da sociolinguística. O primeiro fator foi o evento de

⁴ Falante-ouvinte ideal – Termo advindo da teoria gerativa proposta por Noam Chomsky. É o falante “situado numa comunidade completamente homogênea, que conhece perfeitamente a sua língua e que, ao aplicar o seu conhecimento no uso efetivo, não é afetado por limitações de memória, distrações, desvios de atenção e de interesse, e erros.” (CHOMSKY 1975, p. 83).

⁵ Dialetos Sociais – “Habitual subvariedade da fala de uma comunidade, restrita por operações de forças sociais a representantes de grupos étnico, religioso, econômico ou educacional específico.” (MOLLICA, 2009, p. 85).

sociolinguística realizado pelo *Center for Research in Language and Linguistics* da Universidade da Califórnia na cidade de *Lake Arrowhead*. Segundo os autores, nessa época, diversos pesquisadores estudavam a língua e a sociedade, dentre eles Charles Ferguson (1921-1998) e John Gumperz (1922-2013). Logo após esse evento foram criados dois cursos sobre a sociolinguística no *LSA Summer Institute*, e esses cursos foram denominados *Language and Society e Sociolinguistics*, ministrados por Ferguson e Gumperz, e impulsionaram os estudos da variação linguística.

Conforme Marra e Milani (2012, p. 8), “Paulson & Tucker (2003) argumentam que o termo sociolinguística foi aparentemente criado em 1939 por Thomas Callan Hodson (1871-1953) como título de um artigo *Socio-linguistics in Índia: Man in India* publicado em um jornal de Antropologia.” Mas, houve certa resistência por parte de alguns estudiosos para aceitar essa terminologia, uma vez que ela implicava na existência de uma ciência linguística que não fosse social e até mesmo o próprio Labov resistiu a essa terminologia: “Por vários anos, resisti ao termo sociolinguística, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem sucedida que não é social.” (LABOV, 2008, p. 13).

De acordo com Monteiro (2002, p.15), as primeiras tentativas para delimitar o campo da sociolinguística foram do linguista e antropólogo William Bright (1966) e do sociólogo Joshua Fishman (1972). Bright formulou uma série de ideias sobre a relação entre língua e sociedade e acabou estabelecendo que o objeto de estudo da sociolinguística era a diversidade linguística, mas ambos os autores não conseguiram defini-la com exatidão.

O americano William Labov é considerado o fundador da sociolinguística variacionista. Seu primeiro estudo foi sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts, nos Estados Unidos, em 1963. Nesse estudo, Labov observou uma forma peculiar na maneira como os informantes pronunciavam os ditongos (*ay*) e (*aw*) centralizados no aparelho fonador. Os habitantes da ilha eram famílias de origem inglesa, portuguesa e indígena, e como a ilha era um lugar turístico, recebia muitos veranistas na temporada.

Segundo o autor, a centralização dos ditongos ocorria devido à resistência da população local à invasão dos veranistas na ilha, servindo como uma reivindicação simbólica aos direitos e privilégios locais. Com a invasão dos veranistas ocorreram mudanças sociais dramáticas e, entre elas, mudanças linguísticas. A forma linguística para a pronúncia dos ditongos trazida pelos veranistas era inovadora e de prestígio, pois se assemelhava à pronúncia do inglês padrão, enquanto a forma mais usada pela população local era a conservadora.

De acordo com Labov (2008), a população da ilha de Martha's Vineyard era dependente economicamente do turismo, pois não existiam indústrias e a pesca que sustentava a economia já não era a mesma de antes. Além disso, a agricultura e a pecuária decaíram drasticamente devido ao alto custo dos fertilizantes. Portanto, essas pressões econômicas foram apresentadas pelo autor para explicar que a dependência financeira em relação ao turismo atuava como uma ameaça à independência pessoal dos moradores da ilha.

Nessa pesquisa, Labov relacionou os fatores sociais ocupação, origem étnica idade e atitude ao comportamento linguístico dos nativos da ilha. O autor fez 69 entrevistas e obteve 3.500 ocorrências de (ay) e 1.500 ocorrências de (aw). O autor verificou que, dos grupos ocupacionais de pescadores e fazendeiros, foram os pescadores que fizeram maior uso da centralização dos ditongos, sendo o grupo que mais se opôs às incursões dos veranistas. Quanto aos grupos étnicos ingleses, portugueses e indígenas, o autor constatou que os ingleses se submeteram às pressões externas, já que a ilha dependia economicamente do turismo. Os indígenas formavam um grupo relativamente pequeno e homogêneo e centralizavam mais o ditongo (aw), eles apresentavam um comportamento semelhante aos dos portugueses, especialmente entre os jovens. Já os portugueses de terceira ou quarta geração foram os que apresentaram uma nítida subida na taxa de centralização. Mas, Labov observou que a pronúncia centralizada ocorria com mais frequência na fala dos mais jovens.

Labov verificou, ainda, que os habitantes que desejavam ficar na ilha adotavam uma pronúncia mais centralizada, conservadora do dialeto da ilha, e aqueles que desejavam partir e não estabeleciam uma relação tão próxima com a história da ilha adotavam uma pronúncia não-centralizada. Assim, o autor verificou que as mudanças sociais ocorridas naquela comunidade desencadearam uma mudança linguística. Esse trabalho resultou na dissertação de mestrado de Labov (1963).

Labov também analisou a estratificação social do inglês falado na cidade de Nova Iorque (1966), mais especificamente a língua do gueto: estudo sobre o *inglês vernacular dos adolescentes negros do Harlem*⁶. O objetivo de seu estudo era verificar se o dialeto falado pelos adolescentes tinha relação com o fracasso das escolas em ensiná-los a ler.

⁶ Foi por muito tempo conhecido como *Black English Vernacular (BEV)* – inglês negro vernacular, em português. Atualmente nos meios acadêmicos o termo foi substituído pela nomenclatura *African American Vernacular English (AAVE)* – inglês afroamericano vernacular, em português. Há ainda o frequente emprego do termo *Ebonics*.

De acordo com Calvet (2002), Labov trabalhou com crianças de “guetos urbanos”, população composta pela cultura vernacular das ruas, rejeitadas pelo sistema escolar. Por isso, denomina “vernáculo negro-americano” à fala “não padrão”⁷.

Devido ao conflito cultural e ao conflito entre dois conjuntos, o “vernáculo” e o inglês padrão, Labov justifica o fato de que os jovens negros tinham dificuldades de aprendizado do inglês padrão, resultando no fracasso escolar.

Outro estudo de Labov, que resultou na sua tese de Doutorado e se tornou referência para os demais estudos sociolinguísticos, foi sobre as variações fonológicas da consoante (r) na posição pós-vocálica na fala dos funcionários das lojas de departamentos em Nova Iorque, publicado no ano de 1966. O autor utilizou uma amostra aleatória secundária do *Lower East Side*, que é a parte da Ilha de Manhattan que fica a leste da 5.^a Avenida *East Side* (lado leste). Segundo Labov, antes desse estudo ser realizado houve diversas investigações preliminares, entre elas 70 entrevistas individuais e observações anônimas em lugares públicos. Com isso, foi possível ter uma noção geral que a variável linguística (r) é um diferenciador social em todos os níveis de fala de Nova Iorque. Assim, foi possível definir as variáveis fonológicas que seriam estudadas, entre elas, o estudo do (r), ou seja, a presença ou a ausência da consoante (r) em posição pós-vocálica, como em *car, card, four, fourth* (carro, cartão, quatro, quarto).

De acordo com Labov, a hipótese geral para esse estudo é a de que se dois subgrupos estão dispostos em diferentes escalas de estratificação social, conseqüentemente, estarão na mesma ordem quanto ao uso diferenciado do (r)⁸. A hipótese foi estabelecida da seguinte forma: “[...] vendedores da loja de *status* mais alto vão apresentar valores mais altos de (r); os da loja com *status*⁹ médio vão apresentar valores intermediários de (r); e os da loja de *status* mais baixo vão apresentar os valores mais baixos.” (LABOV, 2008, p. 66).

Para realizar os testes foram selecionadas três grandes lojas de departamentos em Manhattan com diferentes *status*, loja com *status* alto, loja com *status* médio e loja com *status* baixo. O autor fez 68 entrevistas na loja Saks, 125 na Macy’s e 71 na Klein, totalizando 6 horas e 30 minutos de tempo, distribuídos entre os 264 falantes.

⁷ Em geral, a variante padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre “não padrão” e estigmatizada pelos membros da comunidade.” (TARALLO, 2001, p. 12).

⁸ De acordo com Labov (2008), quanto às realizações do (r), foram registradas como (r-1) se o fonema era pronunciado, (r-0) se não era pronunciado. Os casos duvidosos ou constrição parcial foram simbolizados como *d* e não entraram na tabulação final.

⁹ *Status* - significa a posição social de um indivíduo, o lugar que ele ocupa na sociedade, e é um termo oriundo do latim. *Status* significa posição de pé, estado, situação ou condição, e é relacionado a um lugar ocupado por uma pessoa na sociedade. Disponível em: <http://www.significados.com.br/status/>. acesso em 13.08.2015.

Para melhor explicar a estratificação social, Labov faz comparações entre as lojas: Saks Fifth Avenue (*status superior*), a Macy's (*status médio*) e a S. Klein (*status inferior*), e considerou também a localização das lojas. A primeira ficava numa zona comercial sofisticada junto às lojas de alto luxo, a segunda próxima à zona das confecções com preços e prestígio medianos e a terceira não ficava muito longe do *Lower East Side*. Além disso, Labov também considerou o espaço físico das lojas, a postura dos funcionários e as políticas de publicidade e preços.

Outro elemento de estratificação social verificado na sondagem realizada por Labov foi o tipo de jornal que a pessoa lia, o *The New York Times*¹⁰ foi o mais lido pela classe média, enquanto o *Daily News*¹¹ era o mais lido pela classe trabalhadora. Labov também observou que as políticas de publicidade e preços dessas lojas também eram estratificadas e isso foi detectado nos anúncios publicitários realizados em outubro de 1962. A Saks e a Macy's anunciaram seus produtos e preços durante quatro dias no Jornal *New York Times*, enquanto a Kleins anunciou apenas uma peça pequena. Já no jornal *Daily News*, a Sacks que tem um *status superior* nunca aparece, enquanto a Kleins e a Macy's são anunciantes de peso.

Quanto ao procedimento utilizado por Labov para realizar a pesquisa, o autor se aproximava dos informantes como se fosse um cliente e pedia informações sobre determinado departamento que ficava no quarto andar. Em suas abordagens, as perguntas eram as seguintes:

“Por favor, onde ficam os sapatos femininos?” a resposta era: “Fourth floor (quarto andar)”, logo ele repetia a pergunta como se não tivesse entendido, “como?” e tinha outro resultado “Fourth floor” pronunciado em estilo monitorado com acento enfatizado. No quarto andar a forma da pergunta teve que mudar: “Por favor que andar é este?”. (LABOV, 2008, p. 70).

As variáveis identificadas para o uso do (r) foram as ocorrências casuais (*fourth four*) e as ocorrências enfáticas (*fourth four*). Além disso, o autor observou que houve ocorrências de africadas e oclusivas no final do vocábulo (*fourth*). O autor notou ainda, a não padronização do (*th*) na fala dos informantes.

¹⁰ *The New York Times* - é um jornal de circulação diária produzido na cidade de Nova Iorque e distribuído por todos os Estados Unidos, assim como em diversos outros países. É reconhecido internacionalmente, devido a sua cobertura global, sendo referência para jornais de todo o mundo. Disponível em: http://www.insite.pro.br/2011/fevereiro/nyt_noticias_historia.pdf. Acesso em 13.08.2015.

¹¹ *Daily News* - é um jornal norte americano com sede na cidade de Nova Iorque e o quinto maior jornal de publicação diária nos Estados Unidos. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Daily_News. Acesso em 13.08.2015.

Segundo Labov (2008, p.72) “Os resultados obtidos mostraram claramente a estratificação do (r) nas três lojas, as percentagens foram as seguintes: 62% dos empregados da Saks, 51% de Macy’s e 21% da Kleins usaram (r-1) sempre ou às vezes, foram usadas as formas totais e parciais, mas a estratificação foi mais pronunciada com (r-1) total.”

O autor verificou que as lojas Macy’s e Klein têm muita diferenciação na pronúncia do (r) e nas lojas Saks e Macy’s não havia grande diferenciação. Além disso, constatou que outros fatores extralinguísticos foram importantes como a raça, a idade e a classe social.

Quanto à raça, Labov verificou que a maior parte dos informantes que não pronunciaram o (r) de maneira marcada foram os negros. Na loja Kleins (loja com *status* inferior) existiam mais atendentes negros do que nas outras lojas e essa constatação vem confirmar a questão da estratificação social, pois os negros, provavelmente devido ao processo histórico, trabalham em lugares menos prestigiados.

Em relação à idade, a hipótese era de que os mais jovens fariam maior uso da pronúncia do (r), mas, contrariamente à sua hipótese, ocorreu uma certa uniformidade da pronúncia nas faixas etárias em geral. Quanto à classe social, Labov observou que há uma diferença entre o comportamento do grupo de *status* mais alto e os demais,

[...] a classe média alta desenvolve o uso de (r-1) cedo na vida – como uma expressão variável de formalidade relativa a ser encontrada em níveis estilísticos. Para os outros grupos na cidade de Nova York, não existe base sólida para (r-1) no estilo vernacular da fala casual; para eles, (r-1) é uma forma que requer alguma atenção ao modo de falar, se for usada (LABOV, 2008, p. 85).

De acordo com o autor, o uso da forma (r-1) para os demais grupos é uma forma que requer atenção ao falar, pois alguns anos atrás a norma de prestígio era (r-0), então a atual classe média baixa exagera no processo de correção buscando a norma de prestígio em vigor (r-1).

O estudo de Labov comprovou a hipótese geral de que se dois subgrupos estão dispostos em diferentes escalas de estratificação social, conseqüentemente estarão na mesma ordem quanto ao uso diferenciado do (r). Foi verificada a estratificação social do (r) na fala dos informantes das três lojas. Assim, com seus estudos inovadores, Labov colaborou significativamente para o desenvolvimento metodológico da sociolinguística.

A partir desse breve panorama histórico, passamos a tratar, a seguir, especificamente de da sociolinguística, da teoria da variação e dos grupos de estudos sociolinguísticos formados no Brasil.

O objeto de estudo da sociolinguística é o “vernáculo”¹², a língua falada, considerada veículo de comunicação em situações naturais de interação social, em nossos lares, rodas de amigos e também nas situações formais de fala, ou seja, a língua falada em situações reais e que pode ser observada, descrita e analisada em todos os níveis de linguagem (fonológico, morfológico, sintático, semântico e discursivo). Além disso, a sociolinguística se ocupa de questões como variação e mudança linguística, bilinguismo, contato linguístico, línguas minoritárias, política e planejamento linguístico, entre outras.

Segundo Labov (2008 p. 221), “é comum que uma língua tenha diversas maneiras alternativas de dizer “a mesma” coisa. Algumas palavras diferentes como *carro* e *automóvel*, parecem ter os mesmos referentes, outras têm duas pronúncias, como *cantando* e *cantano* [...]” Para o autor, às diferentes maneiras de se dizer “a mesma coisa” chamamos de “variantes linguísticas” e ao conjunto de variantes dá-se o nome de “variável linguística”.

Na visão de Calvet (2002, p. 102), “temos a variável linguística quando duas formas diferentes permitem dizer a mesma coisa, ou seja, quando dois significantes têm o mesmo significado e quando as diferenças que elas representam têm uma outra função, estilística ou social.”

As variantes podem permanecer estáveis no sistema durante um período curto de tempo ou até mesmo por séculos. Podem ainda, sofrer mudanças quando uma das formas for substituída por outra(s). Os condicionamentos que concorrem para o emprego de formas variantes emergem de dentro ou de fora dos sistemas linguísticos, ou seja:

A variação linguística é uma das características universais das línguas naturais que convive com forças de estabilidade. Aparentemente caótica e aleatória, a face heterogênea imanente da língua é regular, sistemática e previsível, porque os usos são controlados por variáveis estruturais e sociais. (MOLLICA, 2013, p. 27).

A variação é estruturada de acordo com as propriedades sistêmicas da língua, por isso pode ocorrer no eixo diatópico e diastrático. Quando nos referimos ao eixo diatópico, estamos tratando dos limites geográficos. Já o eixo diastrático compreende a variação de acordo com as camadas sociais. Conforme Beline (2008, p. 122): “Numa mesma língua, um mesmo vocábulo pode ser pronunciado de formas diferentes, seja conforme o lugar - variação

¹² Vernáculo – ‘Nem todos os estilos ou pontos do continuum estilístico são de igual interesse para os linguistas. Alguns estilos exibem padrões fonológicos e gramaticais irregulares, com grande volume de “hipercorreção”. Em outros estilos, encontramos a fala mais sistemática, onde as relações fundamentais que determinam o curso da evolução linguística podem ser vistas mais claramente. Este é o “vernáculo” – O estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala.’ (LABOV, 2008, p. 244).

diatópica, ou seja, conforme a situação (mais formal ou mais informal) em que se está falando - variação diafásica”.

A variação pode se manifestar nos diferentes níveis da língua. No nível lexical, a variação manifesta-se quando fazemos referência a um elemento do mundo com formas linguísticas diferentes. No Brasil, é muito comum uma variante ser utilizada em uma dada região do país e em outra região ser utilizada outra palavra para se referir ao mesmo referente. Por exemplo, “jerimum” é uma palavra muito usada na Bahia, e que corresponde à “abóbora” no sul do país.

No nível fonológico, os fonemas podem ter mais de uma realização fonética, por exemplo, a pronúncia do “r” pelos paulistanos e pelos cariocas, em que o “r”, o flap paulistano, é pronunciado como uma vibrante simples [r] e o “r” dos cariocas é aspirado [h]. Essas diferentes pronúncias do “r” são variantes que constituem uma variável. A variação no nível morfológico se refere à variação nos morfemas ou elementos significativos como, por exemplo, a ausência do “r” na forma infinitiva dos verbos. Neste caso, temos um tipo especial de variação, possivelmente definida por mais de um fator de natureza extralinguística. As variações sintáticas são, entre outras, as diferentes possibilidades de ordenação dos elementos nas sentenças.

De acordo com Tarallo (2001, p.11-12): “As variantes de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão vs. não padrão, conservadoras vs. inovadoras, de prestígio vs. estigmatizadas.” A variante padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e considerada a variante de prestígio, ou seja, a variante de prestígio em geral é associada a um falante ou grupos de *status* social superior.

As variantes inovadoras são quase sempre não padrão e muitas vezes estigmatizadas (embora isso não ocorra com o *a gente*), pois ainda há muito preconceito em relação à linguagem e a visão de que a forma correta de falar é a que está nas gramáticas. Segundo Monteiro (2002, p. 65) “se o falante é um camponês ou mora numa favela, se é analfabeto ou de baixo de nível de escolaridade, é lógico que a sua maneira de falar não será a mesma que as das pessoas que se situam no ápice da pirâmide social”.

De acordo com Câmara Júnior,

Desde o início dos estudos relativos à linguagem, a variação linguística era vista como um “defeito”, como algo que devesse ser combatido. Daí a preocupação com o estabelecimento de normas e a definição de gramática

como “a arte de falar e escrever corretamente”. (CÂMARA JÚNIOR, 1975, *apud* MOLLICA, 2009, p. 86, grifos do autor).

Para Mollica (2009, p. 92), “é preciso banir as considerações que reduzem toda questão linguística aos rótulos de “certo” e “errado” e também banir a ideia de que para se “falar corretamente” é preciso dominar a norma culta/padrão da língua”.

No Brasil, os estudos sobre variação linguística iniciaram-se na década de 60, o precursor desses estudos foi o Projeto NURC (Norma Urbana Culta), que coletou dados de fala (sem utilizar a metodologia variacionista) em cinco capitais brasileiras: São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e Recife. Outro projeto desenvolvido a partir dos anos 70 é o Censo (Censo da Variação Linguística no Estado do Rio de Janeiro), proposto com o objetivo de se estudar a variação e mudança linguística no Rio de Janeiro. Há também o grupo denominado PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), que é uma continuidade do Projeto Censo, sediado no Departamento de Linguística e Filologia da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

No Estado da Paraíba, criado em 1993, o grupo VALPB (Variação Linguística no Estado da Paraíba) tem contribuído para que se estabeleça um perfil linguístico do falante de João Pessoa, com estudos voltados para aspectos diacrônicos, a partir de textos manuscritos, e para as relações entre fala/escrita e fala/leitura.

Além dos projetos já citados, na região Sul do país há o projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul), realizado numa parceria interinstitucional que reúne a UFSC, a PUCRS, a UFRGS e a UFPR. Esse projeto conta com amostras representativas de fala dos três Estados do Sul: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

No Paraná, há também o VARLINFÉ (Banco de Dados Variação Linguística de Fala Eslava), vinculado ao Programa de Extensão Permanente, denominado Núcleo de Estudos Eslavos – NEES, da Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO. Esse projeto iniciou no ano de 2012 e abrange a fala de descendentes de eslavos das cidades paranaenses de Irati, Ivaí, Mallet, Rebouças, Rio Azul, Prudentópolis e Cruz Machado.

Os grupos acima citados são alguns dos grupos pesquisas em Sociolinguística Variacionista existentes no Brasil. Mas, atualmente, há vários outros em todas as regiões do país. Assim como os fenômenos de variação pronominal *nós/a gente* já foram estudados em várias localidades do Brasil.

2.2 A gramaticalização de *a gente* no PB

Nesta seção, apresentamos alguns estudos referentes à gramaticalização do pronome *a gente* no PB, de acordo com Menon (1995b, 1996), Omena & Braga (1996), Lopes (2003, 2007) e Zilles (2007).

Observamos, em diversos estudos sociolinguísticos realizados no Brasil, a entrada da variante *a gente* no quadro dos pronomes pessoais, como uma variação do pronome de 1ª pessoa do plural *nós*. Na língua falada atualmente, conforme mostram os estudos citados, ao referirem-se às pessoas do discurso, os falantes utilizam as formas *nós* e *a gente*.

De acordo com Menon (1996, p. 624, grifos da autora), *a gente* teve sua origem no latim e possuía vários significados:

No latim, *gens*, *gentis* possuía vários significados, como nos mostra GAFFIOT (1934: 708): ‘raça, estirpe, linhagem, família; raça de povo, povo (em ordem decrescente: gente, nação, cidade); o povo de uma cidade; país, região, lugar; pl. gentes “bárbaros”; gênero: a raça humana, o gênero humano’.

Segundo Menon (1995b), ocorreu um processo de transformação de *gente* para *a gente*, de acordo com o quadro 1¹³, apresentado pela autora.

Quadro 1 - Processo de transformação de *a gente*

(..) LNPlena > LNEspecial > LNInvariável > Pron. Indef. > Pron. Pess.1 (P>S)
[...gente...] a gente [a gente] a gente a gente

Fonte: Menon (1995b, p. 398).

Para exemplificar a sequência acima, Menon descreve as fases de *gente* para *a gente*. De acordo com a autora, LNP refere-se à etapa em que a forma *a gente* constitui-se em uma Locução Nominal, correspondendo à etapa de autonomia do substantivo que pode apresentar uma expansão tanto para a esquerda quanto para a direita, o que quer dizer que há um leque de possibilidades para seu uso. O substantivo *gente* permitia a flexão e também podia constituir-se em locução nominal com a adjunção de artigos e outras classes como: demonstrativos, possessivos e adjetivos.

¹³ A numeração dos quadros 1, 2, 3, 4, 5 e 6 não são as originais, foram adaptadas em nosso trabalho seguindo a ordem crescente.

Quanto à sequência seguinte, LNE, que corresponde à Locução Nominal Especial, segundo Menon, verifica-se a inclusão do artigo *a* com a possibilidade de uso no singular e no plural. Já a terceira sequência, LNI (Locução Nominal Invariável), indica o momento em que a LNE deixa de ser usada no plural e se especializa passando a pronome indefinido. Na quarta etapa, a forma passou a ser empregada como forma de indeterminar o sujeito. Na última fase, *a gente* assume, de acordo com a autora, as características de pronome pessoal.

Segundo Menon, o sentido de *a gente* se especializou, mas guardou traços semânticos advindos do seu significado original, ou seja, àqueles que dizem respeito ao seu caráter coletivo, o que quer dizer que passou a expressar o “sujeito indeterminado” (Menon, 1996). Também, segundo a pesquisadora, *a gente* poderia ser antecedido ou seguido por outros elementos linguísticos assumindo outras posições sintáticas, não se tratando mais do substantivo *gente* precedido de artigo, mas de um pronome pessoal que, como os demais pronomes pessoais, exceto os da 3ª pessoa, não possui gênero gramatical.

Dessa forma, a autora afirma que “no processo de transformação semântica, o significante tornou-se fixo, e analisando sintaticamente o pronome indefinido *a gente* não pode mais ser decomposto, não admitindo flexão de número e a concordância neutralizou-se.” Menon (1996, p. 626). A autora destaca que, além dessas transformações, ocorreram paralelamente as transformações fonéticas de *a gente*, não só no nível dos fonemas, mas em relação ao acento, conforme a sequência descrita abaixo:

Quadro 2 - Representação da cadeia de transformações fonéticas de *a gente*

a. LN >	N(ome) >	b P(ronome)
[a.‘ze.tI]	> [a.‘zẽ.tI]	> [a.‘ hẽ.tI]
		> [a.‘ẽ.tI]
		> [a.ẽ.‘tI]
		> [ẽ. ‘tI]

Fonte: Menon (1996, p. 626).

De acordo com o quadro 2, Menon (1996) salienta que, quando a locução se fixou em LNI, analisando sob o ponto de vista fonológico, passou a apresentar comportamento idêntico ao dos itens lexicais, quando considerados os padrões acentuais do português, isoladamente não recebendo mais intensidade 2 (‘), característica de locução; passa então a ter intensidade 1(ˆ), de vocábulo.

Para Menon (1996, p. 623) “as formas nominais utilizadas para expressar um sujeito indeterminado, tais como: “o cara”, “o sujeito”, entre outras, são formas que se cristalizaram,

assumindo um caráter pronominal”. Para explicar melhor essa pronominalização ou cristalização, a autora baseou-se em Hopper & Traugott (1993), que apresentaram a seguinte cadeia de possibilidades de gramaticalização¹⁴:

Evolução: item lexical > palavra gramatical > clítico > afixo.

Para elucidar a sequência acima, a autora recorre à explicação de Reighard (1978, p. 409), que afirma:

Existe uma “hierarquia das categorias”, que consistiria na passagem de uma categorial lexical primária (substantivo, verbo, adjetivo) para uma categoria gramatical secundária (auxiliar, determinante, pronome) que, por sua vez, poderia passar a categoria terciária (clíticos, afixos) que na última etapa do processo, desapareceria. (REIGHARD *apud* MENON, 1996, p. 623)

Dessa forma, Menon salienta que Hopper & Traugott (1993) tomam como ponto de partida para o processo de gramaticalização o item lexical. Segundo os autores, essa transformação pode também ocorrer em níveis mais elevados que o item lexical. No entanto, de acordo com Menon (1996), quando se trata de *a gente* no PB, deve-se estudar o fenômeno em um nível acima dos vocábulos.

Lopes (2003) analisou os dados sobre as alterações nos traços de *número*, *gênero* e *pessoa* no processo de gramaticalização de *a gente* do século XIII ao XX, conforme retrata o quadro 3.

Quadro 3 - Traços morfo-semânticos de gênero, número e pessoa de gente, a gente

TRAÇOS		GENTE	A GENTE
GÊNERO	FORMAL SEMÂNTICO	[+fem] [_φ FEM]	[_φ fem] [_φ FEM]
NÚMERO	FORMAL SEMÂNTICO	[α pl] [+PL]	[_φ pl] [_φ PL]
PESSOA	FORMAL SEMÂNTICO	[_φ eu] [_φ EU]	[_φ eu] [+EU]

Fonte: Lopes (2003, p. 32).

De acordo com a autora, no período arcaico, entre os séculos XIII e XV, no que se refere à interpretação semântica de *gênero*, o traço [+fem] era mais frequente. Mas, essa

¹⁴ A gramaticalização cuja definição original é de Meillet ([1912] 1965) é de “transformação por que passa um item lexical, autônomo, para um item gramatical, preso ou funcional”.

especificação positiva de gênero formal do substantivo acaba desaparecendo, tornando-se neutra.

Para elucidar esse processo, Lopes (2003, p. 70) afirma que “com a forma gramaticalizada *a gente*, a especificação positiva de gênero formal [+fem] do substantivo desaparece, tornando-se [_φ fem].” No que se refere à interpretação semântica, o traço [_φFEM] não esclarecia necessariamente o sexo do referente, e com a pronominalização passaria a ser semanticamente subespecificado [_α FEM], pois *a gente* pode concordar com adjetivos no masculino e/ou no feminino.

Em relação ao *número*, a autora afirma que o traço formal de número registrado na sintaxe se perdeu com o tempo. O substantivo *gente* era empregado com a subespecificação de número [_α pl] podendo ser usado no singular e no plural (*esta gente*), (*estas gentes*), respectivamente. De acordo com a autora, a perda da flexão de número para o substantivo evoluiu da seguinte forma: de *gente* > *a gente* quanto aos traços propostos: [_α pl, +PL] > [_φ pl, +PL] > [_φ pl, PL].

Segundo Lopes (2003, p. 67), no século XVI, se inicia a segunda fase, postulada [_φpl, +PL], e o percentual de ausência do traço de *número* é de 74%, considerado um valor bem representativo. Além disso, a partir desse período, outros fatos foram apontados como relevantes, como o desaparecimento do emprego de *homem* como indefinido e a incidência dos casos de *a gente* com ambiguidade interpretativa. A partir do século XVIII, a perda do traço de *número* é acelerada, atingindo 100% no século XX.

Quanto aos traços de pessoa, de acordo com a autora, houve uma mudança interpretativa, na medida em que passa a compreender o “eu- ampliado”, ou seja, o traço deixou de ser [_φ EU] alterando-se para [+EU] na forma pronominal.

Zilles (2007) também estudou o processo de gramaticalização de *a gente*. A autora inicia seu estudo partindo de uma definição de gramaticalização dada por Meillet (1912), segundo a qual,

entende-se por gramaticalização a mudança linguística por meio da qual ocorre a atribuição do *status* gramatical de um item lexical previamente autônomo (substantivos e verbos, mas também adjetivos e advérbios). (MEILLET, 1912, *apud* ZILES, 2007, p. 27- 28).

De acordo com Zilles, há várias reorganizações gramaticais em curso no PB. Um desses processos é o uso de *a gente* como pronome pessoal de primeira pessoa do plural. Segundo a autora,

Outro aspecto do encaixamento linguístico de *a gente* refere-se ao chamado parâmetro do sujeito nulo. Segundo Duarte (1996; 2000) e Simões (2006), entre outros, o PB estaria se encaminhando para o progressivo preenchimento do sujeito. É notável, neste processo, a contribuição dos novos pronomes da língua, que, por derivarem de sintagmas nominais, estabelecem concordância ou com a terceira pessoa do singular (*você, a gente*), ou com a terceira pessoa do plural (*vocês*) e são altamente preenchidos, mesmo nos contextos de nulo no Português Europeu (PE). (ZILLES, 2007, p. 31).

Outra característica considerada por Zilles (2007) referente à gramaticalização é o modo como ela avança, isto é, as etapas pelas quais ela passa (*palavra lexical > palavra gramatical > clítico > afixo > zero*). Em cada uma dessas transições, há inúmeros processos envolvidos: fonéticos, morfossintáticos, semânticos e pragmáticos. Zilles (2007, p. 29), baseando-se em Heine (2003), destaca quatro mecanismos no processo de gramaticalização: *dessemantização, extensão, decategorização e erosão*.

A *dessemantização* consiste na redução semântica, “*bleaching*”, ou perda de conteúdo semântico. No caso de *a gente*, o substantivo *gente* perde o traço de povo, mas mantém o de pessoa; além disso, ocorre a mudança semântica que permite que *a gente* passe a pessoa do discurso.

No tocante à extensão, Zilles (2007, p. 32) esclarece:

[...] pode ser entendida como a generalização contextual, uso em novos contextos; é um processo de difusão, que se verifica tanto qualitativa quanto quantitativamente. Quantitativamente, conforme Zilles (2005), o uso de *a gente* na posição de sujeito da oração aumenta significativamente dos anos 1970 para os anos 1990. Qualitativamente, expande-se para novos contextos, onde antes não era possível.

A *decategorização*, segundo Zilles, é um mecanismo que consiste na perda de propriedades morfossintáticas características das formas fonte, incluindo a perda do *status* de palavra independente própria da cliticização e da afixação. A autora destaca que quando *a gente* torna-se pronome indefinido, há algumas restrições combinatórias, como, por exemplo: “*a boa gente*”, que não corresponde ao uso de pronome; neste caso, “*gente*” é um substantivo e não um pronome, e a expressão “*as gentes*” não tem o significado de primeira pessoa do plural, mas de “as pessoas”.

Segundo Zilles (2007), a última fase é a *erosão*, que consiste na redução fonética, isto é, na perda de substância fonética, em que a forma *a gente* pode ser realizada como *a gente, ahente, a'ente e 'ente*, conforme já descrito por Menon (1996).

De acordo com Lopes (2007, p. 104), não há ainda um mapeamento do quadro atual de pronomes e mesmo que *a gente* esteja sendo utilizado cada vez com mais frequência, para substituir *nós*, permanecem as duas formas de referência à primeira pessoa do plural, no português falado no Brasil, ainda que a forma inovadora *a gente* esteja ganhando espaço nas últimas décadas.

2.3 O sistema pronominal do PB

Nesta seção, apresentamos uma síntese sobre o sistema pronominal do PB tendo como base textos de Menon (1995a, 2000) e Lopes (2007). No Brasil, a integração do pronome *a gente* no sistema pronominal do PB, assim como o pronome *você*, ocasionaram repercussões gramaticais em diferentes níveis da língua.

De acordo com Menon (1995a, p. 91) a grande maioria dos manuais escolares apresenta o Paradigma dos Pronomes Pessoais Sujeito (PSUJ), que é constituído por (*eu, tu, ele; – nós, vós, eles*) pessoas do singular e do plural, respectivamente. No entanto, segundo a autora, ocorreram transformações no sistema pronominal do PB, e algumas das formas nominativas já desapareceram, no uso oral e escrito, embora permaneçam nas gramáticas escolares do PB, como é o caso do pronome *vós*. A seguir, apresentamos o quadro do sistema pronominal que geralmente figura nos manuais escolares, segundo Menon:

Quadro 4 - Sistema Pronominal

Pessoa	PSUJ	POBJ DIR	POBJ IND	POBJ PREP	PPOS
1ª Sing.	eu	me	me	mim	meu, minha
2ª Sing.	tu	te	te	ti	teu, tua
3ª Sing.	ele, ela	o, a	lhe	si, ele, ela	seu, sua
1ª Plural	nós	nos	nos	nós	nosso, nossa
2ª Plural	vós	vos	vos	vós	vosso, vossa
3ª Plural	eles, elas	os, as	lhes	si, eles, elas	seu, sua

Fonte: Menon (1995a, p. 93).

De acordo com Menon (1995a), as modificações de forma nos pronomes referentes às segundas pessoas começaram pelo plural, por serem formas menos marcadas¹⁵. Menon aponta algumas dessas modificações ocorridas, como o desaparecimento do pronome *vós*, forma que era empregada quando existia mais de um interlocutor e que correspondia à 2.ª pessoa do plural. Essa forma – *vós* – era muito usada no período medieval por ser considerada

¹⁵ “Para entender a noção de *marca*, deve-se levar em conta que uma pessoa não podia empregar o *tu* ao se dirigir a outra, desconhecida” MENON (1995a, p. 93).

uma forma polida para se dirigir ao interlocutor. A autora, que nesse texto trata mais especificadamente da evolução do sistema de representação da 2.^a pessoa, também destaca que a forma *tu* era considerada uma forma de tratamento íntimo, usada geralmente nos seguintes casos: de superior para inferior, de iguais para iguais, e não poderia ser usado com pessoas desconhecidas, por ser uma forma bem marcada.

No século XV, segundo Menon (1995a), as formas *Vossa Mercê* e *Vossa Senhoria* eram formas habituais de tratamento não-íntimo entre os nobres (entre *iguais*), e eram também usadas por pessoas de posição social inferior ao dirigirem-se aos nobres. *Vossa Mercê*, porém, começou também a ser usada entre os servos e os artesãos e, devido a essa forma passar a ser usada por todos, na medida em que ia se popularizando, passava por mudanças fonéticas importantes.

Assim, segundo Menon, essa expansão e intensidade de uso acarretaram mudanças fonéticas, transformando-se gradualmente de *Vossa Mercê* e chegando até a forma *você*. No Brasil, *você* passou a ser forma de tratamento íntimo em decorrência de seu uso no início da colonização. Durante o processo de modificação fonética a forma *você(s)* se pronominalizou e se integrou no PSUJ.

Com a introdução de uma nova forma para as segundas pessoas, o paradigma verbal também sofreu modificações, persiste a especificação de 3.^a pessoa, mas a interpretação semântico-discursiva passa a ser de 2.^a pessoa. Isso é resultado da contínua imperfeição do sistema linguístico: uma modificação em alguma parte sempre acarreta modificações em outra(s) partes. (MENON, 1995a, p. 96)

Além disso, a autora ressalta as modificações ocorridas nos Pronomes Pessoais (POJB) que têm função de Objeto Direto e Indireto, tônicos ou átonos, no caso *o (os)/ lhe(s)*. Segundo a autora, essas formas entraram em declínio já faz algum tempo, e isso pode ser percebido na língua falada do PB. O objeto direto passou a ser expresso pelo pronome “*ele*”, ou seja, o “*o*” foi substituído por “*ele*”.

Em relação ao pronome indireto, *lhe*, o que se pode aventar é que passou por um processo de regularização de formas, à semelhança dos seus companheiros de paradigma (*me/te*). Mas não foi simplesmente transformado em pronome bifuncional, capaz de exercer duas funções. Ele passou a ser empregado junto com o pronome *você*, em razão provavelmente, da origem do pronome (como aconteceu com a forma verbal correspondente, *lhe*, teria sido ‘carregado’ com o significado de 2.^a pessoa, acompanhando o pronome *você* na sua jornada de pronominalização). (MENON, 1995a, p.100).

A autora destaca também as modificações nos Pronomes Possessivos (PPOS) de 1.^a, 2.^a ou 3.^a pessoa: *meu/nosso, teu/vosso, seu*, em que a forma *seu* passou a ser usada também como forma de 2.^a pessoa e em contextos não íntimos, já a forma *teu* geralmente é mais usada num contexto informal (íntimo). A autora enfatiza ainda que não são apenas os fatores linguísticos que estão ligados ao uso desses pronomes, mas também os mecanismos sociais. Conforme já salientamos, Menon (1995a), nesse texto, trata mais especificadamente da evolução do sistema de representação da 2.^a pessoa. A seguir, apresentamos o quadro do sistema pronominal em uso, de acordo com Menon:

Quadro 5 - Sistema Pronominal em uso

PES	PSUJ	POBJ DIR	POBJ IND	POBJ PREP	PPOS
1 ^a S.	eu	me	me	mim	meu,minha
2 ^a S.	tu, você	te,lhe,se	te,lhe,se	você, ti	teu,tua,seu,sua
3 ^a S.	ele, ela	ele, ela	ele,ela,lhe	ele,ela,si	seu,sua,dele,dela
1 ^a P.	nós	nos	nos	nós	nosso, nossa,
2 ^a P.	vocês	vocês, lhes, se	vocês,lhes,se	vocês	seus,suas, de vocês
3 ^a P.	eles, elas	eles, elas	eles,elas,lhes	eles,elas, si	seus,suas,deles,delas

Fonte: Menon (1995a, p. 103)

Menon (1995a), ao comentar o quadro 5 apresentado em seu texto, destaca: “Deve-se lembrar que existe ainda a possibilidade de objeto nulo, no PB; porém, não marcamos essa opção no quadro. Também não incluímos aqui a possibilidade de *a gente* representar a primeira pessoa, do singular ou do plural” (MENON, 1995a, p. 103).

Esse quadro do sistema pronominal em uso de Menon (1995a) foi retomado por Lopes (2007) ao tratar da questão do ensino dos pronomes pessoais no PB. Lopes acrescenta *a gente* (em itálico) ao quadro, pois, conforme já destacado por Menon (1995a), esse pronome concorre com *nós* no PB atual.

Quadro 6 - Situação atual do Sistema Pronominal

PESSOA	PRON. SUJ.	PRON. COMP. DIRETO	POSSESSIVOS
P1	eu	me	meu/minha
P2	tu/você	te, lhe, (se), você	teu/tua/seu/sua/de você
P3	ele/ela	o, a, (se)/ lhe/ele(a)	seu/sua/dele(a)
P4	nós/ <i>a gente</i>	nos/ <i>a gente</i>	nosso(a)/ <i>da gente</i>
P5	vocês	vocês/lhes/se	seus(s)/sua(s)/de vocês
P6	eles/elas	os, as (se)/ lhes/eles (as)	seu(s)/sua(s)/deles(as)

Fonte: Lopes, 2007, p. 116 (adaptado de Menon, 1995a).

Assim, o quadro 6, adaptado de Menon (1995a), representa o sistema pronominal em uso no PB, com a inserção dos novos pronomes e suas devidas repercussões nos possessivos e pronomes complemento.

Menon (2000, p.160) também destaca a situação dos “novos pronomes” nos manuais escolares e livros didáticos: “os “novos pronomes” aparecem nos textos, nos exercícios, mas não se fala neles; como todo mundo sabe como funcionam, já que todos usam, não é preciso se incomodar com eles.” Em relação ao pronome *a gente*, a autora diz:

[...] os autores *continuam* a enfatizar esse pronome como sendo o *substantivo feminino gente*. Por isso, *a gente*, em geral, só aparece nos apêndices relativos a *figuras de construção / figuras de sintaxe*, sob o rótulo de *silepse de concordância*, seja nominal, correspondente a "desvios" ou a concordância psicológica ou ideológica, seja verbal, por idênticos motivos, ou, ainda, como *silepse de gênero*, quando não acontece a concordância nominal de predicativos. *A gente* só é realmente tratado como um pronome por Cuesta & Luz (1980, p.402); por Said Ali (1971, p.116), que faz alusão ao caráter pronominal de *a gente* (e de *homem*) quando é utilizado “não já na acepção própria, mas para indicar um agente vago e indeterminado. (MENON, 2000, p. 160).

No entanto, apesar de *a gente* não figurar como pronome pessoal na maioria dos manuais e livros didáticos, como salienta Menon (2000), essa forma já se estabeleceu plenamente como pronome de 1.^a pessoa no PB, e não indica somente um *a gente* vago e indeterminado, pois seu uso na determinação como primeira pessoa do plural já é bastante elevado e vem aumentando consideravelmente, como várias pesquisas já demonstraram.

Segundo Lopes, “não há, ainda, um mapeamento descritivo do quadro atual de pronomes e das repercussões gramaticais ocasionadas pelo emprego cada vez mais frequente de *você/a gente*.” (LOPES, 2007, p. 104). Atualmente, a forma *a gente* concorre com a forma *nós* como referência à primeira pessoa do plural no português falado no Brasil, embora isso não esteja nas gramáticas. O que vigora nas gramáticas está longe de dar conta da realidade do português do Brasil:

As gramáticas normativas e os manuais didáticos, que raramente explicam fenômenos já consagrados na linguagem coloquial, não apresentam uma posição coerente e única quando se referem à forma *a gente*. A classificação é, em geral controversa, pois ora consideram *a gente* como “fórmula de representação da 1.^a pessoa”, forma de tratamento, pronome indefinido ou, ainda, recurso para indeterminar o sujeito. (LOPES 2007, p. 105).

De acordo com Lopes (2007, p. 107), “tradicionalmente, o pronome é definido como substituto do nome. A ideia de substituição não se aplica, entretanto, a toda a classe de pronomes, sendo restrita a alguns deles.” Mas, de acordo a autora, uma característica importante dos pronomes pessoais é que, ao contrário dos nomes, não podem ser antecidos por determinantes e funcionam como núcleos no sintagma nominal (SN). Se os pronomes forem antecidos por determinantes tornam-se agramaticais, mas eles permitem, contudo, um determinante posposto que se restringe a adjetivos (*mesmo, próprio*) e numerais.

Lopes (2007) cita alguns fatores que causam assimetria no quadro atual do PB, como a noção de terceira pessoa e o traço de número. A autora inicia mencionando a “noção de pessoa”, que remete à teoria da enunciação proposta por Benveniste (1988), sendo essas pessoas: o *eu* e o *tu*, isto é, o *locutor* e o *interlocutor*, respectivamente, e a *não-pessoa*¹⁶, que é o próprio objeto da enunciação, ou seja, o enunciado. Lopes cita como exemplo o pronome *ele*, que advém do pronome demonstrativo *ille* (pronome latino) e que tem a flexão de gênero e de número, no entanto, os demais pronomes pessoais (*eu, tu, nós vós*) não sofrem flexão nem de gênero e nem de número.

Segundo a autora, quanto à forma *a gente*, conforme já mencionado no tópico anterior, manteve-se o traço formal de 3ª pessoa, porque *a gente* continuou a combinar com os verbos de terceira pessoa do singular, como em “*a gente trabalha*”, mas a interpretação semântico-discursiva se alterou, incluindo o falante. Segundo Lopes, essa postulação pode ser evidenciada por dois indícios sintáticos: o primeiro é a questão da concordância verbal em que *a gente* concorda com a primeira pessoa do plural (eu+ alguém), que ocorre no português não padrão; e o segundo é a co-indexação pronominal de *nosso(s)/nossas(s)*, por exemplo, “*a gente estudava português, pois era nossa matéria predileta*”. Nessa frase, embora a concordância verbal se dê com a 3.ª pessoa do singular, a interpretação semântica para *a gente* presume o falante + alguém.

Quanto ao traço de número, de acordo com Lopes (2007, p. 110),

O substantivo *gente* apresentava, na história do português, comportamento similar ao que ocorre com povo, grupo, multidão e com os substantivos coletivos: podia ser usado não só no singular (*esta gente*), mas também no plural (*estas gentes*). O traço *formal de número* plural, registrado na sintaxe, se perdeu com o tempo. A forma cristalizada *a gente*, cuja a referência é conceptual é uma massa indeterminada de pessoas disseminada na coletividade – com o *eu* necessariamente incluído-, herdou, justamente, a possibilidade combinatória com o singular, e não com o plural.

¹⁶ Não Pessoa - É a terceira pessoa do discurso, está fora deste eixo dialógico, caracterizando-se como a “não-pessoa” (Benveniste, 1988).

Além disso, segundo Lopes, o pronome *a gente* passou a apresentar também um caráter indeterminador, em que o falante se descompromete com o discurso tornando-o mais vago, incluindo as demais pessoas do discurso (eu+ você(s) + ele(s) + todo mundo ou qualquer um).

Em relação ao gênero formal, a autora explica que os pronomes pessoais de terceira pessoa *ele(s)/ela(s)* são marcados semanticamente, os demais pronomes *eu, tu, nós e vós* não apresentam marca de gênero, no entanto, existe uma possibilidade de *eu, tu/você* e *nós/a gente* combinarem-se com adjetivos masculinos ou femininos. Com a entrada da forma *a gente* no sistema pronominal, a especificação [+ fem] do substantivo *gente* se perdeu, tornando-se neutra, ou seja, *a gente* não tem gênero formal.

Lopes (2007) ainda destaca que, nos últimos 30 anos, diversos estudos de fala do PB, como os de Omena, (1986), (2003); Lopes, (1993), (1999), (2003), entre outros, mostram que a forma inovadora *a gente* vem avançando no uso em relação à forma *nós*. E a implementação de *a gente* no sistema dos pronomes pessoais ocasionou diversas reorganizações gramaticais tanto no subsistema de possessivos quanto nos pronomes que exercem função de complementos diretos ou indiretos.

Portanto, como pudemos observar, há uma série de fatores apontados que relatam divergências sobre o sistema pronominal abordado pelas gramáticas. O sistema pronominal do PB está num processo de mudança, e uma dessas mudanças é o uso da forma *a gente* como primeira pessoa do plural concorrendo com a forma *nós*.

3. REVISÃO DE ESTUDOS SOBRE *NÓS/A GENTE*

Apresentamos, neste capítulo, os resultados de alguns trabalhos já realizados sobre a variação pronominal *nós/a gente* no Brasil, dentre eles, os desenvolvidos por: Omena (1998a) e (1998b), Lopes (1998), Seara (2000), Menon; Lambach; Landarin (2003), Tamanine (2002, 2010), Borges (2004) e Franceschini (2011).

3.1 Pesquisas sobre *nós/a gente* no Brasil

Iniciamos com a pesquisa de Omena (1998a) e (1998b), realizada na cidade do Rio de Janeiro, uma das primeiras a abordar a variação pronominal aqui estudada e teve a finalidade de analisar o uso da primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* na função de sujeito. Utilizando o banco de dados do Projeto Censo Linguístico do Rio de Janeiro, composto por 64 entrevistas gravadas e codificadas, a autora considerou as seguintes variáveis sociais: *faixa etária* (7-14 anos, 15-25 anos, 26-49 anos e 50 anos ou mais), *escolaridade* (primário, ginásio e ensino médio) e *sexo* (masculino e feminino).

Além das variáveis sociais elencadas, foram selecionadas as seguintes variáveis linguísticas: *disposição das formas na sequência do discurso*, *saliência fônica*, *tempo verbal*, *aspecto verbal*, *indeterminação e número de referentes*. Essas variáveis foram submetidas a testes estatísticos, o que possibilitou elucidar os diversos fatores capazes de condicionar tal variação. No que diz respeito à atuação da idade, sobre o uso das formas *nós/a gente*, Omena (1998a) obteve os resultados conforme tabela 1¹⁷.

Tabela 1- Atuação da idade sobre o uso da forma *nós*. (Omena/1998)

Faixa Etária	Frequência	%	P.R.¹⁸
7 a 14 anos	52/576	10	0,26
15 a 25 anos	91/751	13	0,33
26 a 49 anos	243/744	33	0,64
50 a 71 anos	275/568	49	0,78

Fonte: Omena (1998a, p. 313).

De acordo com a tabela 1, nota-se que foram os informantes mais velhos que apresentaram maior uso do pronome *nós*, seguidos pela faixa etária intermediária, enquanto os

¹⁷ As tabelas 1 a 7, 9 e 13 foram mantidas conforme original, já as tabelas 8, 10, 11 e 12 foram adaptadas. A numeração de todas as tabelas segue a ordem crescente em todo o trabalho.

¹⁸ Resultado em peso relativo.

falantes mais jovens fizeram menor uso desse pronome, conseqüentemente favorecendo a forma *a gente*.

De acordo com Omena (1998a, p.312), o uso de *a gente* é muito maior nas faixas etárias mais jovens, indicando que os falantes nascidos a partir de 1960 a usaram bem mais, o que comprova que a idade tem forte influência sobre o uso do pronome. A influência da variável idade apontada na tabela 2 também ocorre em ambos os sexos de maneira paralela, como segue na tabela abaixo:

Tabela 2 - Atuação da idade e sexo sobre o uso da forma *nós*. (Omena/1998)

Sexo	Masculino			Feminino		
	Frequência	%	P.R.	Frequência	%	P.R.
7 a 14 anos	22/288	8	0,23	30/285	11	0,30
15 a 25 anos	31/359	9	0,24	70/392	16	0,40
26 a 49 anos	85/385	23	0,53	158/359	45	0,74
50 a 71 anos	175/320	55	0,81	100/248	41	0,74

Fonte: Omena (1998a, p. 314)

Na tabela 2, verificamos que os homens e as mulheres da faixa etária mais velha usaram mais a forma canônica *nós*. Já entre os adultos com idade entre 26-49 foram as mulheres que usaram mais o pronome *nós*, enquanto os homens apresentaram para esse pronome um resultado próximo ao ponto neutro, com 0,53. Mais uma vez, os resultados mostram que os mais jovens utilizaram mais a forma *a gente*, o que comprova o que foi dito por Omena, de que a forma *a gente* parece ter se exacerbado na década de 60. A autora observa que o aumento do uso de *a gente* entre os falantes mais jovens é um dos indicadores do fenômeno de mudança linguística.

Tabela 3 - Atuação da escolarização sobre o uso da forma *nós* em crianças e adultos. (Omena/1998)

Escolarização	Frequência	%	P.R.
Crianças primário	5/299	2	0,09
Crianças ginásio	57/277	17	0,52
Adultos primário	214/806	27	0,66
Adultos ginásio	271/691	40	0,78
Adultos 2.º grau	124/566	22	0,61

Fonte: Omena (1998a, p. 316)

De acordo com os dados apresentados pela autora, na tabela 3, observou-se que houve maior incidência da forma canônica entre os adultos nos três níveis de escolaridade: primário,

ginásio e 2º grau (0,66, 0,78 e 0,61, respectivamente). E também na fala das crianças com ginásio houve um leve favorecimento da forma *nós*, embora o peso relativo tenha ficado próximo ao ponto neutro (0,52). Conforme verificamos, foi no ginásio que predominou o uso da forma canônica *nós*. Segundo Omena, esse resultado pode indicar que o maior uso dessa forma no ginásio pode ser devido ao fato de que no último ano do primário se inicia o estudo da conjugação verbal, e no ginásio, esse estudo se intensifica. Já o uso de *a gente* foi favorecido pelas crianças com primário (0,91).

Além disso, Omena também observou o uso variável de *nós* entre os falantes que não estão mais em contato com a escola, conforme tabela 4:

Tabela 4 - Atuação da escolarização nos falantes adultos em contato e sem contato com a escola sobre o uso da forma *nós*. (Omena/1998)

Contato	Sem contato			Com contato		
	Frequência	%	P.R	Frequência	%	P.R
Primário	197/764	26	0,38	17/42	32	0,81
Ginásio	229/554	41	0,58	42/137	31	0,73
2.º grau	104/277	38	0,54	20/289	7	0,08

Fonte: Omena (1998a, p. 318)

Segundo a pesquisa de Omena (1998a), os informantes do primário que estão em contato com a escola foram os que apresentaram o maior uso da forma canônica *nós* (0,81), e isso confirma o que já havia sido dito pela autora, por ser no 4º ano do primário que se inicia o estudo da conjugação verbal. O segundo maior peso relativo para o uso da forma *nós* foi apresentado pelo ginásio com 0,73, sendo que nesse período escolar é que continua a fixação da conjugação verbal. Já o 2º grau apresentou um resultado diferenciado, favorecendo a forma *a gente* com peso relativo de 0,92. Para a autora, a razão pela qual os alunos do 2º grau em contato com a escola utilizaram mais *a gente*, pode ser explicado pelo fato de os jovens usarem mais gírias para identificação dos grupos aos quais pertencem, pois adolescentes e universitários costumam utilizar mais as formas informais de fala. Para Possenti (2000), a gíria é como um código usado por aqueles que fazem parte de determinado grupo para reforçar que esse falante pertence àquela turma específica.

Quanto aos informantes sem contato com a escola, os com ginásio e 2.º grau usaram mais a forma canônica *nós*. Além disso, Omena também verificou, em seu estudo, a porcentagem do uso de *a gente* x *nós* em diferentes funções sintáticas, conforme tabela 5.

Tabela 5 - Frequência do uso de *a gente* em todas as funções. (Omena/1998)

Fatores	Todos		Adultos		Crianças	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Adj. Adv.	57/68	84	37/48	77	20/20	100
Complemento	199/277	72	133/204	65	66/73	90
Sujeito	1979/2071	73	1454/2063	70	525/638	82
Adj. Adnominal	35/253	14	26/210	12	9/43	21
Total	2270/3299	69	1650/2525	65	620/774	80

Fonte: Omena (1998b, p. 191)

A autora apresentou os resultados em percentagem e no resultado geral constatou que o uso de *a gente* é de 69% quando comparado à forma *nós*. Ao comparar a frequência do uso de *a gente* entre crianças e adultos, as crianças apresentaram um maior uso desse pronome, com 80%, enquanto os adultos apresentaram 65%. Além disso, Omena observou que o maior uso de *a gente* é na função de adjunto adverbial, apresentando as seguintes frequências: para as crianças 100% e para os adultos 77%, seguida de complemento e sujeito.

Quanto à atuação da sequência do discurso na escolha das formas *nós* ou *a gente*, Omena (1998b) estabeleceu nove fatores¹⁹:

Tabela 6 - Frequência e probabilidade de *a gente* na sequência do discurso. (Omena/1998)²⁰

Fatores	Adultos			Crianças		
	Frequência	%	P.R	Frequência	%	P.R
1. 1. ^a referência	444/637	70	0,49	140/175	80	0,54
2. <i>A gente</i> ref. igual	587/634	93	0,81	265/280	94	0,78
3. <i>A gente</i> ref. diferente	118/141	84	0,65	44/48	91	0,65
4. <i>Nós</i> ref. igual	53/250	21	0,14	17/71	24	0,25
5. <i>Nós</i> ref. dif	30/61	49	0,42	2/7	28	0,26
6. 0 V. des 3. ^a p. ref. igual	123/153	80	0,61			
7. 0 V. des 3. ^a p. ref. diferente	15/22	68	0,41			
8. 0 V. des 4. ^a ref igual	53/126	42	0,38			
9. 0 V. des 4. ^a ref.dif	16/24	67	0,60			

Fonte: Omena (1998b, p. 196).

¹⁹ Segue a descrição completa dos 9 fatores abordados por Omena: 1. 1.^a Referência; 2. Forma antecedente *a gente* com referente igual; 3. Forma antecedente *a gente* com referente diferente; 4. Forma antecedente *nós* com referente igual; 5. Forma antecedente *nós* com referente diferente; 6. Forma antecedente zero com desinência verbal de terceira pessoa do singular com referente igual; 7. Forma antecedente zero com desinência verbal de terceira pessoa do singular com referente diferente; 8. Forma antecedente zero com desinência verbal de primeira pessoa do plural; 9. Forma antecedente zero com desinência verbal de primeira pessoa do plural (ou quarta pessoa) com referente diferente.

²⁰ A autora não apresentou resultados para as crianças nos fatores 6 ao 9.

Segundo a autora, quanto à atuação do discurso na escolha da forma, quando o antecedente da forma for *a gente* e a referência for igual à anterior, consequentemente se usa *a gente* ao invés de *nós*. Portanto, a probabilidade da referência igual à da forma anterior apresentou os seguintes resultados para a forma *a gente*: para os adultos 0,81 e para as crianças 0,78 e quando muda a referência, a probabilidade do uso de *a gente* diminui, tanto para os adultos quanto para as crianças, apresentando peso de 0,65.

De acordo com Omena (2003), há maior probabilidade de usar *nós*, ao invés de *a gente*, quando o falante utiliza também *nós* em oração antecedente. Da mesma forma, quando o antecedente formal é *a gente*, há maior probabilidade de se usar *a gente* ao invés de *nós*. Segundo a autora,

Uma vez que usou a forma *a gente* e vai nomear o mesmo referente (*a gente*, referente igual), o falante repete, [...], ao contrário, se a forma usada antes foi *nós* e o falante continua a referir-se ao mesmo grupo (*nós*, referência igual), a probabilidade é que ele siga usando *nós*. (OMENA, 2003, p. 72).

No exemplo (1) retirado dos dados do VARLÍNGUA, observamos que a informante inicia o texto com a forma *a gente* e repete a mesma referência no restante do texto, a entrevistada fala sobre as viagens de final de ano junto com a família. E no exemplo (2), o informante relata a dificuldade dele e dos irmãos para irem à escola no tempo da infância, usando a forma *nós* como primeira referência e repetindo a mesma forma na sequência do discurso.

(1) Daí ***a gente*** vai, daí ano novo ***a gente*** volta, daí ***a gente*** faiz uma ceia, sabe? porque que daí ***a gente*** fica, lá na praia eu meu marido, minha nora, meu filho, minha filha e meu genro, é seis, só seis daí. (2cFx)

(2) A dificuldade que ***nóis*** tinha lá, de até pra í pra escola, né? no nosso tempo que ***nóis*** ia, até a quarta série, ***nóis*** saía descalço da nossa casa e vinha até na escola, Ø ***lavava*** os pé na na torneira, e calçava o chinelo entrava pra dentro da escola. (1gMd)

Quanto ao uso de *a gente* quando o antecedente é *nós* com a mesma referência, Omena obteve as seguintes probabilidades: 0,14 para os adultos e 0,25 para crianças para o uso de *a gente*, e a probabilidade de *nós* foi 0,86 e 0,75, respectivamente. Quando a referência muda, a probabilidade do uso de *a gente* pelos adultos diminui para 0,42, e, consequentemente, apresenta 0,58 para o uso da forma *nós*.

Segundo Omena (1998b, p. 197) “a influência dos antecedentes com sujeitos zero sobre *a gente* ou *nós* favorece a forma *a gente*, quando o antecedente está na forma verbal semelhante à que concorda com *a gente* expresso.” Isso significa que se o referente for o mesmo e estiver na mesma forma verbal, há probabilidade de 0,61 para o uso de *a gente*, mas quando o referente é diferente passa a desfavorecer a forma *a gente* (0,41) e favorece o uso de *nós* (0,59). A forma que traz a desinência *-mos* com sujeito nulo, favorece o uso da forma *nós* com 0,62 quando tem o mesmo referente, mas quando muda o referente, é desfavorecida em favor de *a gente* (0,40).

De acordo com Omena, no caso da escolha da 1ª. referência não existe uma influência da sequência sobre a variável e a probabilidade fica em torno de 0,50, ou seja, é neutra. Isso quer dizer que a escolha da 1ª. referência se dá por motivos diversos, já que não existe uma influência da sequência sobre a variável, mas o uso de uma das formas ao se nomear pela primeira vez determina as formas subseqüentes, até que outro fator possa atuar em favor de outra escolha.

Em relação às variáveis linguísticas, apresentaram-se também como significativas no estudo de Omena (1998b): a saliência fônica, o tempo/aspecto verbal e a indeterminação. Para a saliência fônica, a autora verificou que com as formas *gerundiais* e o *infinitivo*, em que não há flexão verbal, o uso de *a gente* como sujeito foi categórico quando comparado à forma *nós*, justamente por essas formas apresentarem menor saliência fônica são as que mais favorecem o pronome *a gente*.

Quanto ao tempo e aspecto verbal, Omena verificou que os tempos *passado* e *futuro* favoreceram a forma *nós* com 0,64 e 0,75, respectivamente. Já o uso de *a gente* foi favorecido pelo tempo *presente do indicativo* (0,55) e *gerúndio/infinitivo/particípio* com 0,83.

Quanto à determinação e à indeterminação do referente, Omena verificou um maior uso de *a gente* indeterminado, com 0,72 de peso relativo. Segundo a autora, quando o falante comenta sobre atividades, festas, viagens, costumes, lazer, o faz muitas vezes de maneira generalizante, de forma indeterminada, favorecendo o pronome *a gente*. Apesar de a forma *a gente* ser favorecida na indeterminação, Omena diz que esse pronome também estaria ganhando espaço, de forma gradual, no campo da determinação, com 0,28.

Lopes (1998) também analisou a variação *nós/a gente* na função de sujeito nas seguintes regiões do Brasil: Rio de Janeiro (Sudeste), Porto Alegre (Sul) e Salvador (Nordeste). A metodologia adotada foi a da sociolinguística laboviana (Sankoff, 1988), com um *corpus* constituído por 18 entrevistas do arquivo sonoro do Projeto NURC/Brasil, sendo 6 informantes do Rio de Janeiro, 6 de Porto Alegre e 6 de Salvador.

Nesse estudo, a autora considerou as seguintes variáveis sociais: a região geográfica, o sexo (masculino e feminino) associado à faixa etária dos informantes, que foi dividida dessa forma: 25 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos ou mais. As variáveis linguísticas selecionadas foram: *paralelismo formal*, *saliência fônica*, *eu-ampliado*, *tempo verbal* e *modalização discursiva*. Segue os fatores favoráveis ao uso de *a gente* na tabela 7:

Tabela 7- Fatores favoráveis ao uso de *a gente* NURC/ Brasil. (Lopes/1998)

Grupo de fatores	Fator condicionante	Nº/ Total	Freq. %	P.R
1. Paralelismo	Forma antecedente =sujeito \emptyset + verbo em P3- <i>terceira pessoa</i>	44/48	92	0,91
	Forma antecedente = sujeito <i>a gente</i>	161/164	87	0,90
2. Sexo/Faixa etária	Mulheres de 25 a 35 anos	106/130	82	0,85
3. Saliência Fônica	Nível 1- <i>falava/ falávamos</i>	81/225	36	0,62
	Nível 2 – <i>fala/falamos; trouxe/ trouxemos</i>	183/287	64	0,63
4. Região geográfica	Rio de Janeiro (Sudeste)	217/369	59	0,69
5. Eu ampliado	Eu + você (s) + ele (s) grau máximo de indeterminação	252/442	60	0,65
6. Tempo verbal	Gerúndio	5/6	83	0,75
	Infinitivo	29/42	69	0,65
	Presente do Indicativo	276/564	65	0,60
7. Modalização	Auxiliares modais (<i>poder, querer, etc</i>) <i>a gente</i>	37/57	65	0,59

Fonte: Lopes (1998, p. 412)

Conforme observamos na tabela 7, o *paralelismo formal*²¹ foi selecionado em primeiro lugar na amostra analisada por Lopes (1998). Observamos que o uso de *a gente* com o sujeito não expresso com verbo na 3ª pessoa do singular apresentou 92% dos casos, com peso relativo de 0,91, e com a forma *a gente* precedida de uma oração introduzida por *a gente* o percentual foi de 87%, e o peso relativo de 0,90.

O segundo fator relevante na pesquisa de Lopes (1998) foi o *sexo* e a *faixa etária*, a autora trabalhou essas duas variáveis juntas. Foram as mulheres com idades de 25 a 35 anos que apresentaram maior uso da forma *a gente* (0,85). Segundo Lopes, as mulheres tendem a

²¹ Paralelismo Formal - “o paralelismo consiste na tendência de o falante repetir uma mesma forma numa sequência discursiva, seja dentro de um sintagma, seja entre orações, por influência, dependendo do fenômeno, de fatores pragmático-discursivos.” Lopes (1998, p. 413)

usar mais a forma *a gente* que os homens, ainda segundo a autora, o fato dos homens usarem mais a forma *nós* pode estar associada às pressões sofridas por eles no mercado trabalho.

Quanto à *saliência fônica*, os resultados de Lopes (1998) demonstraram que nos níveis 1 e 2 de menor *saliência* (*falava/falávamos/ fala/falamos*), há favorecimento para a forma *a gente* (0,62 e 0,63 respectivamente). O *tempo verbal* também se revelou um fator significativo no estudo de Lopes (1998). Favoreceram o uso de *a gente*, o gerúndio, o infinitivo e o presente do indicativo (0,75, 0,65 e 0,60, respectivamente).

Na questão da *determinação e indeterminação do referente*, Lopes tomou como ponto de partida o esquema proposto por Monteiro (1991), no qual o falante utiliza preferencialmente o pronome *nós* quando está falando dele mesmo e de seu interlocutor (eu+você), com probabilidade de 0,91, ou quando fala dele mesmo e de outra pessoa (eu+ele), a chamada *não-pessoa*, com peso de 0,87 para *nós*. Nesses casos, portanto, usa o referente determinado. No momento em que o falante amplia a referência (eu+pessoas em geral), há maior favorecimento para a forma *a gente*, com a probabilidade de 0,65 indeterminado.

Em relação à *região geográfica*, a cidade do Rio de Janeiro foi a mais representativa para o uso de *a gente*, com probabilidade de 0,69. De acordo Lopes (1998) o carioca parece ter uma posição não conservadora, contrapondo-se às outras duas cidades, que fizeram maior uso de *nós*: em Porto Alegre 0,60 e em Salvador 0,66.

Na análise da modalização, segundo a autora, apenas dois recursos foram considerados opostos: os "auxiliares modais" do tipo *poder, querer, dever*, etc. Esses são os verbos utilizados pelo falante buscando atenuar sua participação no discurso, e/ou na expressão de opinião, como nas orações performáticas "eu acho que", empregadas para evidenciar uma posição pessoal do falante sobre um assunto. Os resultados obtidos por Lopes indicam que houve maior favorecimento da forma *nós* nas situações em que o falante expressa sua opinião (0,92). No entanto, a forma *a gente* foi mais utilizada quando o falante modalizava seu discurso (0,69), através dos auxiliares *poder, dever, querer*, etc."

Na pesquisa sociolinguística realizada por Seara (2000), na cidade de Florianópolis/SC, foi analisada a variação no uso das formas *nós* e *a gente* em 12 entrevistas do banco de dados VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil). A autora analisou fatores linguísticos e sociais que condicionam o uso de *nós/a gente* na função de sujeito. As variáveis sociais analisadas em seu estudo foram: *faixa etária* (15-25 anos, 26-49 anos e 50 anos ou mais), *escolaridade* (primário e ensino médio) e *sexo* (masculino e feminino).

Nessa pesquisa, os fatores linguísticos testados foram: *tempo verbal, grau de conexão do discurso, fluxo discursivo, marca de primeira pessoa do plural na forma verbal, traço*

semântico do sujeito e paralelismo formal. Na tabela 8 apresentamos os fatores selecionados na pesquisa de Seara (2000).

Tabela 8 - Fatores relevantes sobre o uso de *nós/a gente*. (Seara/2000)

Grupo de fatores	Aplicação Total	Frequência %	A gente P.R	Nós P.R
1. Tempo verbal				
Pretérito imperfeito do indicativo	278/339	82	0,68	0,32
Outros tempos	40/52	77	0,57	0,43
Pretérito perfeito	48/95	51	0,23	0,77
Presente do indicativo	142/224	63	0,33	0,67
2. Sexo				
Feminino	333/415	80	0,66	0,34
Masculino	192/318	60	0,30	0,70
3. Traço semântico				
[- Específico]	140/180	78	0,68	0,32
[+ Específico]	385/553	70	0,44	0,56
4. Faixa etária				
15 – 24 anos	93/122	76	0,69	0,31
25 – 50 anos	245/352	70	0,51	0,49
Mais de 50 anos	187/259	72	0,40	0,60
5. Grau de conexão do discurso				
Grau 1	175/236	74	0,51	0,49
Grau 2	07/10	70	0,46	0,54
Grau 3	86/140	61	0,42	0,58
Grau 4	85/99	86	0,69	0,31
Grau 5	153/221	69	0,45	0,55
6. Escolaridade				
Primário	290/415	70	0,46	0,54
Colegial	235/318	74	0,56	0,44

Fonte: (Adaptado de Seara, 2000, p. 183;185;188;189 e 191).

Conforme verificamos na tabela 8, o tempo verbal ocupou a primeira posição na ordem de relevância na pesquisa de Seara (2000). O pronome *a gente* foi favorecido no *pretérito imperfeito do indicativo*. Já o uso da forma *nós* foi favorecida pelo *pretérito perfeito* e pelo tempo *presente do indicativo*.

O traço semântico do sujeito ocupou a 2ª. posição na ordem de relevância no estudo de Seara, sendo que a forma *a gente* foi favorecida pelo traço menos específico (0,68), em contraposição ao uso de *nós* (0,32). Quando se trata do traço + específico, o pronome *nós* apresentou 0,56 contra 0,44 para *a gente*, o que significa que a forma pronominal *a gente* está ganhando espaço também na determinação.

Além disso, outra variável linguística significativa nesse estudo foi o grau de conexão do discurso. Segundo Li & Thompson (*apud* Paredes da Silva, 1991, p. 26), “o grau de preferência de um pronome em uma oração corresponderia inversamente ao seu grau de conexão com a oração precedente”. Independentemente de o pronome ser o mesmo ou diferente da oração subsequente, seu estudo mostrou uma tendência de maior uso da variável *a gente* (0,69).

Também em seu estudo, Seara (2000) verificou a utilização das formas pronominais *nós* e *a gente* quanto ao sexo e constatou que a forma *nós* foi mais utilizada pelos homens e as mulheres utilizaram mais *a gente*. Para a autora, esse resultado pode ser parcialmente explicado pelo fato de os homens sofrerem mais as pressões do mercado de trabalho, o que faz com que utilizem mais a forma padrão *nós*.

Quanto à faixa etária, a autora observou que os mais jovens utilizaram mais a forma inovadora *a gente*, com 0,69 de probabilidade, a faixa etária intermediária ficou próxima ao ponto neutro (0,51), significando que o uso das formas pronominais *nós/a gente* está em plena variação. Podemos observar que nos resultados da pesquisa de Omena (1998a), na cidade do Rio de Janeiro, os informantes mais jovens também usaram mais a forma *a gente* (0,67). Assim, podemos dizer que os resultados da faixa etária são semelhantes nesses dois estudos e apontam que há uma mudança em curso.

A escolaridade foi o último fator selecionado na ordem de relevância para o uso de *a gente* na pesquisa de Seara (2000). A autora apresentou resultados para o primário e o colegial, mas não mencionou o ginásio em sua pesquisa. Os informantes do colegial foram os que mais usaram a forma *a gente*, com probabilidade de 0,56, enquanto os informantes do primário apresentaram um resultado próximo ao ponto neutro (0,46).

Nesse estudo, percebe-se que à medida que aumenta a escolaridade, utiliza-se mais a forma *a gente*, o que contraria a hipótese inicial da autora de que, quanto mais anos de escolaridade, maior seria o uso do pronome *nós*, por se tratar do pronome formal ensinado na escola. Uma possível explicação para esse fenômeno seria a de que os jovens utilizaram mais a forma informal porque participam de determinados grupos e buscam garantir espaços nesses grupos. Nas palavras da autora,

Isso parece mostrar que, à medida que se aumenta o grau de escolaridade, se tende a um maior uso dessa variante. Esperava-se, no entanto, que com o aumento da escolaridade, se tivesse justamente o contrário, já que na escola as variantes mais formais são as privilegiadas. E é a variante *nós* considerada a mais formal, sendo codificada nas gramáticas escolares e transformada em norma a ser aprendida, conforme salientamos acima. (SEARA, 2000, p. 189).

Contudo, na pesquisa de Seara, a hipótese inicial era a de que a variante *a gente* seria a mais frequente e isso se confirmou, pois 72% das ocorrências foram de *a gente*. A autora não apresentou o resultado em peso relativo, somente em percentagens.

Outra pesquisa sociolinguística realizada no Sul do Brasil foi a de Tamanine (2002), nas cidades catarinenses de Chapecó, Blumenau e Lages, com *corpus* constituído pelo banco de dados do Projeto VARSUL. A autora analisou 24 entrevistas de cada uma das cidades citadas. As variáveis sociais consideradas em sua análise foram: *faixa etária* (até 45 anos e 50 anos ou mais), *escolaridade* (primário, ginásio e secundário), *sexo* (masculino e feminino) e localidade. Quanto aos fatores linguísticos, foram testados: *tipo de verbo*, *concordância verbal*, *determinação do referente*, *paralelismo formal* e *paralelismo da forma pronominal*.

Tamanine (2002) analisou as ocorrências *nós/a gente* em três categorias: ocorrência isolada (OI), ocorrência alternada (OA), sequência binária e sequência ternária. A autora realizou duas rodadas, uma considerando somente as ocorrências isoladas (OI) e outra com todas as ocorrências isoladas e em paralelismo (OA). Seguem grupos de fatores selecionados pelo programa estatístico VARBRUL na tabela 9.

Tabela 9 - Grupo de fatores relevantes sobre o uso de *a gente*. (Tamanine/2002).

Grupo de Fatores	Rodada só com casos de ocorrências isoladas (OI)	Rodada com (OI) incluindo ocorrências dentro das sequências (OA)
	P.R	P.R
1. Faixa etária		
Menos de 45 anos	0,59	0,58
Mais de 50 anos	0,41	0,41
2. Localidade		
Lages	0,53	0,51
Chapecó	0,42	0,43
Blumenau	0,55	0,56
3. Tipo de Verbo		
Epistêmicos ²²	0,53	0,52
Ação ²³	0,50	0,50
Estado ²⁴	0,39	0,38
Dicendi ²⁵	0,57	0,65
4. Determinação		
Determinado	0,49	0,50
Indeterminado	0,64	0,60
5. Sexo		
Feminino	0,52	
Masculino	0,47	
6. Escolaridade²⁶		
Primário		0,48
Ginásio		0,52
Colegial		0,50

Fonte: Tamanine (2002, p. 77)

Ao analisar a tabela 9, observamos que a *faixa etária* foi o fator mais relevante na pesquisa de Tamanine (2002) para determinar a direção da mudança de *nós* por *a gente*. Os mais jovens foram os que apresentaram maior uso de *a gente* tanto nas ocorrências isoladas, com 0,59, quanto nas OA, com 0,58, indicando uma mudança em tempo aparente. De acordo com Tamanine (2002, p. 76),

Quanto à faixa etária, em nossos resultados foram os mais jovens que apresentaram a maior tendência para o uso de *a gente*. Em ordem crescente,

²² Verbos epistêmicos - são considerados verbos de atividade mental e incluem: *pensar, saber, conhecer, acreditar, lembrar, imaginar, etc.*

²³ Verbos de ação incluem, entre outros: *pegar, cair, procurar, correr, apertar, comer, levar, etc.*

²⁴ Verbos de estado incluem, entre outros: *ser, estar, ficar, continuar, permanecer, etc.*

²⁵ Verbos *dicendi* são verbos que se relacionam ao dizer. São definidos como verbos que normalmente introduzem o discurso. Entre eles: *dizer, falar, contar, explicar, responder, perguntar, conversar, etc.*

²⁶ Segundo Tamanine (2002), na rodada com ocorrências isoladas, a variável escolaridade não foi selecionada e o mesmo ocorreu com a variável *sexo* nas ocorrências alternadas.

os percentuais para *a gente* na primeira faixa etária apresentaram 52% em Lages; 64% em Chapecó e 77% em Blumenau. O uso de *nós* apresenta maior resistência na faixa etária mais velha de Chapecó, com 69% dos dados, e de Blumenau, com 53%. No entanto, em Lages, também a geração mais velha já apresenta índice maior para o uso de *a gente*, com 62% das ocorrências.

Assim, no estudo de Tamanine a variável social *faixa etária* se constituiu como o fator mais relevante para determinar a mudança em direção à substituição de *nós* por *a gente*, tanto nas ocorrências isoladas, quanto nas ocorrências em sequências, apontando para a mudança em progresso da forma inovadora. A forma *a gente* foi utilizada pela população mais jovem, apresentando uma maior resistência de uso na população mais velha.

Ao analisar a variável escolaridade, Tamanine observou que os três os níveis de escolaridade não apresentaram diferença muito significativa no uso dos pronomes, já que os pesos relativos ficaram próximos do ponto neutro para o uso de *a gente* no *primário* e no *ginásio*, com 0,48 e 0,52, respectivamente. O *secundário* apresentou peso de 0,50, ou seja, no ponto neutro. Segundo a autora, esses resultados indicam uma tendência de uso aleatório entre *nós* e *a gente*, especialmente entre os informantes com o nível de instrução mais alto de sua amostra.

No que diz respeito à variável social sexo, no estudo de Tamanine (2002), as mulheres apresentaram 0,52 para o uso de *a gente* em ocorrências isoladas e os homens 0,47, os pesos relativos ficaram próximos do ponto neutro. Nas sequências binárias, o paralelismo *a gente/a gente* com formas iguais, foram os homens os propulsores da mudança, apresentando 0,60 de probabilidade, também nas sequências ternárias, os homens apresentaram maior uso de *a gente* (0,58). Dessa forma, o ambiente da sequência favorece o uso de *a gente* pelos homens.

Também foram selecionados, na pesquisa de Tamanine (2002), os tipos de verbos para o uso de *nós/a gente*. Foram selecionados pelo programa estatístico os verbos *dicendi*, de *estado*, de *ação* e *epistêmicos*. O uso do pronome *a gente* foi favorecido com os verbos *dicendi* (0,57). Já os verbos de *estado* revelaram o menor índice de probabilidade de uso de *a gente* nas OI (0,39) e nas OA (0,38), dessa forma, retendo o uso de *nós*. A autora fez um levantamento geral sobre os verbos de *estado* usados pelos informantes acompanhados do pronome *nós*, e encontrando um elevado número de ocorrências dos verbos no tempo *presente do indicativo* e flexionados com *-mos*: *somos*, *estamos* e *ficamos*. Para Tamanine (2002), esses verbos poderiam inibir o uso de *a gente* justamente por sua frequência, pois sendo formas verbais mais usadas estariam associadas à forma antiga *nós* e não à forma inovadora *a gente*.

Quanto à determinação do referente, Tamanine observou que na indeterminação os resultados revelaram que *a gente* diminui nas sequências: OA com 0,60; já nas OI a forma *a gente* aparece com 0,64 de probabilidade de ser indeterminado, o que vem corroborar resultados de outras pesquisas como as de Omena (1986) e Menon (1994), cujos estudos revelam que a forma *a gente* é a forma preferida pelos falantes para uma referência mais geral.

Quanto aos resultados para os contextos determinados, os usos de *nós/a gente* estão no ponto neutro (0,49 nas OI e 0,50 nas OA), indicando que o uso de *nós* ou de *a gente* é praticamente aleatório, o que significa que o pronome *a gente* já está penetrando mais no campo da determinação.

Em relação ao uso de *nós/a gente* por localidade, a pesquisa de Tamanine (2002) mostrou que Blumenau apresentou maior tendência para o uso de *a gente*, enquanto Lages apresentou um leve favorecimento para essa forma e Chapecó favoreceu a forma canônica *nós*. Portanto, segundo a autora, de acordo com os resultados obtidos em todos os fatores testados, a forma canônica *nós* está perdendo espaço para a forma *a gente*.

Menon, Lambach e Landarin (2003) também analisaram o resultado da variação *nós/a gente* nas revistas em quadrinhos O Pato Donald. As autoras analisaram o comportamento dessa alternância num corpus tradicionalmente representado pelo oral. Segundo as autoras, as histórias em quadrinhos se apresentam como uma produção ambivalente, pois são apresentadas em texto impresso e passam por um processo de revisão editorial. Nesse estudo foi analisado o uso das formas pronominais *nós/a gente* testando as variáveis: *data de publicação, classe social e faixa etária*. Para isso, foram selecionadas as revistas por década (1950, 1959, 1969, 1979, 1989, 1999) obtendo um total de 2059 dados.

A pesquisa de Menon, Lambach e Landarin (2003, p. 96) teve como objetivo testar se a análise diacrônica ou em tempo real corrobora os resultados obtidos nas análises de tempo aparente devido ao crescente aumento no emprego da forma *a gente* e da redução do pronome *nós*. Para realização da pesquisa, as autoras estabeleceram os grupos de fatores referentes à época da publicação das revistas e à idade das personagens. Além disso, as autoras verificaram a ocorrência do pronome sujeito *nós* junto ao verbo. De acordo com elas, esses dados são da segunda metade do século XX, período que parece ter acelerado o uso expresso do pronome, caracterizando a perda do parâmetro *pro-drop*.

Os resultados estatísticos mostraram que a *data de publicação* das revistas (tempo real) foi o fator mais relevante da pesquisa, seguido da *faixa etária* (tempo aparente) e *classe social*. Dessa forma, constatou-se uma mudança em curso, pois em 1950-52 o peso relativo

era de 0,10 para *a gente* e em 1999 passou a ser 0,82. No tempo aparente, foi apresentada a probabilidade de 0,58 de uso de *a gente* pelos falantes da faixa etária mais jovem e a classe social que mais favoreceu essa forma foi a *classe baixa*, com 0,64.

A pesquisa apresentou um total de 2059 dados, sendo 1840 ocorrências de *nós* e 219 de *a gente* (89% e 11% respectivamente). Em relação ao uso do pronome *nós* junto ao verbo, as autoras verificaram que dos 1840 casos da forma *nós* 250 foram de preenchimento do sujeito (14%), enquanto 1590 casos foram de não-preenchimento (86%). No entanto, os resultados obtidos revelaram que há uma leve tendência em direção ao preenchimento, apresentando 0,40 de probabilidade no início da década de 50 e 0,62 em 1959; 0,49 em 1979; 0,57 em 1989 e 0,44 em 1999. Portanto, os resultados demonstram um aumento no uso do pronome expresso. De uma forma geral, o estudo apontou uma mudança acentuada do ano de 1950 a 1999, em favor da forma *a gente* (0,82), enquanto a forma *nós*, de emprego quase categórico em 1950, com 0,90, passou a 0,18 em 1999.

Segundo as autoras, os resultados desse estudo confirmam as análises em tempo aparente, não apenas porque se baseiam em textos escritos que cobrem meio século e são acessíveis a grande parte da população letrada e também da iletrada, já que as histórias em quadrinhos (HQ) podem ser decodificadas principalmente pelas crianças, mas também pelo fato de que elas muitas vezes são o único tipo de leitura de alguns grupos sociais. Nesse sentido, as HQ tornam-se agentes importantes para a disseminação da diversidade oral e também do processo de mudança linguística.

No Rio Grande do Sul, Borges (2004) analisou a gramaticalização de *a gente* em onze peças de autores gaúchos e em 60 entrevistas, sendo 24 referentes à cidade de Jaguarão (Banco de dados do BDS Pampa) e 36 de Pelotas (VarX). As variáveis sociais testadas foram: *faixa etária* (16-25 anos, 26-49 anos e 50 anos ou mais), *gênero*, *classe social* e *localidade*.

As variáveis linguísticas analisadas, no trabalho de Borges (2004), foram: 1. *paralelismo formal*, 2. *tonicidade* e *saliência fônica*, 3. *referência semântica do sujeito* e 4. *posição sujeito na frase*, conforme tabela 10.

Tabela 10 - Grupo de fatores linguísticos relevantes sobre o uso de *a gente*. (Borges/2004)

Grupo de fatores	Jaguarão				Pelotas			
	Aplic	Ocor	%	P. R	Aplic	Ocor	%	P.R
Paralelismo Formal N – a gente c/ = referente oração O – a gente c/ ≠ referente oração anterior	423/ 79/	479 114	88 69	0,73 0,73	639/ 148/	650 161	98 92	0,88 0,58
Tonicidade Monossílabo Tônico e oxítono Paroxítona	440/ 432/	465 774	95 56	0,89 0,22	663/ 554/	709 812	94 68	0,79 0,24
Saliência fônica 1. Mesma forma para (P3 e P4) ²⁷ (falando)	5/	13	38	0,58	16/	20	80	0,62
2. Infinitivo com acréscimo da desinência -mos	34/	39	87	0,76	27/	31	87	0,74
3. Acréscimo desinência -mos c/ conservação da sílaba tônica (falava/falávamos)	142/	243	58	0,54	599/	734	82	0,59
4. Deslocamento do acento tônico acréscimo da desinência -mos (falava/trouxe/trouxemos, disse/dissemos)	337/	422	80	0,76	180/	201	90	0,70
5. Monossílabos tônicos ou oxítonos no singular que passam as paroxítonas (tem/temos, está/estamos)	129/	191	68	0,16	73/	88	83	0,33
6. Reduções de ditongos finais em vogais com acréscimo da desinência -mos (comeu/comemos, partiu/partimos, vai/vamos, foi/fomos)	208/	313	66	0,33	310/	454	68	0,30
3. Referência semântica do sujeito 1. Referência específica ao falante (=eu) e referência inclusiva (eu+pessoa)	8/	10	80	0,73	14/	18	78	0,66
2. Referência genérica (eu+todo/qualquer indivíduo)	407	545	75	0,65	270/	291	93	0,73
4. Posição do sujeito na frase C,N,J – Sujeito à esquerda c/clítico intercalado (se, não, já)	176/	233	76	0,76	-	-	-	-

Fonte: (Adaptado de Borges 2004, p. 129; 138 e 139).

²⁷ P3 e P4 – indicam categoria de número e pessoa, a terceira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural, respectivamente.

Na pesquisa de Borges (2004), o paralelismo formal foi selecionado em primeiro lugar, ou seja, foi a variável mais significativa nas duas cidades gaúchas (Pelotas e Jaguarão/RS). Segundo o autor, a hipótese é de que o falante tende a repetir a mesma forma e o mesmo sujeito pronominal dentro da estrutura discursiva. Tanto em Pelotas quanto em Jaguarão, o que mais favoreceu o uso de *a gente*, foi *a gente* na oração anterior, independente do referente. Na cidade de Jaguarão, o peso relativo foi de 0,73 tanto para referente igual como para referente diferente. Já em Pelotas, a probabilidade foi de 0,88 com referente igual, um resultado bem maior do que com referente diferente, em que a probabilidade ficou em 0,58. Mas, de acordo com Borges (2004, p. 135),

O fato de o uso de *a gente* ser favorecido quando precedido na oração anterior da mesma forma e do mesmo referente, não pode ser visto unicamente como um resultado do paralelismo formal, mas como uma associação de causas atreladas a fatores resultantes de diferentes aspectos linguísticos, sejam eles funcionais, discursivos, psicolinguísticos ou estilísticos.

A tonicidade foi a segunda variável selecionada como significativa, tanto em Jaguarão quanto em Pelotas- RS. Borges (2004) apresentou conjuntamente os resultados da tonicidade e da saliência fônica, por julgar que a tonicidade é determinante na saliência fônica (cf. Guy, 1981 e Naro, 1981).

Borges (2004) verificou que a forma *a gente* foi favorecida com os oxítonos e monossílabos tônicos em Jaguarão e em Pelotas, com 0,89 e 0,79, respectivamente, enquanto os paroxítonos desfavoreceram o uso de *a gente* nessas cidades, com probabilidade de 0,22 e 0,24, respectivamente. O autor verificou, em sua pesquisa, que das 63 ocorrências de proparoxítonas encontradas nas duas comunidades, nenhuma teve como sujeito a forma *a gente*, e que todas as ocorrências foram com o pronome *nós*.

Na saliência fônica, segundo o autor, a aplicação de *a gente* é mais favorecida quando há uma menor diferenciação de material fônico, ou seja, quando a oposição não é tônica ou é tônica em apenas uma das formas. Assim, Borges obteve os seguintes resultados para o pronome *a gente*, em Jaguarão e Pelotas: 1. Mesma forma para P 3 e P 4 (*falando*) com peso relativo de 0,58 e 0,62, respectivamente; 2. Infinitivo com acréscimo da desinência *-mos* com 0,76 e 0,74, respectivamente; 3. Acréscimo da desinência *-mos* com conservação sílaba tônica (*falava/falávamos*) 0,54 e 0,59, respectivamente e 4. Deslocamento do acento tônico e acréscimo da desinência *-mos* (*fala/falamos, trouxe/trouxemos, disse/dissemos*) com 0,76 e 0,70, respectivamente.

Nos níveis 5, 6 e 7, as diferenças são maiores, 5. monossílabos tônicos ou oxítonos no singular que passaram a paroxítonas (*tem/ temos, está/estamos*), em Jaguarão, o peso relativo foi de 0,16 e em Pelotas 0,33; no nível 6. Redução de ditongos finais em vogais com acréscimo da desinência *-mos* (*comeu/comemos, partiu/partimos, vai/vamos, foi/fomos*), a probabilidade em Jaguarão foi de 0,33 e em Pelotas 0,30 e no nível 7. Diferenças fonológicas acentuadas entre P 3 e P 4 (*falou/falamos, veio/viemos, é/ somos*), a probabilidade de uso de *a gente* foi de 0,26 e 0,19, respectivamente.

Quanto à referência semântica do sujeito, Borges (2004) buscou, em sua pesquisa, evidenciar as modificações semânticas em torno da forma *a gente*. Para isso, amalgamou dois fatores em um único fator, são eles: 1. A referência específica ao próprio falante (=eu) e 2. a referência inclusiva (=eu + pessoa). Os resultados para *a gente* foram: Jaguarão com 0,73 e Pelotas com 0,66. Portanto, houve favorecimento do pronome *a gente* nas duas comunidades analisadas.

Quando se trata da referência genérica (=eu + todo/qualquer indivíduo), os resultados apresentados para o uso de *a gente* foram: em Jaguarão 0,65 de probabilidade e em Pelotas 0,73. Apesar de a forma *a gente* apresentar pesos relativos que favorecem a forma mais genérica (indeterminada), o autor verificou que a forma *a gente* está ganhando espaço na determinação.

A quinta variável selecionada no estudo de Borges foi a posição sujeito na frase. Detectou-se em Jaguarão, segundo Borges (2004, p. 146), que “o uso de *a gente* é mais frequente em sujeitos antepostos ao verbo, em posição adjacente imediata à esquerda ou com clítico intercalado”. Ou seja, o uso de *a gente* foi favorecido com 0,76 nos casos em que há elementos intercalados entre o sujeito e o verbo. O autor cita como exemplo: “A gente *se* encontrava nos domingos”.

Quanto às variáveis sociais, a *faixa etária* e a *classe social* foram selecionadas como significativas estatisticamente, tanto em Jaguarão quanto em Pelotas, conforme a tabela 11:

Tabela 11 - Grupo de fatores sociais relevantes sobre o uso de *a gente*. (Borges/2004)

Grupo de fatores	Jaguarão				Pelotas			
	Aplic	Ocorr.	%	P.R	Aplic	Ocorr.	%	P.R
Faixa etária								
16 a 25 anos	418/	549	76	0,70	349/	405	86	0,71
26 a 49 anos	293/	419	70	0,47	577/	700	82	0,56
50 anos ou mais	161/	295	55	0,27	291/	455	64	0,29
Sexo								
Feminino	583/	837	70	0,52	713/	911	78	0,51
Masculino	289/	426	68	0,48	504/	649	78	0,49
Classe Social								
Classe baixa	296/	372	80	0,67	317/	435	73	0,31
Classe média baixa	288/	459	63	0,38	469/	588	80	0,39
Classe média alta	288/	432	67	0,48	431/	537	80	0,76

Fonte: (Adaptado de Borges 2004, p. 149;150 e 152)

De acordo com a tabela 11, a faixa etária apresentou os seguintes resultados para o uso da forma *a gente*: em Jaguarão, os falantes mais jovens apresentaram probabilidade de 0,70, já os de adultos uma probabilidade de 0,49 e os falantes acima de 50 anos apresentaram 0,27. Em Pelotas, o resultado foi semelhante, os mais jovens favoreceram *a gente* com 0,71 de probabilidade, os adultos 0,56, e os acima de 50 anos desfavoreceram essa forma, com 0,29. Percebemos, pelos resultados dos pesos relativos, que em Jaguarão, o uso de *nós/a gente* pelos adultos ficou próximo do ponto neutro e, em Pelotas, *a gente* foi mais usado pelos adultos. De uma forma geral, Borges (2004) verificou que os mais jovens estão sendo os propulsores da mudança de *nós* para *a gente* e que os mais velhos ainda preservam a forma canônica em ambas as cidades pesquisadas.

A variável classe social também foi selecionada estatisticamente na pesquisa de Borges. O autor considerou os seguintes aspectos sociais para a constituição da variável classe social: nível educacional, profissão, renda e moradia. O resultado obtido em pesos relativos para o uso de *a gente* na classe baixa foi de 0,67 em Jaguarão; já em Pelotas, foi um peso relativamente baixo, sendo pouco relevante (0,31).

A classe média-baixa, em Jaraguão, apresentou um peso relativo de 0,38 e em Pelotas de 0,39, já a classe média-alta apresentou 0,48 e 0,76, respectivamente. Percebemos que o uso de *a gente* foi mais significativo na classe baixa em Jaguarão e na classe média-alta em Pelotas.

De acordo com Borges (2004) esse resultado indica que em Pelotas a mudança ocorreu de “*cima para baixo*”²⁸, pois a classe média-alta usou mais a forma *a gente*, apontando maior prestígio à forma inovadora. Já em Jaguarão, a mudança ocorreu de “*baixo para cima*”, ou seja, é a classe média-baixa que favoreceu o pronome inovador *a gente*. Ainda, segundo o autor, os indivíduos da classe média-baixa são os que mais dependem da comunidade para conseguir *status* social, por isso usam formas linguísticas mais formais. Além disso, parece haver pressões sociais sobre essa classe social, seja pelos efeitos do mercado de trabalho, ou por efeito da escolaridade, fazendo com que essa classe apresente maior resistência à mudança. Já os falantes da classe média-alta podem ter usado mais a forma *a gente* como uma maneira de se diferenciarem socialmente.

No tocante à variável sexo, em Jaguarão, as mulheres apresentaram peso relativo de 0,52 e os homens de 0,48 para o uso de *a gente*. Em Pelotas, 0,51 para as mulheres e 0,49 para os homens. Esses resultados mostram que, em ambas as localidades, os pesos relativos foram próximos ao ponto neutro, com um leve predomínio de *a gente* no sexo feminino. Borges (2004) ressalta que apesar de ser leve o favorecimento da forma *a gente* pelas mulheres em ambas as comunidades, isso pode indicar que futuramente poderá ocorrer um maior uso de *a gente* nas próximas gerações. Segundo o autor, isso contempla o que foi dito por Labov (2001), que as mudanças linguísticas vindas de baixo seriam implementadas pelas mulheres.

Portanto, quanto às variáveis sociais, a pesquisa de Borges aponta que a faixa etária mais jovem, em ambas as localidades, a classe social baixa em Jaguarão e a classe média alta em Pelotas estão impulsionando a mudança de *nós* para *a gente*.

Na pesquisa sociolinguística realizada por Tamanine (2010), a autora trabalhou a variação no uso das formas *nós* e *a gente* e a gramaticalização de *a gente* em Curitiba – PR, utilizando o banco de dados do Projeto VARSUL, composto por 32 entrevistas, considerando as seguintes variáveis sociais: faixa etária (26-49 anos e 50 anos ou mais), escolaridade (primário, ginásio, secundário e ensino superior) e sexo (masculino e feminino). As variáveis linguísticas e sociais selecionadas em sua análise, por ordem de relevância, seguem conforme a tabela 12:

²⁸ Para Labov (1994, p. 78), “*mudanças de cima* são introduzidas pela classe social dominante, geralmente com consciência pública completa [...] *mudanças de baixo* são mudanças sistemáticas que primeiro surgem no vernáculo, e representam a operação de fatores linguísticos internos [...] elas estão completamente abaixo do nível de consciência social”.

Tabela 12 - Grupo de fatores sociais relevantes sobre o uso de *a gente*. (Tamanine /2010)

Grupo de fatores	Aplic.	Ocorr.	%	P.R
1. Tonicidade				
Oxítonas	173	177	98	0,99
Monossílabos tônico/átono	270	277	97	0,97
Paroxítonas	687	1.465	47	0,23
2. Tempo Verbal				
Gerúndio	11	12	92	0,94
Pret.imp.subjuntivo	5	7	71	0,82
Pret.imp.indicativo	430	801	54	0,75
Futuro do pretérito	5	11	45	0,58
Presente do indicativo	517	927	56	0,40
Pretérito perf. do indicativo	112	259	43	0,18
3. Faixa etária				
25 a 49 anos	666	946	70	0,70
50 anos ou mais	464	1.138	41	0,33
4. Tipo de texto				
Dissertativo	471	689	68	0,58
Narrativo	563	1.160	51	0,50
Injunção	53	105	50	0,40
Descritivo	43	184	23	0,25
5. Perífrase				
Ir + INDO	14	17	82	0,90
Outras perífrases	76	54	71	0,78
ter que – R	58	85	68	0,66
poder + R	21	39	54	0,63
estar + DO	5	6	83	0,51
6. Verbos plenos				
saber	28	29	97	0,96
outros verbos	480	757	63	0,65
ver	55	64	86	0,58
sair	39	51	76	0,56
ficar	29	61	48	0,49
7. Sexo				
Feminino	735	1.266	58	0,55
Masculino	395	818	48	0,42
8. Determinação do referente				
Indeterminado	368	596	62	0,60
Determinado	762	1.488	51	0,46
9. Discurso reportado				
Discurso não reportado	1.127	2.033	55	0,51
Discurso report. inf.	1	14	7	0,16
Discurso report. de terceiros	2	37	5	0,07
10. Escolaridade				
Secundário	364	578	63	0,57
Superior	224	489	46	0,49
Ginásio	294	538	55	0,49
Primário	248	479	52	0,43

Fonte: (Adaptado de Tamanine 2010, p. 156, 164 e 173).

De acordo com a tabela 12, a variável estatisticamente mais significativa foi a tonicidade verbal, que ocupou a primeira posição na ordem de seleção. A forma *a gente* foi favorecida com os oxítonos, com probabilidade de 0,99 e os monossílabos tônicos/átonos, com 0,97. Enquanto as paroxítonas favoreceram o pronome *nós*, com 0,77.

O segundo grupo selecionado foi o tempo verbal. O gerúndio e o pretérito imperfeito do subjuntivo favoreceram *a gente* (0,94 e 0,82 respectivamente), apesar do reduzido número de dados. O pretérito imperfeito apresentou um peso relativo de 0,75 favorável para *a gente*. Esses resultados indicam que em Curitiba há alta probabilidade de *a gente* associado a esses tempos verbais.

Entretanto, tomando por base outros estudos já realizados, como o de Lopes (1998) e Omena (1998), Tamanine (2010) havia postulado a hipótese de que o tempo verbal presente do indicativo favoreceria o uso da forma *a gente* em Curitiba. Porém, esse tempo não favoreceu o uso de *a gente*, apresentando a probabilidade de 0,40. A autora levantou essa hipótese considerando também a possibilidade de o falante desambiguar a referência temporal *presente/pretérito perfeito* quando do uso de *nós* (*nós falamos/a gente falou*), mas isso não se confirmou. Dessa forma, o presente do indicativo e o pretérito perfeito, nos dados de Curitiba, favoreceram a forma canônica *nós* (0,60 e 0,82, respectivamente).

O terceiro grupo selecionado na rodada geral foi a faixa etária, sendo os mais jovens os que fizeram maior uso de *a gente*, com 0,70; já os falantes acima de 50 anos apresentaram 0,33 para essa forma, e conseqüentemente usaram mais o pronome canônico *nós*. Em Curitiba, portanto, também são os mais jovens que estão impulsionando a mudança.

O quarto grupo selecionado foi o tipo de texto. Tamanine (2010) verificou que nos textos descritivos predominou o uso do pronome *nós* (0,75). Segundo a autora, o alto favorecimento do uso de *nós* nos textos descritivos pode estar relacionado ao uso de verbos *estativos*, frequentes nesse tipo de texto. Já o tipo de texto argumentativo favoreceu o uso de *a gente* (0,58) e o texto narrativo apresentou um resultado no ponto neutro, com peso relativo 0,50, o que indica que *nós/a gente* está em plena variação nesse tipo de texto.

O quinto grupo selecionado na pesquisa de Tamanine (2010) foi a *perífrase*²⁹. Para essa análise, a autora considerou as ocorrências de verbos compostos por V1 + V2 na forma do infinitivo para V1 (*ter; ir; estar* etc.) + flexão verbal de V2 (R - infinitivo) (NDO – gerúndio) e (DO - particípio passado). Constatou-se assim, que a forma *a gente* foi favorecida

²⁹ *Perífrases* - compreendem as “construções em que, além do lexema do verbo e de uma primeira desinência, intervém um outro verbo (com seu próprio radical e sua própria desinência), que assume funções tipicamente gramaticais.” (ILARI e BASSO, 2006, p. 168).

com peso relativo de 0,90 para (ir) + (NDO) e o uso de *nós* foi favorecido com 0,74 para (ir) + (R) e 0,84 para (estar)+(NDO). Para Tamanine (2010, p. 162) “[...] 81% e 87% das formas verbais são *paroxítonas*, o que pode estar condicionando a presença de *nós*.” Conforme os exemplos 3 e 4 retirados do VARLINGUA:

- Estar + NDO.

(3) Sempre *Ø tamó participando*, não todo domingo né, mais sempre tem um dia da igreja, né? (1pMn)

(4) Só tem uma irmã que tá im Santa Catarina, intão...ela tá im Joinvile, é tá longinho, mais *nóis tamó querendo* trazê ela pra cá de volta. (1pMn)

O sexto grupo mais relevante foi o dos *verbos plenos*. Tamanine (2010) verificou que houve favorecimento da forma *a gente* com o verbo *saber* (0,90) que apresentou um uso quase categórico com o pronome inovador. Já os verbos *morar; ter; ser e estar* (verbos *estativos*) não favoreceram a forma *a gente* e, conseqüentemente, favorecem a forma *nós*.

A variável sexo ocupou a sétima posição na rodada geral dos dados de Tamanine e foram as mulheres que apresentaram o maior uso de *a gente*, com a probabilidade de 0,55 na forma plena, mas quando se tratou da forma reduzida de *a gente* (*a‘ente*), foram os homens que apresentaram probabilidade favorável 0,66 contra 0,42 para as mulheres.

Quanto à determinação do referente, oitavo grupo selecionado na ordem de relevância, Tamanine verificou que o uso da forma *a gente* foi favorecido na *indeterminação* com 0,60. Já o pronome canônico *nós* favoreceu levemente os contextos determinados, com 0,54. De acordo com a autora, o uso das formas *nós* e *a gente* na determinação apresentou resultados próximo ao ponto neutro, indicando que o pronome *a gente* está avançando no campo da determinação.

O discurso reportado foi o nono grupo selecionado na pesquisa de Tamanine e a autora constatou que o *discurso não-relatado* apresentou uma probabilidade de 0,51 para o uso do pronome *a gente*, o que significa que o uso de *nós* e *a gente* está próximo do ponto neutro. Já o *discurso relatado* pelo próprio informante e o *discurso de terceiros* favoreceram de maneira acentuada o uso de *nós* (0,84 e 0,93, respectivamente). De acordo com a autora, isso mostra “[...] a importância dessa variável neste estudo, pois em contextos mais marcados, quando o falante curitibano monitora a fala, é o uso de *nós* que prevalece”. (TAMANINE, 2010, p. 172)

A escolaridade foi o último fator selecionado na pesquisa de Tamanine. O pronome *a gente* foi favorecido pelos falantes do colegial (0,57); o ginásio e o superior apresentaram um resultado próximo do ponto neutro (0,49) e o primário favoreceu a forma canônica *nós*, com 0,57. Nos estudos de Seara (2000) também a forma *a gente* foi mais usada pelos informantes com ensino médio (0,56 e 0,57, respectivamente). Enquanto na pesquisa de Franceschini (2011), o pronome conservador *nós* predominou na fala dos informantes mais escolarizados (ensino médio: 0,54).

A pesquisa sociolinguística realizada por Franceschini (2011) tratou da variação *nós/a gente e tu/você* em uma amostra de 24 entrevistas realizadas na cidade de Concórdia (SC). As variáveis sociais consideradas foram: duas faixas etárias (26-45 anos e 50 anos ou mais), três níveis de escolaridade (fundamental I, fundamental II e ensino médio) e sexo (feminino e masculino). Quanto aos fatores linguísticos para o uso de *nós/ a gente*, foram testados: tonicidade, saliência fônica, tempo verbal, concordância verbal, determinação do referente, tipo de texto, tipo de discurso e tipo de verbo. Em sua análise, a autora realizou inúmeras rodadas no programa estatístico VARBRUL³⁰, e constatou que, dependendo das variáveis independentes consideradas na análise, os resultados apresentam diferenças. Devido à sobreposição de fatores (saliência fônica e tempo verbal) e a melhor significância obtida em rodada sem a saliência e a tonicidade, Franceschini (2011) retirou essas variáveis de sua análise final.

A tabela 13 apresenta as variáveis linguísticas e sociais selecionadas na pesquisa de Franceschini (2011):

³⁰ VARBRUL - do inglês *Variable Rules Analysis* “é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturada para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY e ZILLES, 2007, p. 105).

Tabela 13 - Grupo de fatores relevantes sobre o uso de *nós/a gente*. (Franceschini/2011)

Grupo de Fatores	<i>Nós</i>			<i>A gente</i>		
	Aplic.N	%	P.R.	Aplic.N	%	P.R.
1. Determinação do referente						
Indeterminado	28/202	14	0,17	174/202	86	0,83
Determinado	742/1.351	55	0,56	609/1.351	45	0,44
2. Tempo Verbal						
Infinitivo	11/35	31	0,33	24/35	69	0,67
Presente do Indicativo	381/896	43	0,42	515/896	57	0,58
Pretérito Imp. do Indic.	105/235	45	0,44	130/235	55	0,56
Pretérito Perfeito do Indic.	271/369	73	0,74	98/369	27	0,26
3. Tipo de discurso						
Direto	749/1.529	49	0,49	780/1.529	51	0,51
Relatado de terceiros	19/22	86	0,95	3/22	14	0,05
4. Tipo de verbo						
Dicendi	22/100	22	0,29	78/100	78	0,71
Epistêmico	27/110	25	0,40	83/100	75	0,60
Ação	52/1.002	52	0,50	481/1.002	48	0,50
Estado	200/341	59	0,60	141/341	41	0,40
5. Tipo de texto						
Dissertativo	132/373	35	0,46	241/373	65	0,54
Narrativo	461/867	53	0,48	406/867	47	0,52
Descritivo	173/308	56	0,61	135/308	44	0,39
6. Faixa etária						
26 a 45 anos	359/805	45	0,45	446/805	55	0,55
50 anos ou mais	411/748	55	0,55	337/748	45	0,45
7. Escolaridade						
Fundamental I	212/460	46	0,46	248/460	54	0,54
Fundamental II	216/463	47	0,47	247/463	53	0,53
Ensino médio	342/630	54	0,55	288/630	46	0,45
8. Tipo de ocorrência						
Formas iguais	299/636	47	0,47	337/636	53	0,53
Formas diferentes	125/250	50	0,47	125/250	50	0,53
isoladas	346/667	52	0,56	321/667	48	0,44
TOTAL	770/1.553	50		783/1.553	50	
Significância 0,31						

Fonte: Franceschini (2011, p.160)

Como vemos na tabela 13, a determinação do referente foi a variável mais significativa no trabalho de Franceschini (2011). O uso do pronome *a gente*, na indeterminação, apresentou uma probabilidade de uso de 0,83; já na determinação, o uso do pronome *nós* predominou (0,56). A autora comparou esses resultados aos de outros trabalhos já realizados sobre a variação pronominal *nós/a gente*, no Brasil, (Omena, 1998; Seara, 2000; Borges, 2004 e Tamanine, 2002, 2010), constatando que, também nessas pesquisas, o

pronome *a gente*, embora predomine na indeterminação, já apresenta um uso bastante significativo também em contextos de sujeito determinado.

Quanto ao tempo verbal, segunda variável selecionada na pesquisa, Franceschini (2011) verificou que forma *a gente* foi favorecida no infinitivo, no presente do indicativo e no pretérito imperfeito. Já o pretérito perfeito favoreceu o uso do pronome *nós* (0,74). A autora destacou que o favorecimento da forma *a gente* no presente do indicativo pode estar relacionado ao fato de que esse tempo verbal seja considerado, normalmente, mais propício à indeterminação; já o uso de *a gente* no pretérito imperfeito pode estar condicionado ao fato de se evitar o uso de palavras proparoxítonas na língua.

Em relação ao tipo de discurso, terceira variável selecionada como significativa no estudo de Franceschini (2011), o resultado obtido para o discurso direto foi de 0,51, portanto, próximo do ponto neutro, ou seja, o uso de *nós* e *a gente* foram semelhantes, enquanto no discurso reportado de terceiros, o uso do pronome *nós* predominou, com um peso relativo bastante elevado (0,95). Tamanine (2010), também encontrou, nos resultados de Curitiba-PR, um peso relativo neutro (0,51) no discurso direto, o que significa que o uso de *a gente* e *nós* foi equivalente nesse contexto.

Quanto ao tipo de verbo, quarta variável selecionada, Franceschini (2011) verificou que os verbos *dicendi* e *epistêmicos* favorecem o uso de *a gente* (0,71 e 0,60, respectivamente) e os verbos de *estado* desfavorecem esse pronome, favorecendo o uso de *nós* (0,60). Já os verbos de *ação* apresentaram a mesma probabilidade de uso para *nós* e *a gente* (0,50).

A quinta posição ficou com o tipo de texto. O pronome *a gente* destacou-se no texto *dissertativo*, com peso relativo de 0,54. Em seguida, o texto narrativo apresentou um peso de 0,52, próximo do ponto neutro; já no texto descritivo, esse pronome foi pouco usado (0,39). Nesse tipo de texto, portanto, o uso da forma *nós* predominou, com um peso relativo de 0,61. O uso de *a gente* no texto dissertativo era o mais esperado, e foi o que ocorreu, pois na dissertação, quando o falante expõe suas opiniões, há uma maior tendência para a indeterminação do sujeito, e o pronome *a gente* normalmente predomina nesse contexto.

Em seguida, foram selecionadas as variáveis sociais. A faixa etária ocupou a 6ª posição no estudo de Franceschini e o pronome inovador *a gente* apresentou maior probabilidade de uso na faixa etária mais jovem. Nos resultados gerais, a autora observou indícios de uma mudança em tempo aparente, pois a forma pronominal *a gente* já faz parte da fala da maioria dos falantes e foram os mais jovens que apresentaram um maior uso do pronome inovador, com probabilidade de 0,55.

A variável escolaridade foi a última categoria selecionada na pesquisa efetuada em Concórdia, SC, por ordem de significância, e apresentou os seguintes resultados: o nível fundamental I apresentou probabilidade de 0,54 e o fundamental II de 0,53, favorecendo o uso de *a gente*, enquanto os falantes mais escolarizados, com nível médio, favoreceram o pronome canônico *nós*, com 0,55.

Assim, a partir dos resultados apresentados por Lopes (1998), Omena (1998), Seara (2000), Tamanine (2002; 2010), Borges (2004) e Franceschini (2011), verificamos algumas tendências gerais que comentaremos a seguir e que embasaram as hipóteses de nosso trabalho sobre a variação pronominal *nós/a gente* em Guarapuava.

Em relação às variáveis sociais, a faixa etária mostrou-se significativa em todos os trabalhos e, em todos eles, os falantes mais jovens favoreceram o uso da forma *a gente*, o que parece indicar uma possível mudança em curso, com os mais jovens impulsionando a mudança em favor do pronome inovador *a gente* e os mais velhos favorecendo o pronome conservador *nós*.

Quanto à variável sexo, verificou-se que as mulheres foram mais inovadoras, liderando no uso da forma *a gente*, como mostram as pesquisas de Lopes (1998), Seara (2000), Borges (2004) e Tamanine (2010). Essa hipótese já havia sido levantada por Labov (1990) e Guy (2001), pois, para esses autores, as mudanças rumo às formas não estigmatizadas, o que parece ser o caso de *a gente*, seriam implementadas principalmente pelas mulheres e seriam mais rapidamente aceitas na comunidade. Assim, esse favorecimento de *a gente*, pelas mulheres, parece indicar que essa forma não apresenta uma valoração negativa ou estigmatizada. De forma geral, os trabalhos estudados mostram uma mesma tendência: as mulheres e os mais jovens fizeram um maior uso da forma inovadora *a gente*.

Em relação às variáveis linguísticas, a determinação/indeterminação do referente também foi selecionada em todos os trabalhos analisados, e os resultados mostram que o pronome *a gente* é favorecido em contextos de indeterminação, embora algumas pesquisas já tenham constatado que essa forma está ganhando espaço também na determinação.

Quanto ao tipo de texto, Tamanine (2010) e Franceschini (2011) verificaram que os textos dissertativos favoreceram o uso da forma *a gente* e esse favorecimento, segundo as autoras, pode estar relacionado com a questão do traço de indeterminação presente em *a gente*.

A tonicidade mostrou-se significativa nas pesquisas de Borges (2004) e Tamanine (2010), e os resultados mostram um elevado favorecimento para a forma *a gente* com o uso dos monossílabos tônicos e oxítonos.

Quanto à questão do tempo verbal, Omena (1998) observou, em sua pesquisa, que o uso de *a gente* foi favorecido pelos tempos verbais *gerúndio/infinitivo/particípio* e *presente do indicativo*, enquanto o *passado* e o *futuro* favoreceram a forma *nós*. Seara (2000) e Franceschini (2011) também constataram, em suas pesquisas, que os tempos verbais mais propícios à indeterminação (*presente do indicativo* e o *pretérito imperfeito*), favoreceram o uso do pronome *a gente*.

Como vimos, os fenômenos de variação pronominal *nós/a gente* já foram estudados em várias localidades do Brasil. Com base nessas pesquisas e nos resultados obtidos, elencamos algumas variáveis para serem testadas na pesquisa em Guarapuava. As variáveis linguísticas: *determinação do referente, tipo de texto, tempo verbal, concordância verbal e tonicidade* e três variáveis sociais: *faixa etária, escolaridade e sexo*. Além disso, elaboramos nossas hipóteses em relação a essas variáveis.

4. NÓS/A GENTE EM GUARAPUAVA

Apresentamos, neste capítulo, as etapas utilizadas para a realização da pesquisa sobre a variação pronominal *nós/a gente* em Guarapuava, PR. Inicialmente, destacamos algumas características históricas e sociais da comunidade analisada e, em seguida, tratamos da constituição da amostra e do programa estatístico GoldVarb X. Por fim, apresentamos as variáveis dependentes e independentes consideradas em nosso estudo.

4.1 Características históricas e sociais da comunidade analisada

O município de Guarapuava, PR, está localizado na região sul do Brasil e no centro-sul do estado do Paraná, no terceiro planalto³¹, chamado Planalto de Guarapuava. É cortado pelo entroncamento rodoviário da BR 277³², que liga a região de Curitiba a Foz do Iguaçu e aos países do Mercosul, pela PR³³ 460, ligando também a região Centro-Sul do Paraná à região norte do estado. Segundo os dados do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES/2015)³⁴, é o maior município do estado do Paraná, com uma extensão territorial de 3.178.649 Km², distribuídos em cinco distritos: Palmeirinha, Guará, Guairacá, Atalaia e Entre Rios, além da Sede.

³¹ A zona de capeamento Arenito-Basáltico corresponde ao grande derrame mesozóico de rochas eruptivas básicas que, no território paranaense, apresenta-se como o Terceiro Planalto Paranaense, ou Planalto Arenito-Basáltico e abrange cerca de 2/3 do território paranaense. Esta unidade desenvolve-se como um conjunto de relevos planálticos, com inclinação geral para oeste-noroeste e subdivididos pelos principais afluentes do rio Paraná, atingindo altitudes médias de cimeira de 1100 a 1250 m, na Serra da Esperança, declinando para altitudes entre 220 e 300 metros na calha do rio Paraná. Disponível em: http://www.mineropar.pr.gov.br/arquivos/File/2_Geral/Geomorfologia/Atlas_Geomorforlogico_Parana_2006.pdf. Acesso em: 12.10.2015. As principais cidades situadas sobre o Terceiro Planalto são: Londrina, Maringá, Foz do Iguaçu, Cascavel, Campo Mourão, Pato Branco, Paranavaí, União da Vitória, Guarapuava e Umuarama. Disponível em: <https://geovest.files.wordpress.com/2012/09/parana.pdf>. Acesso em 12.10.2015.

³² A nomenclatura das rodovias é definida pela sigla BR, que significa que a rodovia é federal, seguida por três algarismos. O primeiro algarismo indica a categoria da rodovia, de acordo com as definições estabelecidas no Plano Nacional de Viação. Os dois outros algarismos definem a posição, a partir da orientação geral da rodovia, relativamente à Capital Federal e aos limites do País (Norte, Sul, Leste e Oeste). Disponível em: <http://www.dnit.gov.br/rodovias/rodovias-federais/nomeclatura-das-rodovias-federais>. Acesso em 12.10.2015.

³³ As rodovias do estado do Paraná começam com o prefixo PR, seguido de um número que indica a classificação: 0 para rodovias que partem de Curitiba para outros pontos do estado, 1 para estradas que cortam o Paraná no sentido Norte-Sul, 2 para Leste-Oeste, 3 para Noroeste-Sudeste e Nordeste-Sudoeste. No caso das PRs que iniciam com 4, 5 e 6, são aquelas que ligam pontos importantes de interesse estadual. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/voce-sabe-como-e-definido-o-nome-de-uma-rodovia>. Acesso em: 12.10.2015.

³⁴ Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=85000>. Acesso em 27.09.2015.

Conforme o CENSO de 2010, o município de Guarapuava possui aproximadamente 170.000 habitantes e é considerada a cidade polo da região Centro-Sul, dispondo de vários serviços públicos estaduais e federais para atender toda a região.

De acordo com Marcondes (1998) há muito tempo antes de chegarem à Guarapuava os europeus, essa terra era habitada por índios, tudo era uma imensa área silvestre. Os índios viviam da pesca e da caça de animais e nessa região havia muitos animais selvagens, entre eles se destacava o lobo guará, por isso, os índios chamavam essa região de GUARÁ (lobo), PUAVA (bravo). Mais tarde, os portugueses também chamaram essa região de Guarapuava. Segundo a autora, o nome Guarapuava é de origem tupi, e acredita-se que foi dado pelos índios guarani, já que eles falavam o tupi-guarani.

A história do município de Guarapuava iniciou-se, de acordo com o Paraná Blog³⁵, a partir da expansão territorial em solo americano pelos portugueses e espanhóis. Conforme determinado pelo Tratado de Tordesilhas todo o território do centro-oeste do estado do Paraná deveria ser de comando espanhol.

Segundo Marcondes (1998), para tomar posse do Oeste paranaense que pertencia à Espanha de acordo com o Tratado de Tordesilhas, foi enviado Dom Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, que no ano de 1541 fundou a Província de Vera, que abrangia todo o território guarapuavano, Santa Catarina e o rio Iguaçu.

De acordo com o *Blog Paraná*, durante o período em que a coroa espanhola dominou o território português, ocorreu um grande número de invasões rumo ao interior do continente a partir da província de São Paulo, expandindo os limites territoriais portugueses. Mas, com a dissolução da União Ibérica e o fim da Dinastia Filipina, sob o efeito da ameaça expansionista portuguesa, houve a reformulação do acordo entre os dois países, por meio do Tratado de Madri, que redefiniu as fronteiras das colônias. Dessa forma, a região de Guarapuava continuou sem a presença do domínio europeu até o início do século XIX, quando a coroa portuguesa determinou a organização de uma expedição para ocupar a região e, por meio de seu povoamento, garantir a nova fronteira com a Espanha. A Expedição de Conquista e Povoamento dos Campos de Guarapuava foi comandada por Diogo Pinto de Azevedo Portugal, no ano de 1810.

Os primeiros povoadores de Guarapuava foram os portugueses ou seus descendentes que residiam em São Paulo, onde exploravam a pecuária e, por motivos políticos, haviam se transferido para a 5ª Comarca do Paraná,

³⁵ Blog Paraná. Disponível em: <http://www.guarapuava.parana.blog.br/historia-de-guarapuava/>. Acesso em 01.06.2015.

Campos de Curitiba, São José dos Pinhais, Castro e Palmeira. Quando a Real Expedição Colonizadora veio para Guarapuava em 1810, apresentaram-se como sesmeiros ou posseiros. (MARCONDES, 1998, p.68)

Instalaram-se, no território, as primeiras tropas, seus familiares e povoadores, com aproximadamente 300 famílias. Entre 1812 e 1859, segundo Marcondes (1998), os portugueses trouxeram suas famílias, seu dinheiro, seus escravos, sua cultura, sua língua, seus costumes e a religião católica, dando início à Sociedade Tradicional Campeira, baseada na propriedade familiar e na mão de obra escrava. Além disso, Guarapuava foi a primeira localidade brasileira a receber condenados ao degredo, pela justiça.

Guarapuava surgiu oficialmente com a assinatura formal de instalação da Freguesia de Nossa Senhora de Belém, em 9 de dezembro de 1819, ano em que foi fundada a Catedral, inicialmente chamada Igreja Fortaleza. Mas, somente em 1841 a construção da Matriz começou, adotando o estilo barroco e tendo como base a planta feita pelo Padre Chagas. A Catedral de Nossa Senhora de Belém foi um ponto referencial importante para a sociedade da época. No ano de 1852, o povoado Nossa Senhora de Belém foi elevado à categoria de Vila e, em 1859, foi criada a comarca de Guarapuava. A Vila Nossa Senhora de Belém recebeu foro de cidade no dia 12 de abril de 1871.

Guarapuava foi formada por uma grande diversidade étnica. Inicialmente era povoada pelos indígenas da Tribo Guarani, logo em seguida vieram fazendeiros e comerciantes de origem portuguesa e espanhola que saíram dos Estados de São Paulo e do Rio de Janeiro. Também foram trazidos africanos para trabalhar nas fazendas. Além disso, instalaram-se na região, imigrantes alemães, italianos, poloneses e ucranianos.

De acordo com Marcondes (1998, p.90), desde que foi instalada em 1953, a Câmara Municipal de Guarapuava empenhou-se em trazer imigrantes para o plantio de trigo. Em 1855 vieram residir em Guarapuava os imigrantes franceses que contribuíram para o progresso das artes como a música, a pintura, o teatro e as letras, com professores de línguas. Na culinária, implementaram pratos e bebidas finas como licores, vinhos, champanhe. No lazer, trouxeram os concertos, reuniões literárias, as danças de salão e as etiquetas.

Segundo a autora, no final do século XIX, alguns italianos e descendentes se fixaram em Guarapuava, muitos dos descendentes vieram do Rio Grande do Sul ou de Santa Catarina. A presença deles contribuiu para o desenvolvimento da agricultura com a produção de frutas e hortaliças, na produção de vinhos, queijos, salames e também de pizzas, entre outros. Foram eles que introduziram as festas de primeira comunhão e no lazer tiro ao alvo e jogo de “bocha”.

Somente em 1896 chegaram os ucranianos em Guarapuava, e foram os primeiros imigrantes que trouxeram a tradição agrícola, pois eram tradicionais produtores de trigo e cultivaram trigo, centeio, batatinha, cevada, milho, feijão e arroz. Integraram-se na extração da erva-mate. Através da religião conservaram sua língua.

Os austríacos e poloneses chegaram a partir de 1901, dedicados à terra, os poloneses muito contribuíram para o desenvolvimento da agricultura em Guarapuava. Na década de 50, chegaram a Guarapuava os descendentes de japoneses com objetivo de cultivar produtos hortigranjeiros. Em 1963 eles iniciaram a cultura das batatas por essa região ser alta e de clima frio. Na culinária, os japoneses trouxeram pratos típicos como o sukiyaki, o sashimi, entre outros. No esporte, os japoneses contribuíram com o judô, o atletismo e o Karatê. Para preservar as suas raízes, eles fundaram a Associação Cultural e Esportiva de Guarapuava e também criaram uma escola de língua japonesa.

Desde o início do século também ocorreu a imigração de árabes e sírio-libaneses em Guarapuava, a atividade deles era o comércio, vendiam tecidos, armas e secos e molhados. Além disso, trouxeram a sua cultura milenar na culinária, especialmente com pratos típicos como o quibe. Na arte trouxeram a dança do ventre, o artesanato e tecidos. Atualmente os sírio-libaneses atuam no comércio guarapuavano.

Quanto aos indígenas, esses foram praticamente exterminados no processo de colonização e restaram apenas alguns vestígios de sua cultura. Atualmente, há uma reserva em Guarapuava e várias outras na região. Os africanos foram trazidos para trabalhar nas fazendas da região e em Guarapuava foi fundado o único quilombo do Paraná, o Paiol das Telhas.

Os imigrantes alemães, os chamados suábios do Danúbio³⁶, são um povo de etnia e cultura germânicas que, a partir de 1720, emigraram do sudoeste da atual Alemanha para o sudeste da Europa (ex-Iugoslávia, Romênia e Hungria, que na época integravam o Império Austríaco, de cultura germânica). Durante o período da Segunda Guerra, os suábios fugiram para a Áustria, onde passaram vários anos em abrigos para refugiados. Foram concedidas a eles, áreas ao sul de Guarapuava, entre os rios Pinhão e Jordão, formando o distrito de Entre Rios. A população do distrito conserva até hoje a cultura e a tradição alemã, principalmente o idioma, sendo que o local, por sua aparência arquitetônica, se assemelha muito com regiões rurais da Alemanha e do norte dos Estados Unidos. As primeiras famílias foram também fundadoras da Cooperativa Agrária Mista Entre Rios, considerada uma das maiores cooperativas agropecuárias do Paraná. O Distrito de Entre Rios é considerado um dos maiores

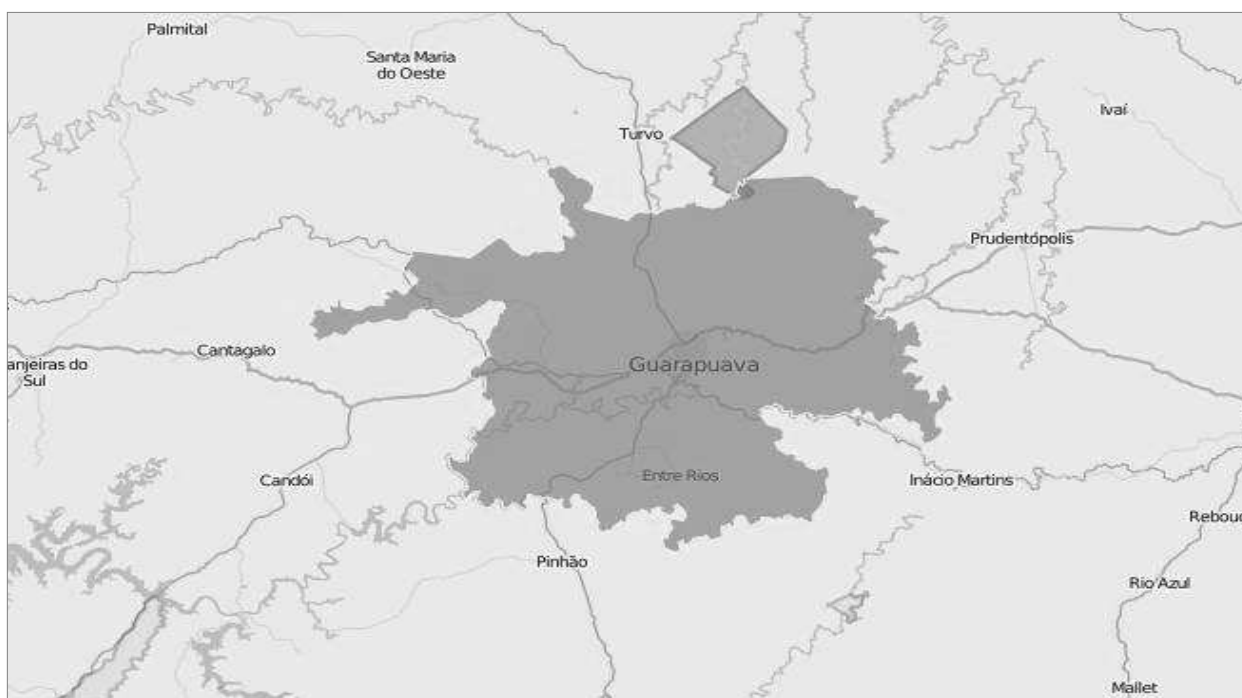
³⁶ Informações obtidas do site da Associação Amigos da Vila Suévia (SOAVISU). Disponível em: <http://www.soavisu.com.br/suabios-do-danubio/>. Acesso em 01.08.2015.

do Brasil, com aproximadamente 10 mil habitantes nas colônias Vitória, Socorro, Samambaia, Cachoeira e Jordãozinho.

O município de Guarapuava, segundo o *Portal de Guarapuava*³⁷, limita-se ao norte com o município de Turvo, ao sul com o município de Pinhão, a oeste com Cândói, Cantagalo e a leste com Prudentópolis, Inácio Martins. Está localizado a 247 km da capital Curitiba, a 361 km do porto de Paranaguá e a 389 km da tríplice fronteira em Foz do Iguaçu.

O território de Guarapuava já foi um dos maiores municípios do Brasil em extensão territorial, ocupando mais da metade de todo o estado do Paraná, a partir da região central até o oeste, além de todo oeste de Santa Catarina. O município fazia fronteira com o Paraguai, pelas barrancas do rio Paraná e com a Argentina, através do rio Iguaçu, além do Rio Grande do Sul. A seguir, apresentamos o mapa 1 com a localização de Guarapuava.

Mapa 1 - Mapa de Guarapuava e região



Fonte: IBGE 2015³⁸

³⁷ Disponível em: <http://portaldeguarapuava.com.br>. Acesso em: 27.09.2015.

³⁸ Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=410940>. Acesso em 30.09.2015.

4.2 Coleta de dados e composição da amostra

O *corpus* desta pesquisa é composto por uma amostra de 24 entrevistas gravadas, pertencentes ao Banco VARLINGUA, com duração mínima de quarenta minutos cada. Para a coleta dos dados, selecionamos moradores do município de Guarapuava, PR.

No total, são 24 informantes: 12 com idades de 25 a 45 anos e 12 com idades de 50 anos ou mais, sendo 12 masculinos e 12 femininos de cada uma das faixas etárias; 8 informantes com nível fundamental I, 8 com fundamental II e 8 com ensino médio. Além disso, utilizamos os seguintes critérios para a seleção dos informantes:

- a) Nascidos no município de Guarapuava, na área urbana ou rural;
- b) Que não tenham residido mais do que dois anos em outra cidade³⁹.

A pesquisa foi realizada nos anos 2014 e 2015. Na coleta dos dados, após a aplicação de uma ficha social, usamos a entrevista sociolinguística como instrumento, que consiste em gravar narrativas de experiências pessoais. Nessas narrativas, espera-se que os entrevistados se preocupem com as histórias que estão contando e não com a forma como as estão relatando. As entrevistas foram, posteriormente, transcritas e os dados foram armazenados eletronicamente, codificados e submetidos ao tratamento estatístico do Programa GoldVarb X.

Os dados analisados nesta pesquisa fazem parte do Banco VARLINGUA. É importante destacar que todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, TCLE, autorizando o uso das entrevistas para fins de pesquisas sociolinguísticas.

4.3 O programa estatístico GOLDVARB X

A sociolinguística trabalha com dados sociais e linguísticos, que são tratados estatisticamente para verificar quais fatores são relevantes na pesquisa. Os dados estatísticos servem para comprovar ou refutar hipóteses a partir do olhar do linguista, e os resultados são apresentados em percentagens e pesos relativos, cujos valores vão de zero a um e indicam, matematicamente, o peso com que um fator, linguístico ou extralinguístico, influencia no uso de uma variante.

Quando o peso relativo é próximo a 0 (zero), significa que tal fator desfavorece fortemente o uso da variante e quando é igual ou próximo a 0,50, é neutro. Quanto mais

³⁹ Os 24 informantes são filhos de pais nascidos em Guarapuava e região. Apenas dois informantes moraram em outras cidades, depois dos doze anos de idade, por um curto período.

próximo a 1 (um), maior será o peso com que o fator favorece o uso da variante. Esses valores são obtidos a partir de fórmulas estatísticas complexas.

Dessa forma, para realizarmos este trabalho, utilizamos o programa GoldVarb X de David Sankoff, Sali Tagliamonte e Eric Smith (2005), que é uma versão para ambiente *Windows* do pacote de programas VARBRUL.

O papel da estatística na teoria da variação é fundamental para o estudo de qualquer fenômeno variável nas manifestações linguísticas, mas é o linguista que deverá levantar os dados empíricos utilizando a estatística para interpretar os resultados numéricos, com intuito de entender o funcionamento da linguagem humana. Nas palavras de Tarallo,

O tratamento estatístico dos dados indicará que certos grupos são, na realidade, responsáveis pela implementação da variante e que outros, ao contrário, não demonstram qualquer efetividade na aplicação na regra da variável. (TARALLO, 2001 p. 49).

Portanto, cabe ao pesquisador investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, bem como diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático, permitindo ao pesquisador confirmar ou não sua hipótese inicial.

4.4 A estruturação das variáveis

Nesta seção, apresentamos a variável dependente *nós/a gente*. Além disso, elencamos as variáveis independentes linguísticas: *determinação do referente, tipo de texto, tempo verbal, concordância verbal e tonicidade*, e sociais: *faixa etária, escolaridade e sexo*. Apresentamos, também, as nossas hipóteses relacionadas aos grupos de fatores selecionados para a análise.

4.4.1 A variável dependente *nós/a gente*

A análise da alternância *nós/a gente* já foi analisada em diversos estudos no Brasil como variável dependente. Nos estudos de Lopes (1998), Omena (1998), Seara (2000), Borges (2004), Tamanine (2002, 2010), Menon (2003) e Franceschini (2011).

Segundo Guy e Zilles (2007, p. 135):

A variável dependente, o foco do estudo, é uma variável linguística porque existem dois ou mais elementos linguísticos que se alteram no uso e podem ser vistos como opções em algum ponto na gramática mental. Em princípio, podem ser elementos de qualquer nível estrutural: realizações alternativas de segmentos ou traços fonológicos, estruturas ou processos sintáticos, itens morfológicos ou lexicais, estruturas discursivas etc. Segundo a formulação sintética proposta por Labov (1972: 271), as variantes em alternância representam “maneiras diferentes de dizer a mesma coisa”.

Em geral, os resultados dessas pesquisas indicaram mudança em curso, com a gradativa substituição de *nós* por *a gente* e com um avanço cada vez maior de *a gente* no campo da determinação, antes relacionado apenas ao uso de *nós*.

Na amostra de Guarapuava/PR, analisamos a ocorrência da variável dependente *nós/a gente*, levando em conta a questão de que o português é uma língua que pode apresentar formas pronominais sujeito plenas/expressas e também com sujeito nulo ou anáfora \emptyset). Para isso, exemplificamos, com dados de nossa amostra, o uso dos pronomes *nós/a gente*, tanto *expressos* quanto *nulos*, na função de sujeito. Consideramos como forma *não preenchida*, os casos em que as orações não coordenadas apresentavam os pronomes *nós/a gente*.

O português, tradicionalmente, é considerado uma língua de sujeito nulo, mas está em fase de mudança. Segundo Duarte (1996), o português estaria em evolução, passando de uma língua *pro-drop* (*parâmetro de sujeito nulo*) para uma marcação não *pro-drop*, ou seja, para uma língua de sujeitos plenos ou preenchidos.

Assim, considerando os pronomes *nós/a gente expressos* e *nulos*, nossa variável dependente ficou assim estabelecida:

G – *a gente* (expresso/nulo);

N – *nós* (expresso/nulo).

Seguem exemplos obtidos em nossos dados:

a) *A gente* expresso/nulo

(5) Assim, na verdade assim, *a gente*, a princípio quando *a gente* noivô, *a gente* pretendia construí a nossa casa assim, por financiamento, ia se a casa, a casa ia tê tudo que precisava, questão de de cômodos, porém não deu certo. (1cFe)⁴⁰

⁴⁰ Informante da primeira faixa etária (1), com ensino médio (c), sexo feminino (F), letra que identifica o informante.

(6) As brincadeiras na hora do recreio, que agora é tudo diferente, né? Intão *a gente* ainda tinha, ainda tenho, sempre convérso com as minhas primas com algumas amigas daquela época, as brincadeiras de roda, que hoje as meninas nem conhecem, né? Intão *a gente* ainda lembra das musiquinha que *a gente* cantava, das brincadeira de roda i, era divertido. (2gFi)

(7) E domingo *a gente* ía na missa e depois *a gente* tinha a tarde livre, né? (2cMI)

(8) *A gente* sempre ia na igreja porque todo domingo Ø *tinha* que í, era um imposição dos pais, né? (2cMI)

Vemos que no exemplo (5), a entrevistada fala sobre o seu noivado e como seria a sua casa. Para tanto, utiliza o *a gente expresso* no texto e também apresenta uma forma de *a gente* não expresso para referir-se a ela e ao seu esposo.

No exemplo (6), a informante inicia o seu discurso com o *a gente expresso*, e continua usando a mesma referência ao relatar as brincadeiras da sua infância.

No exemplo (7), o informante também utiliza o *a gente expresso* referindo-se a ele e aos irmãos para explicar que, na infância, iam à missa pela manhã e depois ficavam com a tarde de domingo livre.

Já no exemplo (8), o informante inicia o seu discurso com o *a gente expresso* e na sequência, usa o *a gente nulo* (Ø), quando relata que, na sua infância, ele e os irmãos tinham que ir à missa todos os domingos, pois era uma imposição dos pais.

b) *Nós* expresso/nulo

(9) Acho que foi aniversário de casamento, bodas de oro, né? do vô e da vô, né? então foi, nossa! Só nossa família dava festa, *nóis* tinha, *nóis* tinha os músico, *nóis* tinha o cuzinhero, *nóis* tinha os dançadô, *nóis* tinha tudo, né? Dentr... dentro da da família tem tudo. (1gMd)

(10) Agora, que nem diz o causo, graças a Deus, *samo* rico, né? intão, quase tudo final de semana *fazemo* uma carninha assada, né? (2gMj)

(11) *Nóis* temo esse privilégio, no bairro que, lá nosso bairro, *nóis* temo a coleta de lixo é dia sim, dia não, é agua só quando chega na época de racionamento, né? tem isgoto, né? tem telefone tem luz, intão nessa parte é boa a istrutura do bairro é boa, *nóis* temo mercado, Ø *temo* o Detran, é perto, é loterica, ônibus, o acesso da cidade. (1gMd)

O exemplo (9) ilustra a presença do pronome *nós expresso*, pois o entrevistado fala sobre as festas em família e cita como exemplo as bodas de ouro de seus avós. Ele relata que

na festa havia músicos, cozinheiro e os dançarinos, isto é, tinham tudo. Nota-se que o informante utiliza, nesse relato, continuamente o *nós expresso*.

No exemplo (10), o entrevistado fala que, atualmente, em comparação com a época de sua infância, em que ele e os irmãos passavam por dificuldades financeiras, atualmente a situação financeira deles melhorou como o próprio informante diz, “*samo* rico, né?”, pois quase todo final de semana eles fazem churrasco. Percebemos que o informante usa o *nós nulo*, que é facilmente detectado pela desinência verbal *-mos*.

No exemplo (11), o entrevistado fala do privilégio dos moradores do bairro, ele comenta sobre sua infraestrutura, que é muito boa. O informante usa o pronome *nós expresso* e no final do relato utiliza a forma pronominal não expressa.

A seguir, apresentamos as variáveis independentes, linguísticas e sociais, analisadas em nosso estudo sobre a variação pronominal *nós/a gente* em Guarapuava/PR.

4.4.2 Variáveis linguísticas

Nesta seção, apresentamos algumas das variáveis linguísticas/independentes que foram selecionadas como estatisticamente significativas em outras pesquisas realizadas no Brasil e que foram testadas na pesquisa de Guarapuava/PR. Essas variáveis são: *determinação do referente, tipo de texto, tempo verbal, concordância verbal e tonicidade*. Incluímos em nossa análise também a variável *presença/ausência do pronome*.

As variáveis independentes, tratadas no Varbrul como ‘grupos de fatores’, formam a parte central do sistema analítico. Cada uma delas representa uma hipótese de possíveis efeitos sobre a variável dependente (a ‘aplicação da regra’). (GUY; ZILLES, 2007, p. 137)

4.4.2.1 Presença/ausência do pronome

Nos dados de Guarapuava, diferentemente das análises da variação *nós/a gente* realizadas por Omena (1998), Lopes (1998), Seara (2000), Borges (2004), Tamanine (2002, 2010) e Franceschini (2011) controlamos a *presença/ausência* dos pronomes como uma variável independente. Os exemplos (5), (6), (7), (8), (9), (10) e (11), apresentados no tópico anterior, ilustram essa variável em nossa amostra.

Nossa hipótese para essa variável é de que o pronome *a gente*, que apresenta a forma verbal não-marcada, favorecerá o preenchimento do sujeito (*presença do pronome*). Já o

pronome *nós*, por apresentar na forma verbal a desinência – *mos*, que identifica o sujeito, favorecerá o não-preenchimento do sujeito (*ausência do pronome*).

Assim, em nosso estudo, os seguintes fatores foram considerados na análise da variável *presença/ausência do pronome*:

0 – ausência

1 – presença

4.4.2.2 Determinação do referente

Nas pesquisas de Omena (1998), Seara (2000), Borges (2004), Tamanine (2002; 2010) e Franceschini (2011), o uso do pronome *a gente* predominou na indeterminação. Mas, conforme vários desses estudos atestaram, esse pronome vem ganhando espaço também na determinação.

Já o pronome *nós*, segundo Lopes (1998), é utilizado preferencialmente quando o referente é determinado, ou seja, quando o falante refere-se a “eu+você” ou a “eu+ele”.

A partir de dados do NURC de São Paulo, Menon (1994) realizou, em sua tese de doutoramento, uma série de testes para classificar as variantes quanto à indeterminação do sujeito. Para Menon (2006, p. 129),

A indeterminação do sujeito concerne os casos em que não se pode ou não se quer nomear o sujeito, na acepção de “referente extralinguístico.” Mas, o referente é conhecido pelo locutor [...] e se ele quisesse ou se isso lhe fosse conveniente ou interessante, ele poderia nomeá-lo ou descrevê-lo.

A autora constatou que existem várias formas de indeterminar o sujeito no português brasileiro. A gramática tradicional, porém, geralmente cita apenas duas dessas formas, conforme observamos em Cunha e Cintra (2001, p. 128): a) com o verbo na 3.^a pessoa do plural sem sujeito; e b) com o pronome *se* junto ao verbo na 3.^a pessoa do singular.

Menon (1994; 2006) em sua pesquisa de doutorado realizada com 68 informantes do Projeto NURC, de São Paulo, encontrou 12 variantes para indeterminar o sujeito: *a gente*, *eles*, *eu*, *formas nominais*, *nós*, *se*, *você*, *vocês*, *VPSA* (Voz Passiva Sem Agente), *VPASSINT* (Voz Passiva Sintética), *ØV3PS* (Verbo na terceira pessoa do singular sem sujeito), *ØV3PP* (Verbo na terceira pessoa do plural sem sujeito).

Em sua tese, Menon (1994) estabeleceu uma série de *testes* que tinham por objetivo verificar se uma forma linguística poderia ser considerada um recurso utilizável para a indeterminação do sujeito.

O conjunto de testes elaborados pela autora foi estabelecido da seguinte forma: a) Intercambialidade das formas, b) Os “pares mínimos”, c) Os tempos verbais, d) Ditados verdades gerais ou eternas, perguntas retóricas, e) Mudança de tempo verbal, f) advérbios, localizadores espaço-temporais, preposições, g) completivas (subordinadas substantivas), h) destaque do locutor, i) distanciamento no tempo, construções hipotéticas.

A seguir, apresentamos brevemente os testes propostos por Menon juntamente com exemplos da amostra VARLINGUA e da amostra NURC/SP (MENON, 2006).

a) Intercambialidade das formas

O primeiro teste proposto por Menon (2006) consiste em substituir as formas encontradas nos dados pelo pronome *se*, considerado a forma prototípica da indeterminação, e verificar, assim, se o conteúdo semântico da indeterminação permanece. Para esse teste a autora considerou, além do *se*, também a possibilidade de substituição entre as seguintes formas: *a gente, eles, eu, nós, você, vocês*, FN (formas nominais), VPSA (Voz Passiva Sem Agente), VPASSINT (Voz Passiva Sintética), ØV3PS (Verbo na terceira pessoa do singular sem sujeito), ØV3PP (Verbo na terceira pessoa do plural sem sujeito).

No exemplo (12), retirado de nossos dados, o informante usa as formas *a gente* e *nós* indeterminados para relatar que os pais não têm mais controle sobre os filhos como tinham antigamente. No exemplo (13), a informante também usa o pronome *a gente* indeterminado para dizer que é triste perder alguém da família. Observamos que os pronomes *a gente* e *nós* desses exemplos podem ser substituídos pelo pronome *se* sem alteração do valor semântico-referencial que apresentam, o que comprova a referência indeterminada desses pronomes.

(12) *A gente* num tem mais aquele controle, aquele respeito que *nóis* tinha, entendeu? Meu pai minha mãe olhavam, não picisáva nem falá o que, né? o que tava acontecendo. (1gMp)

(13) Triste mesmo assim é quando *a gente* perde alguém da família, né? que é uma coisa que *a gente* num espera, né? (1cFq)

b) Pares mínimos

Segundo Menon (2006), “pares mínimos” é um rótulo que ela emprestou da fonologia, e esse teste refere-se aqui à ocorrência, em contexto idêntico, das formas variantes. A autora explica que, nesse caso, ao contrário da fonologia, as formas devem ter o mesmo significado referencial para serem consideradas variantes.

Nos exemplos (14) e (15), do NURC/SP e apresentados por Menon (2006, p.137), a informante usa as formas *a gente* e *você* em contexto idêntico, o que comprova a referência semântica indeterminada desses pronomes.

- (14) (11) a. em geral *a gente embala em isopor*
 (15) b. então *você embala no isopor* (DID/31/33/101/F1)⁴¹

c) Tempos verbais – o papel do presente do indicativo

De acordo com Menon (2006), o tempo verbal também é um fator muito importante para ocorrências de indeterminação e o presente do indicativo é um dos tempos que mais favorece a indeterminação do sujeito, devido a esse tempo verbal apresentar *atemporalidade*, além de ser *repetitivo*, *durativo* e *permansivo*. Na pesquisa da autora, os verbos no presente do indicativo foram os que se mostraram mais frequentes em contextos de indeterminação.

No exemplo (16), retirado da amostra de Guarapuava, temos o emprego do pronome indeterminador *a gente* associado ao presente do indicativo que apresenta, nesse exemplo, um valor semântico atemporal.

- (16) Tipo assim, que nem eu falo, sabe? *a gente sonha* pra dexá pros filho da gente, né? que *a gente acha* assim que na lei da vida *vai* primero os pai, né? e depois os filho, né? (1cFq)

d) Ditados, verdades gerais ou eternas, perguntas retóricas

Menon enfatiza também aqui a importância do tempo presente, atemporal, pois esse tempo verbal é muito usado em ditados, verdades gerais ou eternas. Além disso, a manifestação do conhecimento compartilhado também se apresenta como favorável à indeterminação do sujeito e ocorre geralmente precedido da conjunção *como* ou *conforme* (cf. MENON, 2006, p. 139). Seguem os exemplos (17) e (18) retirados de nossas entrevistas.

⁴¹ O segundo número entre parênteses se refere à identificação do exemplo em Menon (2006). Após os enunciados, os códigos entre parênteses se referem (i) ao tipo de entrevista: EF, DID, D2; (ii) número da gravação; (iii) número do informante; (iv) linha inicial do trecho transcrito; (v) sexo; (vi) idade.

Observa-se, nos dois exemplos, além dos ditados gerais usados pelos informantes, a utilização de conjunções (*como, que nem*) e do tempo presente.

(17) *A gente* é um, *como* *ø* diz, *a gente* incheriga cego, *como* diz assim, *no escuro, né?* (1pMn)

(18) E *que nem a gente* fala: *ninguém agrada tudo mundo, né?* (1pMn)

e) Mudança de tempo verbal

Essa estratégia de indeterminação também foi identificada por Menon, pois ao lado de uma narrativa geral ou de uma exposição de fatos, com sujeito indeterminado, o locutor apresenta uma situação real, de que ele é o sujeito. Conforme Menon (2006, p. 140), nesse caso: “A marca do discurso é a mudança de tempo: em geral, ele passa do presente atemporal para o passado, ou, ainda, do passado ao imperfeito ou ao presente (ou ao contrário).” No exemplo (19), retirado de Menon (2006, p. 140), pode-se verificar que o informante, utilizando o pretérito perfeito apresenta uma situação em que ele é sujeito e, em seguida, passa para uma situação geral, com sujeito indeterminado e no pretérito imperfeito.

(19) (32) O curso que **eu fiz** [...] **a gente fazia** o curso normalmente sem vestibular (D2/174/211/1243/M1)

f) Advérbios, localizadores espaço-temporais, preposições

Menon destaca a importância dos advérbios, localizadores espaço-temporais e preposições na indeterminação do sujeito. De acordo com a autora “*localizadores espaço-temporais* são pontos de referência, no tempo e no espaço, que situam o fato representado” (MENON, 2006, p. 142), quando a localização é distanciada do locutor ocorre a interpretação indeterminada do sujeito. Na pesquisa de Menon, entre os advérbios empregados destacaram-se os terminados em *-mente* que remetem a situações que acontecem com uma certa frequência, a ponto de se tornarem gerais (*geralmente, normalmente*) e marcam também a intensidade das ocorrências (*frequentemente, repetidamente*). Menon cita também outros advérbios como *hoje em dia, agora, amanhã*, entre outros, que marcam oposições no tempo e *às vezes, sempre, toda vez que, todo fim de ano*, que indicam a repetição de um fato. No

exemplo (20), da amostra VARLINGUA, o informante usa várias vezes o advérbio *hoje*, marcando uma oposição com um tempo passado, quando havia mais educação e respeito entre professores e alunos.

(20) Era bem diferente, né? tinha respeito pelo professor, né? tinha educação do professor co aluno, do aluno co professor, *hoje* não *se* tem mais isso, *a gente* tá vendo cada coisa cada veiz pior, né? professor não domina mais, né? tinha o controle, *hoje* já não, hoje *a gente* vê que num tem mais. (1gMp)

g) Completivas (subordinadas substantivas reduzidas)

Menon refere-se, aqui, às subjetivas reduzidas de infinitivo (pospostas) e às predicativas. Segundo a autora (2006, p. 143), “nos dois casos, a GT prevê um sujeito, ou predicativo, constituído de um verbo no infinitivo impessoal”. O exemplo (21), retirado de nossos dados, ilustra esse uso:

(21) Mais os istilo de gaúcho, né? caipira, né? sertanejo, esse eu gosto, é melhor *pra gente* dançá. (2pMt)

h) Destaque do locutor

Em situações de caráter mais geral, muitas vezes, o falante sai do discurso indeterminado e passa a incluir suas próprias opiniões, seja para fazer parte de um grupo ou para distanciar-se dele. Segundo Menon (2006, p. 144), “os elementos linguísticos dos quais os informantes se servem para criar o contraste entre o indeterminado e o pessoal, nessas passagens, são as expressões *pelo menos, ao menos*; a mudança de tempo verbal; verbos de *dizer, sentir, pensar*.” No exemplo (22), retirado da amostra de Guarapuava, o informante fala sobre os ‘riscos de vida’ e usa *a gente* (com referência indeterminada) e, em seguida, ele sai do discurso indeterminado e usa o ‘*eu*’ para falar de seu comportamento diante de situações difíceis, evitando, assim, esses possíveis ‘riscos de vida’. No exemplo (23), a informante relata dificuldade para marcar consulta no posto de saúde, e inicia usando o *a gente* indeterminado. Em seguida, sai do caráter geral do discurso e inclui sua própria experiência.

(22) Esses riscos, assim, de vida, *a gente* corre, né? e hoje, hoje *eu* tenho condições, quando *eu* vejo uma situação difícil, *eu* mesmo saí fora, antes que aconteça algo, né? (1gMd)

(23) Sempre tá cheio! Aí, é **a gente** precisa agendá, se eles começam atendê uma hora, meio dia e poco **eu** preciso í. (2pFg)

i) Distanciamento no tempo, construções hipotéticas

Como explica Menon (2006), há momentos em que o falante apresenta um afastamento, por razões de distanciamento no tempo ou por impossibilidade espacial, pois, nesse caso, nem ele e nem o entrevistador poderiam ter participado. Conseqüentemente, a indeterminação é a única forma de interpretação, pois não há como acontecer seu envolvimento pessoal. O exemplo (24), retirado de Menon (2006), ilustra esse teste.

(24) (73) ora a maneira do homem pré-histórico era... Basicamente **eu** preciso comer... e **eu** preciso:: me defender dos animais **eu** preciso me esquentar na medida do possível [...] então a arte SURge não em função :: de uma necessidade de auto-expressão...nem em função de uma necessiDAde... de :: embelezar o ambiente que **eu** vivo...deveria ser uma necessidade estética de ver coisas bonitas... mas Unicamente...em função da necessidade de **eu** assegurar...a caça...e ø continuar podendo comer e ø **me manter vivo**... (EF/405/489/174/F2)

A partir desses testes, Menon verifica que os recursos empregados para a indeterminação do sujeito no PB são muito mais amplos do que os estudados nas escolas e a autora propõe, com esses testes, uma metodologia rigorosa para a análise das variantes empregadas para a indeterminação do sujeito.

Assim, considerando os testes propostos pela autora, e a partir dos resultados das pesquisas realizadas sobre *nós/a gente*, nossa hipótese para essa variável é a de que o uso do pronome *a gente* predominará na indeterminação. Apresentamos, a seguir, exemplos de *nós/a gente* em contextos determinados e indeterminados, na amostra de Guarapuava, PR.

1) Determinado

(25) No final de semana, **a gente** vai lá na sogra, na mãe dele, i as vez **a gente** sai passia em algum lugar, mais é raro, é mais essa coisa, essa rotina, vai de manhã na sogra aí a tarde, vai... **a gente** vai na minha mãe né? E às vez vai, antes de tê a nenê **a gente** ia em shows assim, em alguma coisa assim, ia pra se diverti um poco, mais agora com a nenê **a gente** tá mais casero. (1cFe)

(26) Foi assim, **a gente** tinha saído pra í no mercado, e aí **a gente** tava demorando, demorando, demorando e não vinha, e daí teve uma amiga nossa que tava do lado de casa, daí ela saiu pra embora, daí quando ela desceu, ela não conhecia bem o nosso carro, né? Mas ela desceu disse: _ Ó eu vi um acidente que o carro bem parecido com o do teu marido. (1cMf)

(27) *Nóis* se damo muito bem com a minha irmã, né? Só que desde a infância *nóis* duas sempre fomo muito apegada. (1pFa)

(28) Nossa! *Nóis* num se largava, né? *nóis* duas era, i ela foi, daí marcaram cirurgia aqui pro São Vicente, ela entrô lá no Hospital dando risada, convensando e eu me dispidi dela. Menina do céu, ela morreu! na cirurgia, nossa! Foi um baque pra nós. (2cFx)

Nos exemplos (25), (26), (27) e (28) a referência é determinada. No exemplo (25), a informante usa a forma *a gente* para referir-se a ela e ao esposo e o assunto é sobre o que eles fazem nos finais de semana. No exemplo (26), o entrevistado usa a forma *a gente* determinada, referindo-se a ele e um amigo, quando sofreram um acidente de carro. Ele conta que ele e o amigo saíram para ir ao mercado e acabaram sofrendo um acidente e uma amiga deles acabou vendo e avisando sua esposa. No exemplo (27) a informante usa o pronome *nós* determinando o referente, ela conta que ela e sua irmã sempre foram muito apegadas, desde a infância. Também no exemplo (28) a forma *nós* é usada em contexto determinado, a informante conta que ela e uma amiga eram inseparáveis, mas a amiga teve que passar por uma cirurgia delicada e acabou falecendo e esse foi um momento muito difícil para a entrevistada.

2) Indeterminado

(29) *A gente* precisa í quase uma hora antes, porque chega lá é aquela fila enorme, né? são pessoas que ele atende durante a semana, né? (2pFg)

(30) Só que não dá pra dexá aumentá muito, senão daqui a poco *nós* tamo preso dentro de casa! (2cFk)

Nos exemplos (29) e (30), a referência dos pronomes se amplia. No (29), o assunto é sobre as consultas no posto de saúde do município e a entrevistada usa *a gente* referindo-se às pessoas de um modo geral, o que torna impossível a identificação de um referente específico. No exemplo (30), a informante, fala sobre a violência, que não pode aumentar muito, ela usa o pronome *nós* indeterminado para se referir as pessoas em geral.

Para controlarmos a variável determinação do referente nos dados de Guarapuava, estipulamos os seguintes fatores:

d – determinado

i – indeterminado

4.4.2.3 Tipo de texto

A análise do tipo de texto se apresentou relevante nas pesquisas de Tamanine (2010) e Franceschini (2011). Apresentamos, nessa seção, os tipos de textos recorrentes nas entrevistas sociolinguísticas: o *argumentativo/dissertativo*, o *narrativo* e o *descritivo*.

A *argumentação* é baseada na defesa de uma ideia por meio de argumentos e explicações, a partir de um determinado tema ou assunto. O *texto narrativo* é muito utilizado nas entrevistas sociolinguísticas, pois o roteiro das perguntas leva o informante a fazer relatos, contar fatos, falar da história familiar, pessoal e profissional. O *texto descritivo* também é recorrente nas entrevistas sociolinguísticas. É um tipo de texto que envolve a descrição de algo, seja de um objeto, pessoa, animal, lugar ou de um acontecimento.

De acordo com os resultados das pesquisas de Tamanine (2010) e Franceschini (2011), os textos *dissertativos* favoreceram o uso da forma *a gente*. Segundo Tamanine (2010), nesse tipo de texto, o informante expõe suas ideias, sua avaliação sobre coisas, pessoas e fatos, favorecendo a forma *a gente*.

Tamanine (2010) verifica que o favorecimento de *a gente*, nos textos *dissertativos*, pode estar relacionado com a questão do traço de indeterminação presente nesse pronome, o que permite que o falante mantenha certo “afastamento” de sua imagem pessoal ao argumentar. Generalizando o sujeito, o falante buscaria também um maior convencimento do interlocutor.

Os *textos narrativos* também são muito recorrentes nas entrevistas sociolinguísticas, mas, na pesquisa de Tamanine, em Curitiba/PR, a narração foi o único tipo de texto que não apresentou especialização de uso entre os pronomes, apresentando um resultado para o uso de *nós* e *a gente* próximo do ponto neutro.

O uso do pronome *nós* predominou nos *textos descritivos*, conforme observação de Tamanine (2010), e isso, segundo a autora, pode estar relacionado ao uso de *verbos estativos* (*morar, ter, ser e estar*), que não favoreceram *a gente*, mas o uso de *nós*.

Em Concórdia-SC, Franceschini (2011) também encontrou essas mesmas tendências para o uso de *nós/a gente* na análise dos tipos de textos. Portanto, com base nesses estudos, nossa hipótese para essa variável é de que a forma *a gente* será favorecida nos textos dissertativos e o pronome *nós* será mais usado nos textos narrativos e descritivos.

Apresentamos, a seguir, exemplos de tipos de textos retirados de nossa amostra:

a) Narrativo:

No exemplo (31), a entrevistada narra, numa sequência de fatos, como era sua infância:

(31) Ah, lembro! *A gente*, acordava de manhã, é, ajudava nossos pais a tirá leite das vaca, é...depois *a gente* ajudava a minha mãe na casa, depois *a gente* ía brincá, *nós* brincávamos de...é...péga péga, de boneca, *a gente* fazia aquele estilingue, né? de cetra, fazia casinha, era muito bom, brincava de bola. (1pFm)

No exemplo (32), o entrevistado narra sobre viagens e passeios que ele, a esposa e os filhos fazem:

(32) Tipo *a gente* vai, que nem a minha vó, por parte de mãe mora em Rio azul às veiz *a gente* vai i dá uma passiada lá, fica pocos dias, tem uma minha tia que tem uma chácra, lá *a gente* vai também. Em uma semana *a gente* tá de volta. (1cMr)

b) Descritivo:

No exemplo (33), o informante descreve a constituição de sua família, diz que eram em doze irmãos e que agora são em onze, pois um acabou falecendo; e no exemplo (34), a informante fala do Natal na sua infância, ela descreve a sala, a árvore e também um pouco do local onde moravam.

(33) *Nós* samo im onze hoje, né? faleceu um, intão nós era im doze, tem seis home e seis mulheres, né? Tivémo o disprazer de môrre a minha irmã cum vinti dois ano, deu pneumonia ela chegô a falecê, né? (1pMn)

(34) Uma coisa que eu sempre eu vô lembrá, é o chero, sabe? intão *a gente* tinha uma sala grande i a mãe enfeitava uma árvore, que era uma árvore, árvore mesmo que *a gente* ía no mato e cortava, porque enfeitava uma árvore, que era uma árvore, árvore mesmo que *a gente* ía no mato e cortava, porque tinha é pinhero a vontade sabe? Lá onde que *a gente* morava. (2gFi)

c) Argumentativo:

No exemplo (35), a entrevistada fala sobre a forma como os guarapuavanos são criados pelos pais, de uma maneira geral, dando sua opinião/argumentando sobre o assunto. No exemplo (36), a informante argumenta que na sua infância as crianças entendiam quando os pais não podiam comprar coisas para os filhos, e atualmente muita coisa mudou daquela

época para cá. No exemplo (37) o entrevistado argumenta que as pessoas do interior geralmente frequentam determinados locais como festas de igreja e festas de colégio:

(35) A forma da criação assim, que **a gente** tem assim... a forma que os nossos pais criaram **a gente**, assim, assim, **a gente** é mais casero, preserva mais essa questão da hospitalidade, eu acho que **a gente** dá um valor a mais pelos costumes, que vieram dos nossos pais. (1cFe)

(36) Eu acho que hoje em dia as coisa são muito mais diferente, que nem **nóis** tava comentando lá no meu trabalho, no nosso tempo **a gente** entendia quando **a gente** num podia ter as coisa, era novidade **a gente** ter uma ropa no final do mês, você í no mercado, a mãe ía no mercado comprava aquela bandeja de iogurte, se repartia tinha que dá pro mês intero. (1gFo)

(37) Na verdade, a gente do mato é criado meio diferente, né? intão, **Ø** já **vai** mais no lugar mais certo, festa di igreja, festa de colégio, já ía chutá bola, né? **Ø** já **tinha** os amigo da gente também, né? Intão eu nunca fui assim de muito festero, muito bailista, assim não. Não! **a gente** ía de vez in quando assim. (1pMn)

Assim, em nosso estudo, os seguintes fatores foram considerados na análise da variável *tipo de texto*:

A - Argumentativo

D - Descritivo

N - Narrativo

4.4.2.4 Tempo Verbal

A variável *tempo verbal* mostrou-se significativa nos trabalhos de Omena (1998), Lopes (1998), Seara (2000) Tamanine (2010) e Franceschini (2011), dentre outros. Observamos que na maioria dessas pesquisas, o uso de *a gente* foi favorecido pelos tempos não marcados (*gerúndio/infinitivo/particípio*) e pelo tempo presente, tempo considerado nesses estudos mais propício à indeterminação, enquanto o passado e o futuro favoreceram a forma *nós*.

Com base nesses resultados, formulamos nossa hipótese de que o tempo presente e os tempos não marcados favorecerão a forma *a gente*, enquanto o passado e futuro favorecerão a forma *nós*.

Os seguintes tempos verbais foram controlados em nossa pesquisa:

p – presente

- t – pretérito perfeito
- i – pretérito imperfeito
- g – gerúndio
- f – infinitivo
- s – pretérito imperfeito do subjuntivo
- u – presente do subjuntivo
- o – outros

4.4.2.5 Concordância verbal

De acordo com Cegalla (2008, p. 438), “concordância é o princípio sintático segundo o qual as palavras dependentes se harmonizam, nas suas flexões, com as palavras que dependem.” No caso da concordância verbal, o verbo deverá concordar com o sujeito, mas, nos estudos da língua falada, a presença da concordância na forma verbal não é categórica, mas variável, e constitui um traço de diferenciação social.

Os estudos sociolinguísticos demonstram que a concordância verbal é variável em função de diversos fatores linguísticos e extralinguísticos e cabe ao pesquisador identificar quais são os fatores que condicionam seu uso.

Quanto à concordância verbal, nossa hipótese para a variável *nós/a gente* é de que a maior frequência será constatada para a concordância esperada: *a gente* com \emptyset /*nós* com *-mos*.

Encontramos as seguintes formas de concordância nos dados do VARLINGUA:

a) *nós...-mos*

(38) Antes *nós fazíamos* isso, ia pra praia ficava uma semana, ca minha filha i essa família. (1pFm)

(39) Eu tive uma filha, a minha filha foi criada cum empregada, por isso que *nós* não *tivemos* mais, intende? (2cMz).

b) *nós.... \emptyset*

(40) *Nóis estudava \emptyset* tudo depois do almoço né? tudo nóis, até meu irmão mais velho. Todo mundo daí à tarde ia pra escola. (1gFc)

(41) *Nóis* ainda ***tinha*** aquela inocência de, ***brincava***, fazia casinha, brincava de boneca i era já a nossa brincadera era tipo assim, você imitava o que os pais faziam, né? o trabalho dos pais, de casinha ***nóis tinha*** nossa hortinha, sabe? (2gFi)

c) *a gente*....Ø

(42) Olha, na minha época existia o respeito, intão a... ***a gente considerava*** assim os professores como... ***a gente respeitava*** eles como ***respeitava*** os pais os avós, porque ***a gente achava*** que eles eram a pessoa assim... que ali tava um responsável pela gente, né? (2gFi)

d) *a gente - mos*

Não encontramos na amostra do VARLINGUA o uso de *a gente/mos*

4.4.2.6 Tonicidade

Nos estudos que consideramos sobre a alternância *nós/a gente*, a variável linguística tonicidade mostrou-se significativa nas pesquisas de Borges (2004) e Tamanine (2010). No estudo de Borges (2004), nas cidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas/RS, houve elevado favorecimento para a forma *a gente* com o uso de verbos monossílabos tônicos e oxítonos em ambas as localidades, enquanto os verbos paroxítonos favoreceram o uso do pronome *nós*. Quanto às proparoxítonas, das 63 ocorrências encontradas, nenhuma teve *a gente* como sujeito, todas foram usadas com a forma *nós*.

Nos dados de Tamanine (2010), em Curitiba, a tonicidade também foi estatisticamente significativa. A autora, assim como Borges (2011), verificou um elevado predomínio de *a gente* com verbos oxítonos e monossílabos tônicos, e um maior uso de *nós* com os paroxítonos. O uso de verbos proparoxítonos também foi categórico com a forma *nós*, sendo esse fator retirado da amostra.

Baseando-nos nesses estudos já realizados sobre a tonicidade e na observação de nossos dados, postulamos que, na amostra de Guarapuava, haverá um maior uso de *a gente* com formas verbais *monossílabas e oxítonas*, enquanto as formas *paroxítonas* favorecerão o uso de *nós*.

Os fatores considerados na análise dessa variável foram os seguintes:

M - monossílabo tônico
 O - oxítono
 P - paroxítono
 X - proparoxítono

4.4.3 Variáveis sociais

Nesta seção, trataremos das variáveis extralinguísticas ou sociais: *faixa etária*, *escolaridade e sexo*. Buscamos analisar de que forma essas variáveis influenciam no uso de *nós* ou de *a gente*, em Guarapuava, PR.

4.4.3.1 Faixa etária

A faixa etária tem se mostrado relevante em diversos estudos sobre a variação pronominal *nós/a gente*, demonstrando diferenças linguísticas significativas relacionadas à idade dos falantes. Essa variável pode trazer evidências do que Labov denominou *mudança em tempo aparente*, isto é, quando compararmos a linguagem de diferentes faixas etárias, admitimos que as diferenças entre elas podem indicar uma mudança linguística. Assim, é possível realizar um estudo sobre a mudança linguística por meio da observação do comportamento linguístico de diversas faixas etárias.

Em vários estudos realizados no Brasil sobre *nós/a gente*, a faixa etária, conforme já destacamos, apresentou resultados bastante significativos. Como as pesquisas de Omena (1998), Lopes (1998), Seara (2000), Tamanine (2002, 2010), Borges (2004) e Franceschini (2011) mostraram a predominância do pronome *a gente* entre os falantes mais jovens, e esse pronome apresentou uma maior resistência de uso na população mais velha, o que parece indicar uma mudança em tempo aparente.

Nossa hipótese, em relação à variável faixa etária, é de que a faixa etária mais jovem favorecerá o uso do pronome inovador *a gente*.

As faixas etárias controladas em nosso estudo foram:

- 1 – 25 a 45 anos;
- 2 – 50 anos ou mais.

4.4.3.2 Escolaridade

Nos estudos sociolinguísticos, essa variável também tem se mostrado relevante. Na década de 60, William Labov estudou os Estágios de Aquisição do Inglês Standard, questionando o fato de os jovens estarem em contato com o inglês padrão por mais de dez anos e mesmo assim não conseguirem usá-lo. Como a linguagem é um comportamento social, segundo Labov, uma explicação para esse comportamento linguístico seria:

De acordo com essa perspectiva, o fracasso na aquisição da norma culta pode ser visto como uma forma de resistência. No sentido de preservação da identidade, por meio da manutenção da própria linguagem, uma vez que o sucesso no processo de alfabetização significaria, para esses indivíduos, a vitória do processo de aculturação, implicando no silêncio de sua fala e, em última instância, dos seus desejos (Labov, 1974; Assis, 1988).

No Brasil, os estudos sobre a variação *nós/a gente*, analisando a variável *escolaridade*, mostram-se diversificados como, por exemplo, nos estudos de Seara (2000) e Tamanine (2010), em que a forma *a gente* foi mais usada pelos informantes com ensino médio, enquanto na pesquisa de Franceschini (2011), o pronome conservador *nós* predominou na fala dos informantes mais escolarizados (ensino médio).

Conforme verificamos nesses e em outros estudos, os resultados para a variável escolaridade mostraram-se bem diferenciados. Percebemos que a hipótese de que quanto maior a escolaridade, maior o uso da forma canônica, não é uma regra. Não há, portanto, em relação à escolaridade, uma determinada tendência de uso das formas *nós/a gente*.

Apesar disso, nossa hipótese é de que os falantes mais escolarizados favorecerão o uso do pronome canônico *nós*, por ser essa a forma ensinada nas escolas.

Os fatores analisados foram:

p - Fundamental I

g - Fundamental II

c - Ensino Médio

4.4.3.3 Sexo

Essa variável também tem se mostrado altamente significativa nos estudos sociolinguísticos, pois diversas pesquisas constataram que mulheres e homens apresentam um comportamento linguístico bastante diferenciado. De acordo com Monteiro (2002, p. 71),

É ponto pacífico que as mulheres e os homens não falam da mesma maneira. Além das diferenças no ritmo, tom de voz, há preferências por certas estruturas sintáticas, pelo emprego de determinados vocábulos ou fórmulas de cortesia, bem como pela omissão de outros em função das conotações que possam apresentar. Há, inclusive, certas crenças populares de que as mulheres falam muito mais que os homens ou que falam bem mais rápido.

Labov (2008) destaca que, em situação de variação estável, as mulheres têm demonstrado preferência pelo uso das formas de prestígio, e que em casos de mudança linguística, elas seriam inovadoras e responsáveis pela propagação da variante não estigmatizada socialmente.

Em relação à variação *nós/a gente*, vários estudos realizados no Brasil indicaram que as mulheres são mais inovadoras, liderando no uso da forma *a gente*, conforme verificamos nas pesquisas de Lopes (1998), Seara (2000), Borges (2004) e Tamanine (2010). De uma forma geral, a maioria dos resultados indica, portanto, que os falantes do sexo feminino estão impulsionando a mudança rumo ao maior uso do pronome inovador *a gente*. Levando em conta que as mulheres favorecem principalmente as formas de prestígio, pode-se deduzir que a forma *a gente* não é estigmatizada socialmente.

Com base nesses estudos já realizados, nossa hipótese é de que as mulheres serão as propulsoras da mudança na pesquisa de Guarapuava, PR, apresentando um maior uso de *a gente* que os homens.

4.4.3.4 Dados desconsiderados

Em nosso estudo, não foram considerados, para a análise da variação *nós/a gente*, os seguintes tipos de dados encontrados na amostra de Guarapuava:

a) pronomes *nós/a gente* não acompanhados de forma verbal

(43) I pra nós, pra nós, sempre foi tradição, e **nós**, toda a nossa família, sempre foi o casal, nunca foi um só pra frequentá a igreja.(1gMd)

(44) Acostumado com a vida aqui mais tranquila, ainda mais **a gente**... com criança eu já acho que aqui é perigoso, eu já acho que aqui perigoso lá é deiz veiz pior ,ainda. (1cMf)

b) pronomes *nós/a gente* em orações coordenadas:

(45) Tipo *a gente* vai, que nem a minha vó, por parte de mãe mora em Rio azul, às veiz *a gente* vai e *dá* uma passíada lá, *fica* pocos dias, tem uma minha tia que tem uma chácra lá. (1cMr)

c) pronomes *nós/ a gente que* não desempenhavam a função de sujeito:

(46) Ele foi e bateu na janela e acordô *nóis*, eu levantei i abri a porta pra ele. (1gFc)

(47) A maioria das iscola pelo que a diretora explicô *pra nós*, tinha mais um tercero ano já pras criança não ficarem todas amuntuada que nem tão. (1gFo)

(48) Vai pronuncia num sai assim né? como ele ensinô *a gente* né? (1pFa)

5. RESULTADOS DA VARIAÇÃO PRONOMINAL *NÓS/A GENTE* EM GUARAPUAVA

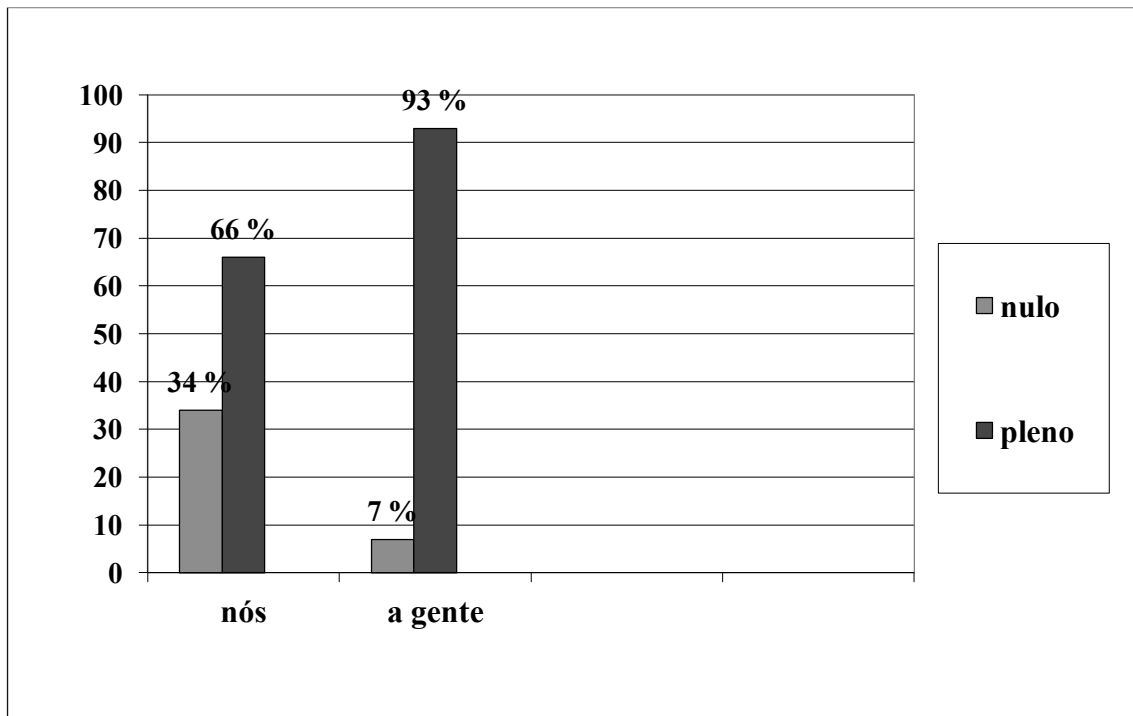
Neste capítulo, apresentamos os resultados da análise da variação *nós/a gente* referentes a 24 entrevistas realizadas com falantes da cidade de Guarapuava/PR, obtidos por intermédio do programa estatístico GoldVarb X. As variáveis selecionadas foram: *tonicidade, tempo verbal, presença/ausência do pronome, tipo de texto, determinação do referente, escolaridade, sexo e faixa etária*. Efetuamos quatro rodadas: 1) Rodada geral; 2) Rodada somente com dados *determinados (nós/ a gente)*, 3) Rodada somente com dados (*nós/ a gente*) *indeterminados*; 4) Rodada geral sem a variável *presença/ausência* do pronome.

5.1 Resultados da variação pronominal *nós/a gente* em rodada geral no GoldvarbX

A análise geral de nossos dados mostrou que o uso do pronome inovador *a gente* já começa a ultrapassar o uso do pronome canônico *nós* na comunidade de Guarapuava/PR, pois, de um total de 1.671 ocorrências, entre formas *expressas* e *não expressas*, encontramos 885 casos de *a gente* e 786 de *nós*, o que corresponde a um percentual de 53% para *a gente* e 47% para *nós*. Considerando somente as formas *expressas*, o total é de 1.341 ocorrências, sendo 826 (62%) de *a gente* e 515 (38%) de *nós*, resultado que indica, portanto, um uso ainda maior do pronome *a gente* como referência à primeira pessoa do plural em Guarapuava.

Em relação à *explicitação do pronome*, ou seja, ao *preenchimento* ou não do sujeito, observamos, em nossa amostra, que o pronome *a gente* apresenta 7% de não-preenchimento do sujeito, e o *nós*, cuja desinência verbal é marcada, apresenta uma maior percentagem de pronome não expresso (34%), conforme mostra o gráfico 1:

Gráfico 1 - Frequência de *nós/a gente* na posição de sujeito preenchido e não-preenchido



Fonte: Dados do VARLINGUA 2015

Esse resultado, que indica um maior preenchimento do sujeito com o pronome *a gente*, reforça a ideia de que a desinência verbal não marcada estaria conferindo ao pronome o *status* de único indicador da categoria de pessoa, daí sua presença cada vez mais constante. Conforme aponta Duarte (1996), o português é considerado uma língua de sujeito nulo, mas está em evolução, de *pro-drop* (*parâmetro de sujeito nulo*) para uma marcação não *pro-drop*, ou seja, para uma língua de sujeitos plenos ou preenchidos.

Na rodada geral dos dados de Guarapuava, o programa estatístico Goldvarb X selecionou, por ordem de significância, os seguintes grupos de fatores: 1. *tonicidade*, 2. *tempo verbal*, 3. *presença/ausência do pronome*, 4. *escolaridade*, 5. *tipo de texto*, 6. *determinação do referente*, 7. *sexo* e 8. *faixa etária*. A variável *concordância verbal* foi retirada da análise devido aos *nocautes*⁴², pois verificamos que, com o pronome *a gente*, a forma verbal apresentou-se não marcada (*a gente - Ø*) em todas as ocorrências. Na tabela 14, apresentamos os resultados probabilísticos da análise da variação pronominal em Guarapuava.

⁴² Um nocaute ou (*KnockOut*) na terminologia de análise, “é um fator que, num dado momento de análise correspondente a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente.” (GUY e ZILLES, 2007, p. 158). Consiste num problema analítico no processamento dos dados com GoldVarb, uma vez que um grupo de fatores é zero ou cem, não há variação. Portanto, deve-se retirar os dados com nocautes e recodificar os dados.

Tabela 14 - Resultados probabilísticos de *nós* /*a gente* na posição de sujeito em Guarapuava/ PR - rodada final

(*a gente* - *input*: 0,59)

Grupo de Fatores	<i>Nós</i>			<i>A gente</i>		
	Aplic.N	%	P.R.	Aplic.N	%	P.R.
1. Tonicidade						
Monossílabos tônicos	9/246	4	0,05	237/246	96	0,95
Oxítonas	15/125	12	0,08	110/125	88	0,92
Paroxítonas	751/1289	58	0,70	538/1289	42	0,30
2. Tempo Verbal						
Presente do Indicativo	214/688	31	0,36	474/688	69	0,64
Presente do Subjuntivo	2/6	33	0,38	4/6	67	0,62
Pretérito Imperfeito	265/527	50	0,42	262/527	50	0,58
Pretérito Imp. do Subjuntivo	6/9	33	0,56	3/9	67	0,44
Gerúndio	2/6	33	0,69	4/6	67	0,31
Pretérito Perfeito	269/368	73	0,78	99/368	27	0,22
Infinitivo	27/63	43	0,86	36/63	57	0,14
3. Presença/ Ausência						
Presença do pronome	515/1341	38	0,42	826/1341	62	0,58
Ausência do pronome	271/330	82	0,79	59/330	18	0,21
4. Escolaridade						
Ensino médio	148/423	35	0,40	275/423	65	0,60
Fundamental I	295/730	40	0,41	435/730	60	0,59
Fundamental II	343/518	66	0,71	175/518	34	0,29
5. Tipo de Texto						
Argumentativo	111/434	26	0,35	323/434	74	0,65
Narrativo	558/1064	52	0,53	506/1064	48	0,47
Descritivo	117/171	68	0,69	54/171	32	0,31
6. Determinação do ref.						
Indeterminado	10/91	11	0,20	81/91	89	0,80
Determinado	776/1580	49	0,52	804/1580	51	0,48
7. Sexo						
Feminino	330/775	43	0,44	445/775	57	0,56
Masculino	456/896	51	0,55	440/896	49	0,45
8. Faixa etária						
25 a 45 anos	363/860	42	0,47	497/860	58	0,53
50 anos ou mais	423/811	52	0,53	388/811	48	0,47
TOTAL	786/1671	47		885/1671	53	
Significância 0,047						

De acordo com a tabela 14, obtivemos, em nossos dados, um *input* de 0,59 para *a gente*, o que indica que o uso do pronome inovador predomina em nossa amostra. Esse resultado comprova, assim, a nossa hipótese inicial de que a variante *a gente* seria a mais frequente na fala dos guarapuavanos.

A *significância*, que corresponde à margem de erro da rodada, na análise dos dados de Guarapuava foi de 0,047, ou seja, dentro dos padrões esperados, pois o ideal é que ela seja igual ou inferior a 0,050.

Apresentamos a seguir, primeiramente, os resultados das variáveis linguísticas e, em seguida, as variáveis sociais selecionadas como significativas na amostra de Guarapuava.

5.2 Resultados das Variáveis linguísticas em Guarapuava

A *tonicidade* foi a primeira variável selecionada como estatisticamente mais significativa na rodada da amostra VARLINGUA. Nos resultados, verificamos que a forma *a gente* foi favorecida com *monossílabos tônicos* e *oxítonos*, com pesos relativos de 0,95 e 0,92, respectivamente. Já as formas *paroxítonas* desfavoreceram o pronome *a gente*, favorecendo, portanto, o uso de *nós* (0,67). Quanto às formas proparoxítonas, das 11 ocorrências encontradas em nossa amostra todas foram com a forma *nós*, portanto, as proparoxítonas foram retiradas da amostra devido à ocorrência de *nocaute*.

Postulamos que, em nossos dados, haveria um maior uso de *a gente* com formas verbais *monossílabas* e *oxítonas*, enquanto as formas *paroxítonas* favoreceriam o uso da forma *nós*. A análise dos dados confirmou tal hipótese, coincidindo com os resultados das pesquisas de Borges (2004) e Tamanine (2010), pois o uso de *a gente* também foi favorecido com os *monossílabos tônicos* e *oxítonos* e suas análises também apresentaram essa variável como a mais significativa. Observamos, assim, que esse resultado só reitera a distribuição dos dados na língua, pois as formas verbais *monossílabas* e *oxítonas* são mais prováveis de acontecer com o pronome *a gente*. Quanto ao maior uso das paroxítonas com a forma *nós*, isso pode ser explicado pelo fato de que os falantes também podem usar o verbo com a forma não-marcada e ao evitar formas verbais proparoxítonas (‘esquiva de proparoxítonas’) acabam transformando-as em paroxítonas.

A segunda variável selecionada foi o tempo *verbal*. Retomamos⁴³ na tabela 14 a, os resultados relativos a essa variável:

⁴³ A tabela 14, que apresenta os resultados gerais da variação *nós/a gente*, será retomada como 14 a, 14 b, 14 c, 14 d.

Tabela 14 a – Resultados da variação *nós/a gente*: tempo verbal

Grupo de Fatores	<i>Nós</i>			<i>A gente</i>		
	Aplic.N	%	P.R.	Aplic.N	%	P.R.
2. Tempo Verbal						
Presente do Indicativo	214/688	31	0,36	474/688	69	0,64
Presente do Subjuntivo	2/6	33	0,38	4/6	67	0,62
Pretérito Imperfeito	265/527	50	0,42	262/527	50	0,58
Pretérito Imp. do Subjuntivo	6/9	33	0,56	3/9	67	0,44
Gerúndio	2/6	33	0,69	4/6	67	0,31
Pretérito Perfeito	269/368	73	0,78	99/368	27	0,22
Infinitivo	27/63	43	0,86	36/63	57	0,14
Total	786/1671	47		885/1671	53	
Significância 0,047						

Conforme observamos na tabela 14 a, os tempos que favoreceram o uso de *a gente* na pesquisa de Guarapuava foram: *presente do indicativo*, *presente do subjuntivo* e *pretérito imperfeito*, com 0,64; 0,62 e 0,58, respectivamente. Já os demais tempos verbais, *infinitivo*, *pretérito perfeito*, *gerúndio*, *pretérito imperfeito do subjuntivo*, favoreceram o pronome *nós* (0,86; 0,78; 0,69 e 0,56, respectivamente).

Em relação ao uso de *a gente*, em Guarapuava, no *presente do indicativo* (0,64), encontramos resultados semelhantes aos de outras pesquisas, como: Omena (1998), Lopes (1998) e Franceschini (2011), pois, também nesses estudos, a forma inovadora *a gente* foi favorecida com o tempo *presente* (0,55; 0,60 e 0,58, respectivamente).

Esse resultado, favorável ao uso da forma *a gente* no *presente do indicativo*, pode estar relacionado ao caráter atemporal do *presente*, pois, segundo Menon (2006), esse tempo é muito frequente nas ocorrências de indeterminação. A autora destaca: “[...] certos enunciados mudam de sentido se forem colocados no *pretérito perfeito*: eles perdem o caráter indeterminado e se tornam no mínimo ambíguos.” (MENON, 2006, p.38).

O *pretérito imperfeito*, conforme já destacado, também favoreceu a forma *a gente* nos dados de Guarapuava (0,58), assim como nos resultados de Seara (2000), Tamanine (2010) e Franceschini (2011), com 0,68; 0,75 e 0,56, respectivamente. Esse favorecimento do pronome *a gente*, nesse tempo verbal, pode estar relacionado à tendência de evitar o uso de palavras proparoxítonas na língua. No *presente do subjuntivo*, obtivemos em nossa amostra, apenas 6 ocorrências, das quais 4 foram com a forma inovadora (0,62).

O *pretérito perfeito*, como era esperado, favoreceu a forma canônica *nós* (0,78) em nossos dados. Nos trabalhos de Lopes (1998), Seara (2000), Tamanine (2010) e Franceschini (2011), da mesma forma, o uso de *nós* predominou nesse tempo verbal (0,90; 0,77; 0,82 e 0,74, respectivamente). O uso da forma *nós* é muito recorrente nesse tempo verbal, devido o

falante, nas entrevistas, narrar acontecimentos passados. Para justificar o predomínio de *nós* no pretérito perfeito, apresentamos a explicação dada por Lopes:

A interdependência dos fatores parece-nos óbvia, uma vez que o falante, ao narrar um acontecimento, refere-se a um evento passado (marcado temporal e cronologicamente), além de determinar as pessoas envolvidas na ação narrada. Consequentemente, há um favorecimento à presença de *nós*: narração = referente [+determinado]. (LOPES, 2003, p. 97)

Nos dados de Guarapuava, verificamos ainda, que os tempos não marcados (*gerúndio e infinitivo*) favoreceram o pronome *nós* (0,69 e 0,86, respectivamente), resultado contrário ao obtido por Omena (1998), em que esses tempos favoreceram a forma *a gente*. Na pesquisa de Tamanine (2010), também o pronome *a gente* foi favorecido no *gerúndio* (0,94), já no *infinitivo*, como em nossos dados, o pronome *nós* foi mais utilizado (0,95).

Tendo em vista que o uso do pronome inovador predominou, em nossos dados, nos tempos *presente e pretérito imperfeito*, com o objetivo de verificarmos se o maior uso do pronome *a gente* nesses tempos verbais pode estar relacionado à *indeterminação*, assim como o predomínio de *nós* no *pretérito perfeito* à *determinação*, efetuamos um cruzamento entre as variáveis *tempo verbal e determinação do referente* no CROSSTAB⁴⁴, conforme o quadro 7:

Quadro 7 - Cruzamento entre as variáveis *tempo verbal e determinação do referente*

Tempo verbal	Determinado		Indeterminado	
	A gente	Nós	A gente	Nós
		%		%
Presente do Indicativo	417	67	207	33
Pretérito Perfeito	99	27	269	73
Pretérito Imperfeito	249	49	263	51
TOTAL	804	51	776	49
			81	89
			10	11

O cruzamento entre essas duas variáveis mostrou que, no *presente do indicativo*, a distribuição entre *nós* e *a gente* em contextos de *determinação* foi de 67% para *a gente* e 33% para *nós*. Na *indeterminação*, como era esperado, o pronome *a gente* também predominou, apresentando um percentual de uso ainda mais elevado (89%).

⁴⁴ Esse programa faz o cruzamento das percentagens atribuídas a dois (ou mais) grupos de fatores, permitindo, assim, que sejam analisadas com maior clareza as possíveis interferências entre dois ou mais grupos de fatores.

No *pretérito imperfeito*, a distribuição entre *nós* e *a gente* em contextos de *determinação* foi praticamente a mesma (51% e 49%, respectivamente); já na *indeterminação*, constatamos o predomínio de *a gente* (87%). Isso confirma o que havíamos dito anteriormente, ou seja, que o maior uso do pronome *a gente* no *pretérito imperfeito* pode estar relacionado ao fato desse tempo verbal ser mais propício à indeterminação e também pode estar atrelado à tendência de se evitar o uso de palavras proparoxítonas na língua.

No *pretérito perfeito*, o pronome *nós* foi mais utilizado em contexto *determinado* (73%) e, nesse contexto, o uso de *a gente* representa apenas 27% das ocorrências. Observamos também, em nossos dados, que os pronomes *nós* e *a gente* indeterminados não apresentaram nenhuma ocorrência com verbos no *pretérito perfeito*.

Assim, os resultados obtidos na pesquisa de Guarapuava confirmam nossa hipótese para o tempo verbal, pois o *presente* do indicativo e o *pretérito imperfeito* favoreceram o uso do pronome *a gente*, enquanto o *pretérito perfeito* favoreceu o pronome canônico *nós*.

A *presença/ausência* do pronome foi a terceira variável selecionada pelo programa estatístico GoldvarvX em nossa amostra. A tabela 14 b retoma os resultados para essa variável.

Tabela 14 b - Resultados de *nós/a gente* na posição de sujeito: *presença/ausência do pronome*

Grupo de Fatores	<i>Nós</i>			<i>A gente</i>		
	Aplic.N	%	P.R.	Aplic.N	%	P.R.
3. Presença/ Ausência						
Presença do Pronome	515/1341	38	0,42	826/1341	62	0,58
Ausência do Pronome	271/330	82	0,79	59/330	18	0,21
Total	786/1671	47		885/1671	53	
Significância 0,047						

Conforme podemos observar na tabela 14 b, os informantes de Guarapuava utilizam mais o pronome *a gente* de maneira *expressa* (presença do pronome), com peso relativo de 0,58. A *ausência do pronome* predomina quando o sujeito é o pronome *nós* (0,79) e, conseqüentemente, é pouco utilizada com *a gente* (0,21).

Esse resultado, que indica um maior preenchimento do sujeito com o pronome *a gente*, confirma a ideia de que a desinência verbal não marcada confere ao pronome o *status* de único indicador da categoria de pessoa, daí sua presença cada vez mais constante. Já o pronome *nós*, por apresentar a desinência verbal *-mos*, que identifica o sujeito, favorece o não preenchimento, conforme nossa hipótese para essa variável.

No geral, considerando conjuntamente os pronomes *nós/a gente*, nossos dados apresentam 80% de formas *expressas* e 20% *não expressas* (sujeito nulo). Esse resultado parece corroborar o que foi dito por Duarte (1996), ou seja, que o português, tradicionalmente considerada uma língua de sujeito nulo, está em processo de mudança para uma língua de sujeitos plenos ou preenchidos.

O quinto grupo de fatores selecionado, após a escolaridade, foi o *tipo de texto*. Os resultados dessa variável são retomados na tabela abaixo:

Tabela 14 c - Resultados de *nós/a gente* na posição de sujeito: *tipo de texto*

Grupo de Fatores	<i>Nós</i>			<i>A gente</i>		
	Aplic.N	%	P.R.	Aplic.N	%	P.R.
5. Tipo de Texto						
Argumentativo	111/434	26	0,35	323/434	74	0,65
Narrativo	558/1064	52	0,53	506/1064	48	0,47
Descritivo	117/171	68	0,69	54/171	32	0,31
Total	786/1671	47		885/1671	53	
Significância 0,047						

Conforme mostra a tabela 14 c, o uso da forma *a gente* foi favorecida no texto *argumentativo*, com 0,65; já os textos *descritivos* favoreceram a forma *nós*, com 0,69. O texto *narrativo* apresentou um leve predomínio da forma canônica *nós* (0,53), com um resultado próximo do ponto neutro, o que significa que os pronomes *nós* e *a gente* na narração foram empregados praticamente na mesma proporção.

Nossa hipótese para essa variável era de que a forma *a gente* seria favorecida nos textos *argumentativos*, em contrapartida o pronome *nós* seria mais usado nos textos *narrativos* e *descritivos*, o que foi confirmado pelos nossos resultados. Os resultados da variável *tipo de texto* obtidos nas análises de Tamanine (2010) e de Franceschini (2011) foram semelhantes aos nossos, pois, também nesses estudos, os textos *argumentativos* favoreceram a forma *a gente*, os *narrativos* apresentaram um resultado próximo do ponto neutro e os *descritivos* favoreceram o pronome *nós*. Uma possível explicação é dada por Tamanine (2010) para justificar o maior uso de *a gente* na *argumentação*. Segundo a autora, a *argumentação* ocorre no momento em que o falante expõe suas ideias, sua avaliação sobre coisas, pessoas e fatos, sendo assim, nesse contexto, o pronome *a gente* é favorecido.

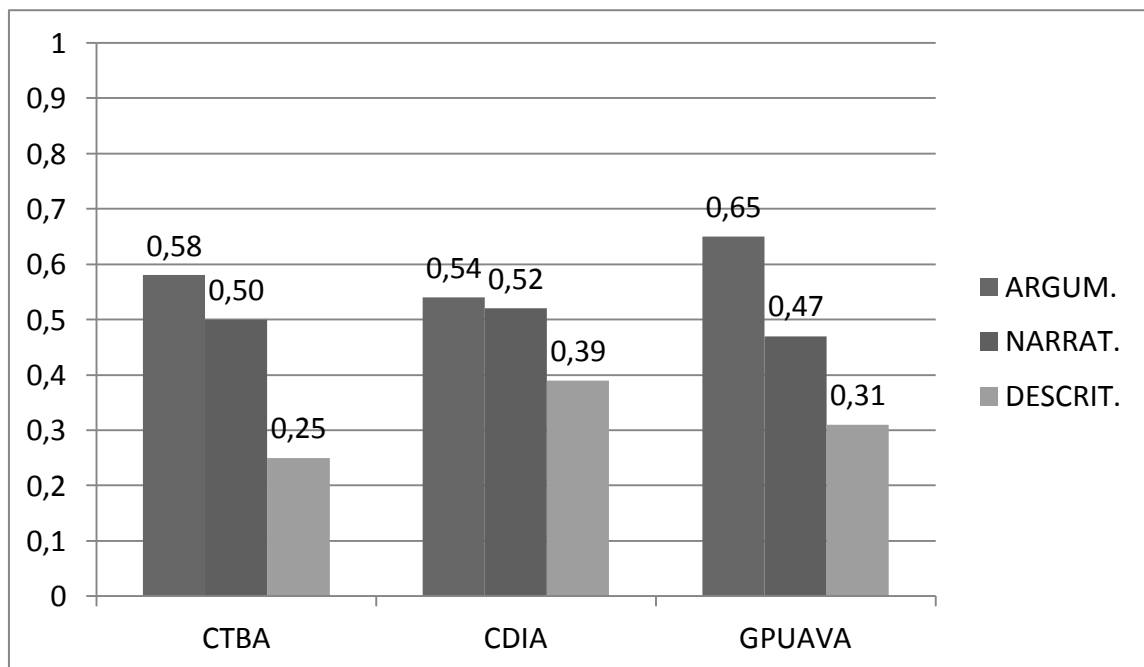
[...] Acredita-se que isso se deva ao traço semântico de *indeterminação* presente em *a gente*, o que permitiria ao falante um certo 'afastamento' de sua imagem pessoal ao emitir opinião, ampliando a força da ideia e

influenciando a busca de maior convencimento do interlocutor. (Tamanine, 2010, p. 164-165, grifos da autora).

Quanto ao favorecimento da forma canônica *nós*, nos textos *descritivos*, consideramos também a explicação dada por Tamanine (2010), pois esse resultado, segundo a autora, pode estar relacionado ao uso de *verbos estativos* como *morar, ter, ser e estar*, frequentes nesse tipo de texto.

O gráfico 2 apresenta os resultados do uso de *a gente* obtidos em Curitiba, Concórdia e Guarapuava para a variável *tipo de texto*.

Gráfico 2 - Efeito da variável *tipo de texto* no uso de *a gente* em Curitiba, Concórdia e Guarapuava.



Fonte: Dados adptados de Tamanine (2010); Franceschini (2011) e VARLINGUA.

A partir do gráfico 2, podemos observar que nas três localidades, o uso de *a gente* é maior nos *textos argumentativos* (Curitiba: 0,58; Concórdia: 0,54 e Guarapuava: 0,65). Comparando os resultados dessas cidades, nota-se ainda, que o uso de *a gente* na *argumentação* é mais elevado em Guarapuava do que em Curitiba e Concórdia. Os *textos descritivos*, ao contrário, favoreceram o uso de *nós* em Curitiba, Concórdia e Guarapuava (0,75; 0,61 e 0,69, respectivamente), o que pode estar relacionado ao uso de *verbos estativos*, frequentes nesse tipo de texto, como já havíamos mencionado.

Nos *textos narrativos*, observamos praticamente o mesmo uso de *nós* e *a gente* em ambas as localidades (*a gente*: Curitiba: 0,50; Concórdia: 0,52; e Guarapuava: 0,47), com resultados próximos do ponto neutro, o que parece indicar que o uso desses pronomes encontra-se em plena variação nesse tipo de texto.

Com o auxílio do CROSSTAB, realizamos o cruzamento entre a *determinação do referente* e o *tipo de texto* com a finalidade de observarmos o uso dos pronomes determinados e indeterminados nos diferentes tipos de textos, conforme o quadro 8:

Quadro 8 - Cruzamento entre as variáveis *tipo de texto* e *determinação do referente*

Tipo de texto	Determinado				Indeterminado			
	A gente		Nós		A gente		Nós	
		%		%		%		%
Descritivo	51	31	116	69	3	75	1	25
Narrativo	489	47	556	53	17	89	2	11
Argumentativo	264	72	104	28	59	89	7	11
TOTAL	804	51	776	49	79	89	10	11

Nesse cruzamento, verificamos que na *determinação*, o pronome *a gente* predominou nos textos *argumentativos* (72%), já nos *narrativos* e *descritivos*, os informantes usaram mais o pronome *nós* (53% e 69%, respectivamente). Esse resultado mostra que houve uma predominância de *a gente* no tipo de *texto argumentativo* em contextos *determinados*. Já os textos *narrativos* e *descritivos*, na *determinação*, apresentaram um maior uso do pronome *nós*.

Na *indeterminação*, em todos os tipos de textos o pronome *a gente* predominou, apresentando uma elevada percentagem de uso. Nos textos *argumentativos* e *narrativos*, em 89% das ocorrências, os informantes utilizaram *a gente*, e esse pronome também apresentou uma elevada frequência de uso nos *textos descritivos* (75%). Podemos dizer, de uma forma geral, que quando o referente é *indeterminado*, em todos os tipos de textos, há um elevado predomínio no uso de *a gente*. Esses resultados também parecem indicar que a *determinação* está mais associada ao uso de *nós* e a *indeterminação* ao uso de *a gente*.

A sexta variável selecionada em nossa análise foi a *determinação do referente*. Os resultados dessa variável são retomados na tabela 14 d.

Tabela 14 d - Resultados de *nós/a gente* na posição de sujeito: determinação do referente

Grupo de Fatores	<i>Nós</i>			<i>A gente</i>		
	Aplic.N	%	P.R.	Aplic.N	%	P.R.
6. Determinação do ref.						
Indeterminado	10/91	11	0,20	81/91	89	0,80
Determinado	776/1580	49	0,52	804/1580	51	0,48
Total	786/1671	47		885/1671	53	
Significância 0,047						

Como podemos observar na tabela 14 d, o pronome *a gente* predominou na *indeterminação* (0,80); já na *determinação*, verificamos um uso aproximado de *nós* (0,52) e *a gente* (0,48). Observamos que apesar de o pronome *nós* apresentar um leve predomínio em contextos de sujeito *determinado*, os pesos relativos dos dois pronomes estão muito próximos do ponto neutro, o que indica que a forma *a gente* está ganhando espaço também na *determinação*.

De uma forma geral, conforme verificado em nossos dados, observamos um favorecimento de *a gente* na *indeterminação* (0,80), corroborando os resultados de Omena (1998), Seara (2000), Borges (2004), Tamanine (2002; 2010) e Franceschini (2011), pois, nesses estudos, o pronome *a gente* também predominou na *indeterminação*. Assim, verificamos que a forma *a gente* foi mais propícia aos contextos de sujeito indeterminado, enquanto os contextos de sujeito determinado favoreceram, embora levemente, a forma canônica *nós*.

Com o objetivo de melhor compreender a atuação da variável *determinação do referente* no uso das formas pronominais *nós/a gente* e também para verificar se os mesmos fatores condicionam o uso dos pronomes *determinados* e *indeterminados*, foram realizadas duas novas rodadas: uma com o arquivo de dados de *nós/a gente determinados*, e outra somente com esses pronomes com referência *indeterminada*.

Na rodada com pronomes *determinados*⁴⁵ obteve-se um *input* de 0,55 para *a gente*, ou seja, há um leve favorecimento do pronome inovador na *determinação*. Se verificarmos o uso do pronome inovador *a gente* e o uso do pronome canônico *nós* em termos percentuais, o resultado na *determinação* mostra que as formas pronominais estão em plena variação na comunidade de Guarapuava, pois, de um total de 1.580 ocorrências, encontrou-se 804 casos de *a gente* e 776 de *nós*, o que corresponde a um percentual de 51% para *a gente* e 49% para *nós*. Considerando somente as formas *explícitas*, o total é de 1.259 ocorrências, sendo 750 (60%) de *a gente* e 509 (40%) de *nós*, resultado que indica, portanto, um maior uso do

⁴⁵ A tabela com os resultados da rodada apenas com pronomes determinados encontra-se nos anexos – tabela 15.

pronome *a gente expresso* como referência à primeira pessoa do plural, também na determinação, em Guarapuava, PR.

Na segunda rodada realizada somente com os pronomes *determinados*, verificamos que os resultados, de uma forma geral, foram semelhantes aos da rodada geral. Os fatores linguísticos que favorecem *a gente* na determinação foram: os verbos *monossílabos* (0,96) e *oxítonos* (0,93), o tempo *presente do indicativo* (0,65), *pretérito imperfeito* (0,60) e *presente do subjuntivo* (0,60), a presença do pronome (0,58) e o texto *argumentativo* (0,66). Dentre os fatores sociais, o uso de *a gente* predominou no *ensino médio* (0,60) e *fundamental I* (0,60), no sexo *feminino* (0,65) e na *faixa etária* mais jovem (0,54).

Já o pronome *nós* foi favorecido com os verbos *paroxítonos* (0,69), no *gerúndio*, *pretérito perfeito* e *infinitivo* (0,73; 0,88 e 0,91, respectivamente) e na ausência do pronome (0,83). Em relação aos fatores sociais, favoreceram o pronome canônico *nós*: o *nível fundamental II* (0,69), o sexo *masculino* (0,55) e a *faixa etária* mais velha (0,54). Nessa rodada apresentaram *nocautes*, o grupo da concordância verbal e os *proparoxítonos*, sendo assim, foram retirados da amostra. Como podemos observar, os resultados da rodada somente com os pronomes *determinados* são muito semelhantes aos obtidos na rodada geral, com todas as ocorrências.

Realizamos também a terceira rodada somente com os pronomes *indeterminados* para, assim, verificarmos quais são os fatores que condicionam o uso desses pronomes nos dados de Guarapuava. Observamos que o resultado probabilístico de *nós/a gente* na posição de sujeito apresentou o *input* de 0,91 para a forma *a gente*, o que mostra um elevado predomínio de *a gente* na *indeterminação*.

Em nossa amostra, obtivemos somente 91 ocorrências de pronomes *indeterminados*, 81 casos com o pronome *a gente* e 10 casos com o *nós*, o que corresponde a um percentual de aproximadamente 89% para *a gente* e 11% para *nós*.

Nessa rodada somente com os pronomes *indeterminados*, somente a variável *presença/ausência* do pronome foi selecionada pelo programa estatístico, os demais grupos foram retirados da amostra devido a *nocautes*. Os resultados mostram que *a gente* predomina com a presença do pronome (0,56) e o pronome *nós* com a ausência do pronome (0,89). Portanto, esses resultados confirmam os dados da rodada geral para *presença/ausência* do pronome.

Na quarta rodada realizada retiramos da amostra a variável independente *presença/ausência* do pronome⁴⁶, a fim de obtermos informações mais detalhadas sobre o uso de *nós/ a gente*. Nessa rodada, obteve-se um *input* de 0,60 para *a gente*. Verificamos que os resultados para as variáveis foram semelhantes aos da rodada geral, exceto a variável social *faixa etária* que não foi selecionada pelo programa estatístico. Os fatores linguísticos que favorecem *a gente* foram: os verbos *monossílabos* (0,96) e *oxítonos* (0,94), o *tempo presente do subjuntivo* (0,70), o *presente do indicativo* (0,64), o *pretérito imperfeito* (0,62) e *presente do subjuntivo* (0,60), a *indeterminação do referente* (0,80) e o *texto argumentativo* (0,68). Dentre os fatores sociais, o uso de *a gente* predominou no ensino médio (0,61) e *fundamental I* (0,59), no *sexo feminino* (0,57). Quanto ao pronome *nós*, foi favorecido com os verbos *paroxítonos* (0,70), no *gerúndio*, *pretérito perfeito* e *infinitivo* (0,61; 0,81 e 0,89, respectivamente), no tipo de texto *narrativo* com 0,55 e *descritivo* com 0,69. Em relação aos fatores sociais, favoreceram o pronome canônico *nós*: o *nível fundamental II* (0,71) e o *sexo masculino* (0,56).

Assim, nessa análise dos dados de Guarapuava, observamos algumas tendências gerais na fala dessa comunidade. Os fatores linguísticos que favoreceram o uso do pronome inovador *a gente* foram os verbos *monossílabos tônicos* e *oxítonos*, a *indeterminação do referente*, a *presença do pronome*, o *texto argumentativo* e os tempos *presente* e *pretérito imperfeito*.

5.3 Resultados das Variáveis Sociais em Guarapuava

A *escolaridade* foi a quarta variável selecionada pelo programa estatístico GoldVarbX na amostra de Guarapuava. Os resultados mostram que o pronome *a gente* predominou entre os falantes com *ensino médio* (0,60), seguido pelo *ensino fundamental I* (0,59). Já o *fundamental II* apresentou um maior uso do pronome *nós* (0,71) e, conseqüentemente, usou menos *a gente* (0,29).

Omena (1998) analisou a variável escolaridade em seu trabalho levando em conta informantes *em contato com a escola* e *sem contato* e constatou que os informantes com *ensino médio* em contato com a escola foram os que mais favoreceram a forma *a gente* (0,92), seguidos pelos informantes com *fundamental I* e sem contato com a escola (0,62), enquanto os do *fundamental II* com contato e sem contato com a escola favoreceram a forma canônica

⁴⁶ A tabela com os resultados da rodada sem a variável *presença/ausência do pronome* encontra-se nos anexos – tabela 16.

nós (0,73 e 0,58, respectivamente). Para a autora, uma possível explicação para os alunos do 2º grau (ensino médio) em contato com a escola utilizarem mais a forma *a gente*, pode ser o fato de os jovens usarem mais gírias para identificação com os grupos aos quais pertencem.

Seara (2000), em Florianópolis, também analisou a variável escolaridade, apresentando resultados apenas para o *fundamental I* e o *ensino médio*, mas não apresentou resultados para o *fundamental II*. Em sua pesquisa, o *ensino médio* favoreceu a forma *a gente* (0,56), enquanto o *ensino fundamental* favoreceu a forma canônica *nós* (0,54).

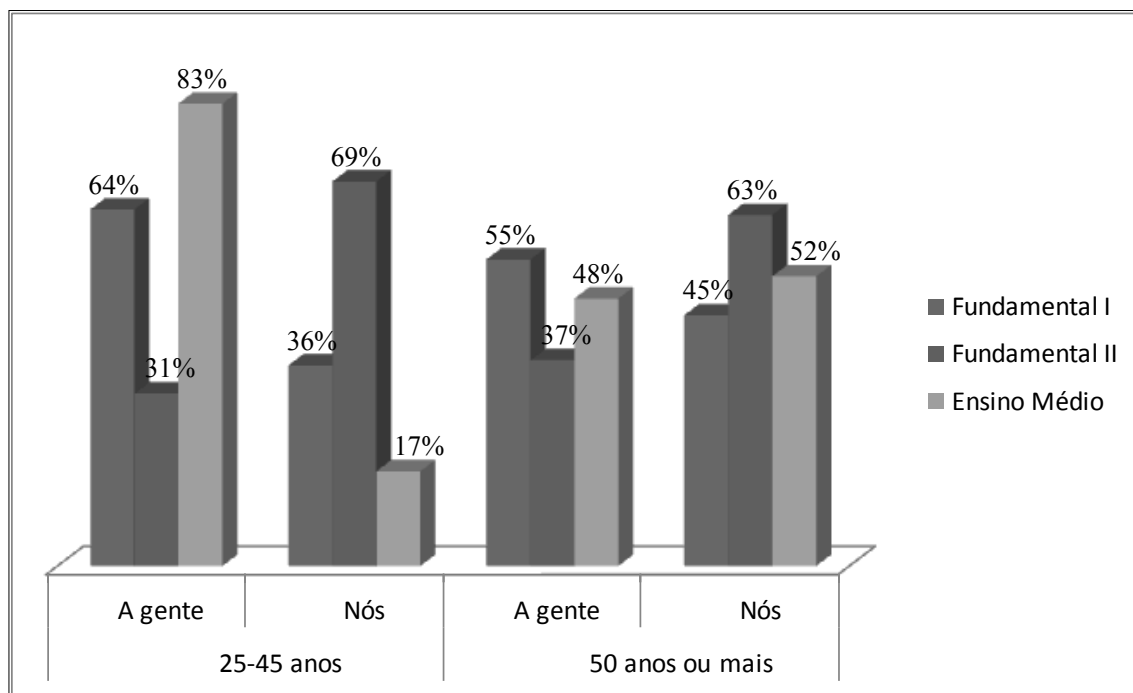
Tamanine (2010), em sua pesquisa com dados de Curitiba, considerou quatro níveis de escolaridade: *fundamental I*, *fundamental II*, *ensino médio* e *superior*. O *ensino médio* favoreceu a forma *a gente* (0,57), enquanto o *fundamental II* e o *nível superior* apresentaram um resultado próximo do ponto neutro, com um peso relativo de 0,49 para *a gente* em ambos os níveis, e o *fundamental I* favoreceu a forma canônica *nós*, com 0,57. Pode-se observar que os resultados da amostra de Guarapuava aproximam-se daqueles obtidos por Omena (1998), Seara (2000) e Tamanine (2010), na medida em que em todos esses trabalhos, o *ensino médio* favoreceu o uso do pronome inovador *a gente*.

Já no trabalho de Franceschini (2011), com dados de Concórdia, o nível *fundamental I* e o *fundamental II* favoreceram levemente a forma *a gente* (0,54 e 0,53, respectivamente); mas o *ensino médio* favoreceu a forma canônica *nós* (0,55).

Conforme podemos observar, os resultados obtidos para a *escolaridade* nos estudos sobre *nós/a gente* são variáveis, não permitindo falar em uma determinada tendência geral de uso desses pronomes em relação a essa variável. Mas, conforme já mencionamos, na amostra de Guarapuava, os falantes com *ensino médio gente* e os falantes com *ensino fundamental I* favoreceram a forma *a gente*, já o *fundamental II*, apresentou um maior uso da forma *nós*. Tomando por base a explicação dada por Omena (1998), poderíamos dizer que o favorecimento de *a gente* no *ensino médio* pode estar parcialmente relacionado ao fato de os jovens usarem mais as formas informais de fala para se integrar aos grupos aos quais pertencem ou desejam pertencer. Já o fato de o *ensino fundamental* apresentar maior uso da forma canônica *nós*, pode estar relacionada ao fato de que a conjugação verbal se inicia no final do *fundamental I* e se intensifica no nível *fundamental II*.

A fim de obtermos informações mais detalhadas sobre a influência da escolaridade no uso dos pronomes *nós* e *a gente* em Guarapuava, realizamos ainda, o cruzamento da variável *escolaridade* com as variáveis *faixa etária* e *sexo*. Apresentamos, no gráfico 3, os resultados do cruzamento da *escolaridade* com a *faixa etária*.

Gráfico 3 - Cruzamento escolaridade e faixa etária



Fonte: Dados do VARLINGUA 2015

No gráfico 3, observamos que o pronome *a gente* predomina na fala dos informantes com *nível fundamental I*, *mais jovens* e *mais velhos* (64% e 55%, respectivamente). No *nível médio* temos um maior uso do pronome *a gente* na faixa etária *mais jovem* (83%), já os falantes com *50 anos ou mais* usaram os pronomes *nós* e *a gente* praticamente na mesma proporção (52% e 48%, respectivamente). O pronome *nós* predominou na fala dos informantes com *ensino fundamental II*, e em ambas as faixas etárias (24-45 anos: 69%; 50 anos ou mais: 63%).

Esses resultados, embora em percentagens, corroboram parcialmente os resultados da rodada geral dos dados de Guarapuava, pois o pronome *a gente* é usado principalmente pelos falantes com *nível médio* (*mais jovens*) e com *nível fundamental I*, já o *nós* predomina entre os falantes com *nível fundamental II* de ambas as faixas etárias.

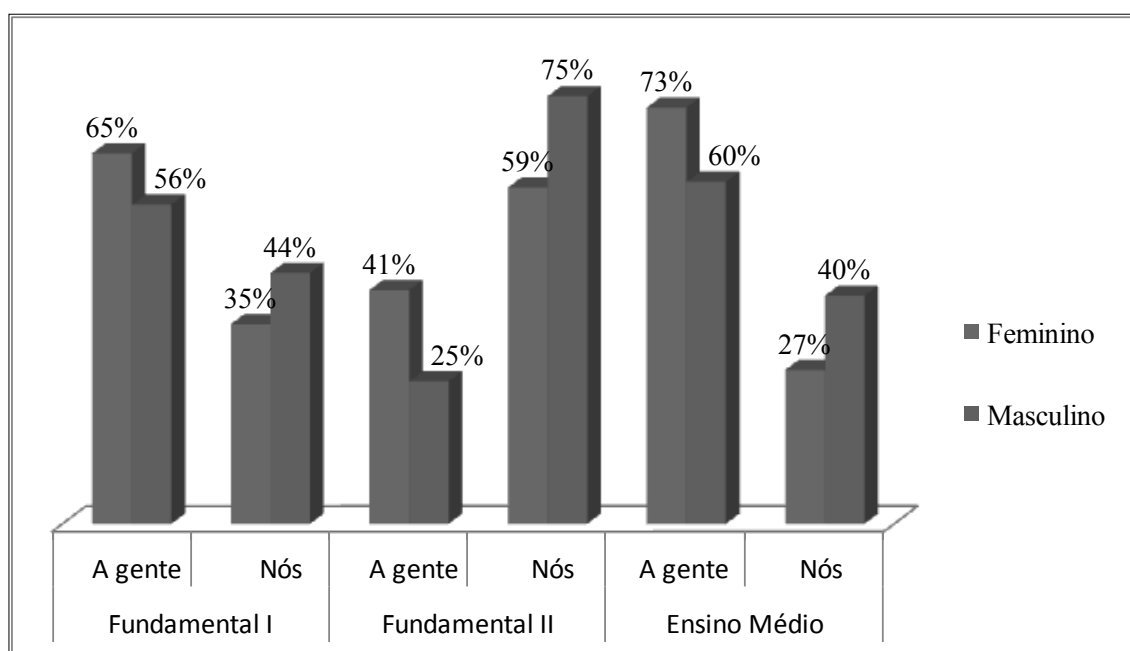
Em relação ao *sexo*, a sétima variável selecionada em nossa análise, as mulheres apresentaram maior uso do pronome inovador *a gente* (0,56), e os homens utilizaram mais a forma *nós* (0,55). Em muitos estudos sobre a variação *nós/a gente* as mulheres aparecem como propulsoras da mudança usando mais a forma *a gente*.

Observamos, ainda, que nos estudos de Borges (2004) e Tamanine (2002) ocorreu um leve favorecimento de *a gente* pelas mulheres, ou seja, os pesos relativos ficaram muito próximos do ponto neutro. Mas, de uma forma geral, a maioria dos estudos indica que os

falantes do sexo feminino estão impulsionando a mudança rumo ao maior uso de *a gente*, o que parece indicar que essa forma não apresenta uma avaliação negativa ou estigmatizada nas comunidades analisadas. Segundo Monteiro (2002, p. 75) “as mulheres são extremamente sensíveis ao prestígio explícito, uma vez que é mais apurada a sua percepção dos sinais de estratificação social”.

A fim de melhor avaliarmos a importância da *escolaridade* em nossos dados, efetuamos ainda, o cruzamento dessa variável com o *sexo*. Os resultados são apresentados no gráfico 4.

Gráfico 4 - Cruzamento *sexo e escolaridade*



Fonte: Dados do VARLINGUA 2015

De acordo com o gráfico 4, referente ao cruzamento das variáveis *escolaridade e sexo*, observamos que tanto os homens quanto as mulheres com o *fundamental I* usaram mais a forma *a gente*, com percentagens de 56% e 65%, respectivamente. Também no *ensino médio*, o uso de *a gente* predominou em ambos os sexos (homens: 60%, mulheres: 73%). Já no *fundamental II*, tanto as mulheres quanto os homens usaram mais a forma canônica *nós* (59% e 75%, respectivamente).

Esses resultados indicam que o uso do pronome inovador *a gente*, nessa comunidade, predomina entre os falantes com *ensino médio e fundamental I*, sendo um pouco mais usado

pelas mulheres. Quanto ao uso do pronome *nós*, observamos que ele é mais frequente no *fundamental I* e apresenta-se mais na fala dos homens. Esse cruzamento das variáveis escolaridade e sexo confirma os resultados obtidos, em pesos relativos, na rodada geral, ou seja, as mulheres usaram mais a forma *a gente* e esse pronome predominou nos níveis de escolaridade *fundamental I* e *ensino médio*.

Considerando os diferentes níveis de escolaridade, constatamos também que homens e mulheres apresentam um comportamento semelhante em relação ao uso dos pronomes *nós* e *a gente* na amostra de Guarapuava. Verificamos que tanto os homens quanto as mulheres com *fundamental I* e *ensino médio* estão usando mais o pronome *a gente*. No *fundamental II*, predominou o uso de *nós* pelos homens e também pelas mulheres, mas, considerando o *sexo*, observamos que mulheres apresentaram um predomínio no uso da forma *a gente*, o que vem confirmar os resultados obtidos anteriormente, de que as mulheres estão impulsionando a mudança.

Em relação à *faixa etária*, oitava variável selecionada em nossa análise, os resultados apontaram um leve favorecimento do pronome inovador *a gente* entre os falantes mais novos (0,53), e na faixa etária mais velha, na mesma proporção, um predomínio do pronome *nós* (0,53). Isso significa que a faixa etária de 25 a 45 anos apresentou um peso relativo de 0,53 para *a gente* e de 0,47 para *nós*. Já a faixa etária de 50 anos ou mais apresentou pesos de 0,53 para *nós* e 0,47 para *a gente*. Assim, apesar de o peso relativo estar apenas 3 pontos acima do ponto neutro, nosso estudo parece indicar que os informantes mais jovens de Guarapuava estão contribuindo para o processo de mudança da forma *nós* para *a gente*, confirmando a nossa hipótese de que os falantes mais jovens usariam mais o pronome *a gente*.

Em vários estudos já realizados sobre *nós/a gente*, a faixa etária foi relevante. Nos trabalhos de Omena (1998), Lopes (1998), Seara (2000), Tamanine (2002, 2010), Borges (2004) e Franceschini (2011), conforme já destacado⁴⁷, constatou-se a predominância da forma *a gente* entre os falantes *mais jovens*.

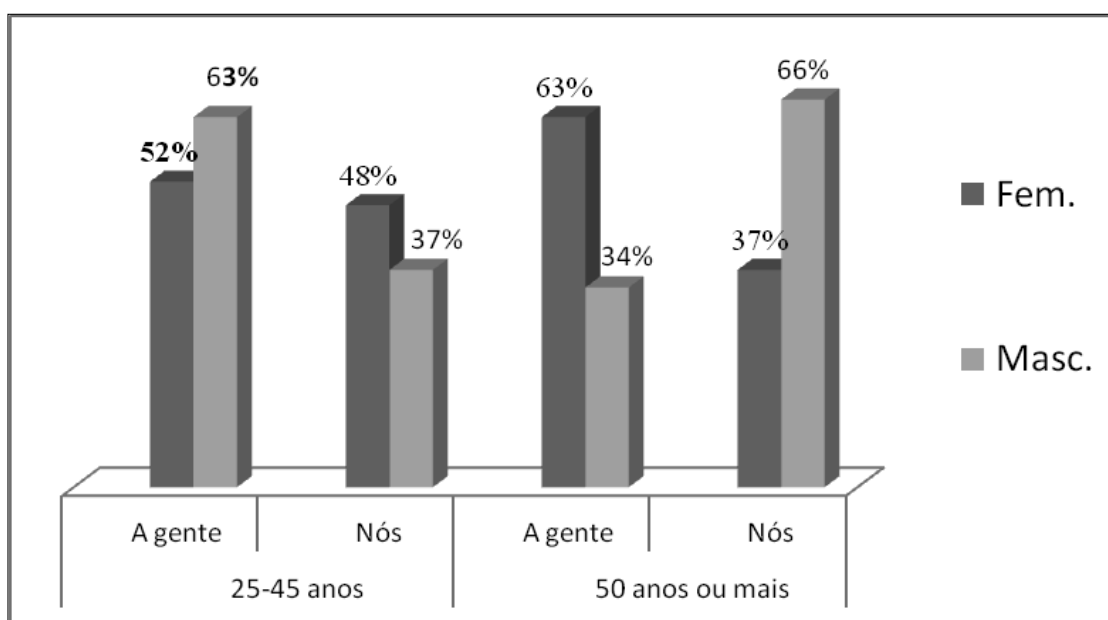
O fato de os mais jovens estarem usando mais a forma *a gente* nos leva a refletir sobre dois estágios estipulados por Labov (1964) no seu estudo sobre a *aquisição do inglês standard*, são eles: a percepção social e a variação estilística. O primeiro se instala no início da adolescência, quando o jovem começa a perceber o significado social da variedade linguística do seu círculo de amigos, o segundo é quando o jovem começa a usar a variedade de prestígio para se enquadrar nos grupos sociais que frequenta.

⁴⁷ Apresentamos os resultados detalhados (em pesos relativos) desses trabalhos no capítulo 3.

Assim, nos dados de Guarapuava, como nas demais pesquisas citadas, a faixa etária mais jovem apresentou um resultado favorável ao uso do pronome *a gente*, apontando uma provável mudança em curso, o que já havia sido observado por Omena (1998) e vários outros pesquisadores.

A fim de obtermos informações mais detalhadas sobre a distribuição das variáveis sociais no *corpus*, com o auxílio do CROSSTAB, realizamos ainda, um cruzamento entre as variáveis sociais *faixa etária* e *sexo*. Os resultados desse cruzamento são apresentados no gráfico 5.

Gráfico 5 - Cruzamento *faixa etária* e *sexo*



Fonte: Dados do VARLINGUA 2015

Os resultados do gráfico 5, mostram que os *homens* da faixa etária *mais jovem* e as *mulheres mais velhas* foram os que mais usaram o pronome *a gente*, apresentando a mesma percentagem de uso desse pronome (63%). As *mulheres mais jovens* apresentaram um uso de *a gente* (52%) levemente superior ao uso de *nós* (48%). Já o pronome *nós* predominou somente na fala dos informantes *mais velhos* do sexo *masculino* (66%).

Os resultados desse cruzamento, embora em percentagens, sugerem que são os *homens mais jovens* e as *mulheres das duas faixas etárias* que estão à frente da mudança, embora as mais jovens usem *a gente* e *nós* quase na mesma proporção.

Portanto, esses resultados confirmam parcialmente os resultados gerais de nossa amostra, pois mostram que o pronome *a gente* foi mais usado pelos falantes mais jovens. No entanto, ao contrário do esperado, esses resultados mostram também que a forma inovadora *a gente* já predomina entre as mulheres mais velhas, e de maneira mais acentuada que entre as mais jovens. Observamos, portanto, a partir desse cruzamento das variáveis sociais *faixa etária* e *sexo*, que os homens e as mulheres da *faixa etária mais velha* apresentam um uso diferenciado dos pronomes *nós* e *a gente* na amostra de Guarapuava.

Assim, na análise dos dados *sociais* de Guarapuava, observamos algumas tendências gerais na fala dessa comunidade. Os fatores que favoreceram o uso do pronome *a gente* foram: os falantes da *faixa etária* mais jovem, o *ensino médio* e o *fundamental I* e as *mulheres*, tanto as mais novas quanto as da *faixa etária* mais velha.

Na tabela 18, nos anexos, apresentamos a distribuição dos pronomes *nós/a gente* por informante.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estudo sobre a variação pronominal *nós/a gente*, realizado em Guarapuava/PR, pudemos verificar que, na análise geral de nossos dados, o uso do pronome inovador *a gente* já começa a ultrapassar o pronome canônico *nós*. Obtivemos um input de 0,59 a favor do pronome *a gente*, o que indica que os falantes guarapuavanos estão usando mais a forma inovadora *a gente*. Nossa hipótese geral foi confirmada, pois havíamos postulado que a comunidade de fala de Guarapuava usaria mais a forma inovadora em vez da forma canônica *nós*.

Além disso, verificamos algumas tendências gerais na fala dessa comunidade. Dos fatores testados foram selecionados pelo programa estatístico GoldvarbX, por ordem de relevância: a *tonicidade*, o *tempo verbal*, a *presença/ausência do pronome*, o *tipo de texto*, a *determinação do referente*, a *escolaridade*, o *sexo* e a *faixa etária*.

Os fatores linguísticos que favoreceram o uso do pronome inovador *a gente* foram os verbos *monossílabos tônicos* e *oxítonos*, os tempos *presente* e *pretérito imperfeito*, a *presença do pronome*, o *texto argumentativo* e a *indeterminação do referente*. Os fatores sociais que favoreceram a forma inovadora foram: a *escolaridade com o ensino médio*, o *sexo feminino* e a *faixa etária mais jovem*. A *concordância verbal* foi retirada da amostra devido a *nocautes*.

Efetuamos quatro rodadas, a rodada geral, a rodada somente com dados determinados e outra com dados *indeterminados* com o objetivo de melhor compreender a atuação da variável *determinação do referente* no uso das formas pronominais *nós/a gente* e, por fim, uma rodada geral sem a variável *presença/ausência do pronome*.

Ao investigar as diferentes variáveis linguísticas que podem condicionar o uso de *a gente* em detrimento de *nós* na rodada geral, vimos que a *tonicidade* foi a primeira variável selecionada como estatisticamente mais significativa na rodada geral da amostra VARLINGUA. Nos resultados, verificamos que a forma *a gente* foi favorecida com *monossílabos tônicos* e *oxítonos*. O uso desses verbos junto ao pronome é resultado de um fenômeno estrutural da língua. Já as formas *paroxítonas* desfavoreceram o pronome *a gente*, favorecendo, portanto, o uso de *nós*. Quanto às formas *proparoxítonas*, apenas 11 ocorrências foram encontradas em nossa amostra e todas com o pronome *nós*. Portanto, as *proparoxítonas* foram retiradas da amostra devido à ocorrência de *nocaute*. O maior uso das *paroxítonas* com a forma *nós* pode ser explicada pelo fato que os falantes também podem usar o verbo com a forma não-marcada e ao evitar formas verbais *proparoxítonas* ('esquiva de *proparoxítonas*') acabam transformando-as em *paroxítonas*.

Postulamos que, em nossos dados, haveria um maior uso de *a gente* com formas verbais *monossílabas e oxítonas*, enquanto as formas *paroxítonas* favoreceriam o uso da forma *nós*. A análise dos dados confirmou tal hipótese, na mesma direção dos resultados de Borges (2004) e Tamanine (2010). Observamos, assim, que esse resultado só reitera a distribuição dos dados na língua, pois as formas verbais *monossílabas e oxítonas* são mais prováveis de acontecer com o pronome *a gente*.

O segundo fator selecionado pelo programa Goldvarb X foi o *tempo verbal*. Os tempos que favoreceram o uso de *a gente* foram: o *presente do indicativo*, o *presente do subjuntivo* e o *pretérito imperfeito*. Já os demais tempos verbais, *infinitivo*, *pretérito perfeito*, *gerúndio*, *pretérito imperfeito do subjuntivo* favoreceram o pronome *nós*.

Em relação ao uso de *a gente*, em Guarapuava, no *presente do indicativo* encontramos resultados semelhantes aos nossos em outras pesquisas, como: Omena (1998), Lopes (1998) e Franceschini (2011). Esse resultado favorável ao uso da forma *a gente* no *presente do indicativo* pode estar relacionado ao caráter atemporal do *presente do indicativo*, que também é um tempo muito recorrente na indeterminação.

O *pretérito imperfeito*, conforme já mencionado, também favoreceu a forma *a gente* nos dados de Guarapuava, assim como nos resultados de Seara (2000), Tamanine (2010) e Franceschini (2010). O favorecimento desse pronome, nesse tempo verbal, pode estar relacionado à tendência de evitar o uso de palavras proparoxítonas na língua e também ao fato desse tempo verbal ser mais propício a indeterminação. Quanto ao *presente do subjuntivo*, encontramos apenas 6 ocorrências na nossa amostra, das quais 4 foram com *a gente*.

Em relação aos tempos verbais que favoreceram a forma canônica *nós*, encontramos: o *pretérito perfeito* e os tempos não marcados (*gerúndio e infinitivo*). O maior uso da forma canônica *nós* no pretérito perfeito confirma os resultados obtidos por Lopes (1998), Seara (2000), Tamanine (2010) e Franceschini (2011). O uso do pronome *nós* é muito recorrente nesse tempo verbal devido aos falantes nas entrevistas narrarem acontecimentos passados. Quanto aos tempos não marcados (*gerúndio e infinitivo*) que também favoreceram o pronome *nós*, encontramos resultado semelhante em Tamanine (2010), com o uso de *nós* no *infinitivo*, contrário ao obtido por Omena (1998), em que esses tempos favoreceram a forma *a gente* e também os resultados de Tamanine (2010), com o *gerúndio*, favorecendo *a gente* e Franceschini (2011) com maior uso de *a gente* no *infinitivo*.

O terceiro grupo selecionado foi a *presença/ausência*, verificamos que os informantes utilizaram mais o pronome *a gente* de maneira *expressa* (presença do pronome), com peso relativo de 0,58. A *ausência do pronome* predomina quando o sujeito é o pronome *nós* (0,79)

e, conseqüentemente, é pouco utilizada com *a gente* (0,21). Esse resultado indica um maior preenchimento do sujeito com o pronome *a gente* e confirma a ideia de que a desinência verbal não marcada confere ao pronome o *status* de único indicador da categoria de pessoa, daí sua presença cada vez mais constante. Já o pronome *nós*, por apresentar a desinência verbal *-mos*, que identifica o sujeito, favorece o não preenchimento, conforme nossa hipótese para essa variável. No geral, considerando conjuntamente os pronomes *nós/a gente*, nossos dados apresentam 80% de formas *expressas* e 20% *não expressas*. Esse resultado parece corroborar o que foi dito por Duarte (1996), ou seja, que o português, tradicionalmente considerada uma língua de sujeito nulo, está em processo de mudança para uma língua de sujeitos plenos ou preenchidos. Nossa hipótese para essa variável era de que o pronome *a gente*, que apresenta a forma verbal não-marcada, favoreceria o preenchimento do sujeito (*presença do pronome*).

O quinto grupo selecionado foi o *tipo de texto* e evidenciou que, na pesquisa em Guarapuava, os *textos argumentativos* favoreceram o maior uso da forma *a gente*, os *textos narrativos* apresentaram um resultado próximo ao ponto neutro, e os *textos descritivos* favoreceram o pronome canônico *nós*. Nossa hipótese para essa variável era de que a forma *a gente* seria favorecida nos *textos dissertativos* e o pronome *nós* seria mais usado nos *textos narrativos* e *descritivos*. Essa hipótese foi parcialmente confirmada, pois o *texto narrativo* apresentou um resultado próximo ao ponto neutro. Por outro lado, houve o favorecimento da forma inovadora *a gente* nos *textos argumentativos* e os *textos descritivos* favoreceram o pronome *nós*. Observamos que, em Guarapuava, o uso de *a gente* na *argumentação* foi um pouco superior do que em Concórdia-SC e Curitiba- PR.

O sexto fator selecionado foi a *determinação do referente* e verificamos a predominância da forma *a gente* em contextos cujo sujeito é *indeterminado* semanticamente, continua associado à variante *a gente*. No entanto, a forma inovadora está avançando no campo da determinação. Esse resultado corrobora os resultados obtidos por Omena (1998), Seara (2000), Borges (2004), Tamanine (2002; 2010) e Franceschini (2011). Nossa hipótese para essa variável era de que o uso do pronome *a gente* predominaria na *indeterminação*.

Na rodada somente com os pronomes *determinados*, os resultados linguísticos e sociais obedeceram a mesma ordem de classificação da rodada geral, apresentando os seguintes resultados para os fatores linguísticos: os *verbos monossílabos* (0,96) e *oxítonos* (0,93), o *tempo presente* (0,65), *pretérito imperfeito* (0,60) e *presente do subjuntivo* (0,60), a presença do pronome (0,58) e o *texto argumentativo* (0,66). Dentre os fatores sociais, o uso de *a gente* predominou no *ensino médio* (0,60) e *fundamental I* (0,60), no sexo *feminino* (0,65) e na *faixa*

etária mais jovem (0,54). Obteve-se um *input* de 0,55 para *a gente*, ou seja, há um leve favorecimento do pronome inovador na determinação.

Quanto à rodada realizada somente com os pronomes *indeterminados*, somente a variável *presença/ausência* do pronome foi selecionada pelo programa estatístico e os demais grupos foram retirados da amostra devido a *nocautes*. Os resultados mostram que *a gente* predomina com a *presença do pronome* (0,56) e o pronome *nós* com a *ausência do pronome* (0,89). Portanto, esses resultados confirmam os dados da rodada geral para *presença/ausência* do pronome. Observamos que o resultado probabilístico de *nós/a gente* na posição de sujeito apresentou o *input* de 0,91 para a forma *a gente*, o que mostra um elevado predomínio de *a gente* na *indeterminação*.

Na análise dos dados *sociais* de Guarapuava, observamos algumas tendências gerais na fala dessa comunidade. Os fatores que favoreceram o uso do pronome *a gente* foram: os falantes da *faixa etária* mais jovem, o *ensino médio*, o *fundamental I* e as *mulheres*, tanto as mais novas quanto as da faixa etária mais velha.

Quanto à variável *escolaridade*, quarta variável selecionada na amostra de Guarapuava, verificamos que a forma *a gente* predominou entre os falantes com *ensino médio*, contrariando o que havíamos postulado em nossa hipótese de que os falantes mais escolarizados favoreceriam o uso do pronome canônico *nós*.

Na amostra de Guarapuava, verificamos que as mulheres usaram mais a forma *a gente* que os homens, o que confirmou a nossa hipótese. Esse resultado parece indicar que as mulheres estão na vanguarda da mudança em favor do pronome inovador. Assim, o maior uso de *a gente*, pelas mulheres, mostra que essa forma não apresenta uma valoração negativa ou estigmatizada. De forma geral, nos trabalhos estudados sobre a variação *nós/a gente* todos mostram a tendência de as mulheres e os mais jovens usarem mais a forma inovadora *a gente*. Essa hipótese já havia sido levantada por Labov (1990) e Guy (2001), pois, para esses autores, as mudanças rumo às formas não estigmatizadas, o que parece ser o caso de *a gente*, seriam implementadas principalmente pelas mulheres e seriam mais rapidamente aceitas na comunidade.

Assim como em nossos dados, a *faixa etária* mostrou-se significativa em todos os trabalhos aqui apresentados e, em todos eles, os falantes mais jovens favoreceram o uso da forma *a gente*, o que parece indicar uma possível mudança em curso, com os mais jovens impulsionando a mudança em favor do pronome inovador *a gente* e os mais velhos favorecendo o pronome conservador *nós*. Nossa hipótese, em relação à variável *faixa etária*,

era de que a faixa etária mais jovem favoreceria o uso do pronome inovador *a gente*, o que foi comprovado em nossos resultados.

Portanto, observamos que, de uma forma geral, os informantes guarapuavanos estão usando mais a forma inovadora *a gente*, o que pode indicar que há uma mudança em curso. Esperamos, com a presente pesquisa, contribuir para a descrição e para o debate acerca da variação dos pronomes *nós* e *a gente* no Brasil, verificando os fatores linguísticos e sociais que condicionam o uso dessas variantes.

7. REFERÊNCIAS

ASSIS, R. M. (1988). Variáveis linguísticas e suas implicações no ensino do vernáculo: uma abordagem sociolinguística. *Ilha do Desterro*, 20, 59-91. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/viewFile/8929/8278>. Acesso em 01.10.2015.

BELINE, R. *A Variação linguística*. FIORIN, J.L. (org.) Introdução à linguística. I Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2008, p. 122.

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes/Editora da UNICAMP, 1988.

BORGES, P. R. S. *A gramaticalização de a gente no Português Brasileiro: análise histórico-social-linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaraguão e Pelotas*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

CÂMARA JÚNIOR, J.M. *História da linguística*. Tradução Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. Petrópolis: Vozes, 1975.

CALVET, L.J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CEGALLA, D.P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 48.ed. São Paulo: 2008.

CHOMSKY, N. *Aspectos da teoria da sintaxe*. Trad. de J.A. Meireles, E.Raposo. Coimbra: Armênio-Amado Editor. 1975.

CUNHA, C. & CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

COSTA, M. A. *Estruturalismo*. In: MARTELOTTA, M.E. (Org.). Manual de linguística. São Paulo: Contexto, 2008, p. 114.

DUARTE, M. E. L. *Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil*. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*. 2.ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 1996.

FRANCESCHINI, L. T. *Variação pronominal nós/a gente e tu/você em Concórdia – SC*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística Quantitativa Instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. G. R. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history*. Philadelphia, University of Pennsylvania. 1981.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: CUP. 1993.

ILARI, R.; BASSO, R. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006.

LABOV, W. *Estágios na aquisição do inglês standard*. In: FONSECA, M. e NEVES, M. (orgs.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado. (1974), p.49-85

_____. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Cambridge: Blackwall Publishers, 1994.

_____. *Principles of Linguistic Change: Social Factors*. Oxford: Blackwall Publishers, 2001.

_____. *Padrões sociolinguísticos*. Trad.: BAGNO, M.; SCHERRE, M.; CARDOSO, C. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LOPES, C. R. S. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. *DELTA*, São Paulo, v. 14, n.2, 1998. pg. 405-422. ISSN 1678-460X. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44501998000200006>. Acesso 30.05.2015.

_____. *A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português*. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 2003, v.18. p.174. ISBN: 84-8489-061-9. Disponível em: <http://www.letas.ufrj.br/laborhistorico/producao/Lopestese.pdf>. Acesso 01.06.2015.

_____. *Pronomes pessoais*. In: BRANDÃO, S. F. & VIEIRA, S.R. (Orgs.) *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007, v. 1, p. 103-119.

MARCONDES. G. G. *Guarapuava: História de Luta e Trabalho*. UNICENTRO, 1998.

MARRA, D.; MILANI, S. E. *A constituição interdisciplinar da Sociolinguística*. VII CONNEPI. Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e inovação. Palmas-Tocantins, 2012 Disponível em: <http://propi.iftto.edu.br/ocs/index.php/connepi/vii/paper/view/2717/1937>. Acesso em: 30.09.2015.

MEILLET, A. L'évolution dès formes grammaticales. [1912] Scientia 12 (26) (Milan). (Reprinted: *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: C. Klincksieck, p. 130-148, 1965 [1912]).

MENON. *Analyse sociolinguistique d'indétermination du sujet dans le portugais parlé au Brésil à partir des données du NURC – SP*. (Tese de Doutorado). Universidade Paris VII, 1994.

_____. *O sistema pronominal do português do Brasil*. Letras, Curitiba: Editora da UFPR, 1995a. p. 91-106.

_____. *A gente, eu e nós: sintomas de uma mudança em curso no português do Brasil?* In: MOURA, M. D. (org.) *Anais do II ENCONTRO NACIONAL SOBRE LÍNGUA FALADA E ESCRITA - ELFE*. UFAL, Maceió, 1995b. p. 397-403.

_____. *A gente: um processo de gramaticalização*. Estudos linguísticos, Taubaté. (Anais do Seminário do GEL), 1996. XXV: 622-628.

_____. *O. P. S. Uso do pronome sujeito de primeira pessoa no português do Brasil*. Organon. v. 14, n. 28-29, p.157-177, 2000.

MENON, LAMBACH e LANDARIN. Alternância nós/ a gente nos quadrinhos: análise em tempo real. In: RONCARATI, Cláudia N. (org.) *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

MENON. *A indeterminação do sujeito no português do Brasil: NURC-SP e VARSUL*. In: Paulino Vandresen. (Org.). *Variação, Mudança e Contato Linguístico no Português da Região Sul*. Pelotas: EDUCAT - Editora da Universidade Católica de Pelotas, v. 1, 2006. p.125-167.

MOLLICA, M.C; BRAGA, M. L (Orgs). *Linguagem para formação em letras, educação e fonoaudiologia*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2013.

MONTEIRO, J.L. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2002.

NARO. *The social and structural dimensions of a syntactic change*. LSA, Language, v. 57, p. 63-98, 1981.

OMENA, N. P.; BRAGA, M. L. *A gente está se gramaticalizando?* In: MACEDO, A. T.; RONCARATI, C.; MOLICA, M. C. *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

OMENA. *A referência à primeira pessoa do discurso no plural*. In: SILVA, G.M. de O.; SCHERRE, Maria Marta Pereira. (org.) *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1998a. p.185 – 215.

. *As influências sociais na variação entre nós e a gente na função de sujeito*. In: SILVA, G.M.O.; SCHERRE, Maria Marta Pereira (Orgs.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1998b. p. 311-323.

_____. *A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança?* In: PAIVA & DUARTE (orgs) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra capa e FAPERJ, 2003, p. 63- 80.

PAREDES SILVA, V. L. *Por trás das frequências*. Organon, Porto Alegre, v. 5, n 18, UFRGS, 1991.

POSSENTI, S. *Mal comportadas línguas*. São Paulo: Criar, 2000.

PRETI, D. Fala e escrita em questão. In: MOLLICA, M. C. (Org). *Linguagem para formação em letras, educação e fonoaudiologia*. São Paulo: Contexto, 2009.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.

SEARA, I.C. *A variação do Sujeito nós e a gente na fala Florianopolitana*. Revista *Organon*. Instituto de Letras UFRGS, Porto Alegre - RS, v. 14, n. 28-29, 2000.

TARALLO, F. *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2001.

TAMANINE, A.M.B. *A alternância nós/a gente no interior de Santa Catarina*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

. *Curitiba da gente: Um estudo sobre a variação pronominal nós/a gente e a gramatização de a gente na cidade de Curitiba - PR*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

SANKOFF, D, S. A. TAGLIMONTE, and E. SMITH (2005). *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto.

ZILLES, A. M. *O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente? Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 42, n. 2, junho, 2007. p. 27-44.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

ATLAS GEOMORFOLÓGICO DO ESTADO DO PARANÁ.

http://www.mineropar.pr.gov.br/arquivos/File/2_Geral/Geomorfologia/Atlas_Geomorforlogico_Parana_2006.pdf. Acesso em: 12.10.2015.

ASSOCIAÇÃO AMIGOS DA VILA SUÉVIA - Disponível em:

<http://www.soavisu.com.br/suabios-do-danubio/>. Acesso em 01.08.2015

BLOG PARANÁ. Disponível em: <http://www.guarapuava.parana.blog.br/historia-de-guarapuava/>. Acesso em 01.06.2015.

CADERNOS DO IPARDES. Disponível em:

<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=85000>. Acesso em 27.09.2015.

DICIONÁRIO ONLINE. Disponível em: <http://www.significados.com.br/status>. Acesso em: 13.08.2015.

DNIT - DEPARTAMENTO NACIONAL DE INFRAESTRUTURA DE TRANSPORTES.

Disponível em: <http://www.dnit.gov.br/rodovias/rodovias-federais/nomeclatura-das-rodovias-federais>. Acesso em 12.10.2015.

GAZETA DO POVO - Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/voce-sabe-como-e-definido-o-nome-de-uma-rodovia>. Acesso em: 12.10.2015.

GEOGRAFIA O PARANÁ.

Disponível em: <http://geovest.files.wordpress.com/2012/09/parana.pdf>. Acesso 12.10.2015

IBGE. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=410940>. Acesso em 30.09.2015.

JORNAL DAILY NEWS. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Daily_News. Acesso em 13.08.2015.

JORNAL NEW YORK TIMES. Disponível em:
http://www.insite.pro.br/2011/fevereiro/nyt_noticias_historia.pdf. Acesso em 13.08.2015.

PORTAL DE GUARAPUAVA. Disponível em: <http://portaldeguarapuava.com.br>. Acesso em:
27.09.2015.

ANEXOS

ANEXO 1
FICHA SOCIAL

Nome:

Endereço:

Sexo:

Idade:

Etnia:

Profissão:

Fala quantas línguas? Quais? Como as aprendeu?

Profissão dos pais:

Pai:

Mãe:

Origem/etnia dos pais:

Pai:

Mãe:

Escolaridade – estuda e/ou até que série estudou:

Local de nascimento:

Se não nasceu em Guarapuava, com que idade se mudou para essa cidade?

Na sua opinião, o que é ser guarapuavano? Basta nascer em Guarapuava ou não?

É fácil de identificar um guarapuavano? Por quê?

Você gosta de ser guarapuavano? Por quê?

Você se mudaria de Guarapuava? Por quê?

Dia e horário disponíveis para a entrevista:

Telefone de contato:

ANEXO 2

ROTEIRO DE PERGUNTAS GUARAPUAVA

1. Qual a sua **idade**?
 2. Onde você **nasceu**?
 3. Qual a sua descendência? Por parte de pai e/ou de mãe?
 4. Fale sobre a tua **infância**: como eram as brincadeiras, os brinquedos, as coisas que você fazia naquela época.
 5. Na tua opinião, mudou muita coisa da tua **infância** para hoje em dia? Em que sentido?
 6. Como era na época em que você frequentou a **escola**? E os professores?
 - Você estuda/estudou até que série? Fez o ensino regular ou supletivo?
 7. Tem alguma **história engraçada ou triste** dessa época que você sempre lembra?
 8. Como era a tua **família** quando você era criança?
 9. Fale sobre a **colonização** da tua cidade. Em que época a tua família veio pra cá?
 10. Como é comemorado o **NATAL** na tua família? Mudou muito de quando você era criança pra hoje?
 10. E a festa de **PÁSCOA**?
- Vida em família:**
- Vocês almoçam/jantam juntos? (assistem tv, jogam cartas...)
 - Como vocês dividem os afazeres domésticos/responsabilidades em casa?
 - Vocês passam o fim de semana juntos? O que fazem?
 - Vocês frequentam alguma igreja/culto?
 - Vocês têm contato frequente com outros parentes (tios, primos, sobrinhos, avós)?
 - Como são as férias? Vocês viajam/ já viajaram juntos? Como foi?
11. O que você costuma fazer nos **finais de semana**?
 12. Qual o tipo de **lazer** que os jovens tinham antigamente? E hoje?
 13. Como eram os **casamentos** de antigamente? E hoje, mudou muito?
 14. Você segue as **tradições e costumes** de seus pais? Quais? Por quê?
 15. Que **comidas** você conhece e gosta de fazer? Explique como se faz.
 16. Qual a sua **religião**? Você é praticante?
 17. Como eram os **costumes religiosos** de antigamente? E hoje, mudaram muito?
 18. Você (ou alguém conhecido) já passou por algum **perigo de morte**? Como foi?
 19. Como é o teu **trabalho**?
 20. Você já saiu daqui? Que cidades conhece? Como foi a **viagem**?
 21. Tem **filhos**? Se sim, de que idade?
 22. Você tem algum **sonho** que gostaria ou pretende realizar?
 23. Você gosta de assistir **televisão**? Que programas?
 - Assiste regularmente?
 - Gosta de ouvir rádio? Que programas?
 24. O que você mais gosta na sua **comunidade**? Na sua opinião, o que poderia melhorar?
 - a) O que você acha do **sistema de saúde** (hospitais, postos de saúde...) da cidade?
 - b) Já teve algum problema sério de saúde na família? Se sim, como foi a assistência médica e/ou hospitalar?
 - c) O que você acha do **sistema escolar** da cidade?
 - d) Como você avalia a **infraestrutura da cidade**? (água, coleta de lixo, esgoto, estradas...)
 25. Se não nasceu em Guarapuava, com que idade se mudou para essa cidade?
 26. Na sua opinião, **o que é ser guarapuavano**? Basta nascer em Guarapuava ou não?
 27. É fácil de **identificar um guarapuavano**? Por quê?
 28. Você **gosta de ser guarapuavano**? Por quê?

29. Você **se mudaria de Guarapuava**? Por quê?
30. Você **fala outra língua**? Qual? Como aprendeu?
31. Você percebe alguma característica especial na **fala das pessoas de Guarapuava**?(pronúncia típica, palavras que só se usam aqui, expressões típicas).
32. Quais os principais **costumes dos guarapuavanos**? (frequentam CTG? há uma comida típica? Músicas típicas?).

ANEXO 3**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

O banco de dados linguísticos do projeto Variação Linguística de Guarapuava, VARLINGUA, da UNICENTRO, possui como objetivo registrar em áudio a língua falada por falantes de Guarapuava e região e é coordenado pelas professoras Loremi Loregian-Penkal e Lucelene Franceschini. O áudio será posteriormente utilizado para pesquisas e descrições (socio) linguísticas diversas. Os dados analisados poderão ser divulgados por meio de literatura especializada e eventos científicos e os sujeitos NÃO serão identificados. Esta pesquisa possui caráter acadêmico e não representa qualquer dolo para o informante, que participa voluntariamente com a gravação de sua fala.

Assim, eu, _____
portador(a) da cédula de identidade nº _____ e do CPF nº _____
estou ciente e de acordo com os termos da realização desta pesquisa. Dessa forma, aceito participar voluntariamente da pesquisa e autorizo a divulgação de dados relacionados à minha oralidade.

Assinatura do entrevistado

Loremi Loregian-Penkal - pesquisadora do VARLINGUA

Lucelene Franceschini - pesquisadora do VARLINGUA

Guarapuava, _____ de _____ de 2014.

ANEXO 4

**RELAÇÃO DE VARIÁVEIS E CODIFICAÇÃO UTILIZADA NA PESQUISA SOBRE
NÓS/A GENTE EM GUARAPUAVA**

Variável dependente:

N – nós

G – a gente

Variáveis independentes:**1. Presença/ausência do pronome**

0 – ausência

1 – presença

2. Determinação do referente

d – determinado

i – indeterminado

3. Tipo de texto

N – narração

D – descrição

A – argumentação

4. Tempo verbal

p – presente

t – pretérito perfeito

i – pretérito imperfeito

g – gerúndio

f – infinitivo (...)

s – pretérito imperfeito do subjuntivo

u – presente do subjuntivo

o - outros

5. Concordância verbal

1 – nós....- mos

2 – nós..... Ø

3 – a gente.... Ø

4 – a gente.....- mos

6. Tonicidade

M – Monossílabo tônico

O – Oxítono

P – Paroxítono

X – Proparoxítono

7. Faixa etária

1 – 25 – 45 anos

2 - + 50 anos

8. Escolaridade

p – primário (fundamental I)

g – ginásio (fundamental II)

c – secundário (ensino médio)

9. Sexo

F - feminino

M - masculino

10. Informante: a, b, c, dz.

ANEXO 5

Tabela 15- Resultados probabilísticos de *nós/a gente* na posição de sujeito - Rodada com dados determinados (*a gente* - input: 0,55)

Grupo de Fatores	<i>Nós</i>			<i>A gente</i>		
	Aplic.N	%	P.R.	Aplic.N	%	P.R.
1. Tonicidade						
Monossílabos tônicos	9/218	4	0,04	209/218	96	0,96
Oxítonas	15/119	13	0,07	114/119	87	0,93
Paroxítonas	741/1232	60	0,70	491/1232	40	0,30
2. Tempo Verbal						
Presente do Indicativo	207/624	33	0,35	417/624	67	0,65
Presente do Subjuntivo	2/5	40	0,39	3/5	60	0,61
Pretérito Imperfeito	263/512	51	0,40	249/512	49	0,60
Pretérito Imp. do	5/8	63	0,40	3/8	37	0,60
Subjuntivo	2/5	40	0,73	3/5	60	0,27
Gerúndio	269/368	73	0,88	99/368	27	0,22
Pretérito Perfeito	27/55	49	0,91	28/55	51	0,09
Infinitivo						
3. Presença/ Ausência						
Presença do pronome	509/1259	40	0,42	750/1259	60	0,58
Ausência do pronome	267/321	83	0,88	54/321	17	0,22
4. Escolaridade						
Ensino médio	146/396	37	0,40	250/396	63	0,60
Fundamental I	292/691	42	0,40	399/691	58	0,60
Fundamental II	338/493	69	0,70	155/493	31	0,30
5. Tipo de Texto						
Argumentativo	104/368	28	0,34	264/368	72	0,66
Narrativo	556/1045	53	0,53	489/1045	47	0,47
Descritivo	116/167	69	0,68	51/167	31	0,32
6. Sexo						
Feminino	326/723	45	0,45	397/723	55	0,55
Masculino	450/857	52	0,55	407/857	48	0,45
7. Faixa etária						
25 a 45 anos	353/805	44	0,46	452/805	56	0,54
50 anos ou mais	423/775	55	0,54	352/775	45	0,46
TOTAL	776/1580	49		804/1580	51	
Significância 0,015						

ANEXO 6

Tabela 16- Resultados probabilísticos de *nós* /*a gente* na posição de sujeito - rodada sem a variável *presença/ausência do pronome (a gente - input: 0,60)*

Grupo de Fatores	<i>Nós</i>			<i>A gente</i>		
	Aplic.N	%	P.R.	Aplic.N	%	P.R.
1. Tonicidade						
Monossílabos tônicos	9/246	4	0,04	237/246	96	0,96
Oxítonas	15/125	15	0,06	110/125	110	0,94
Paroxítonas	751/1289	58	0,70	538/1289	42	0,30
2. Tempo Verbal						
Presente do Subjuntivo	2/6	33	0,30	4/6	67	0,70
Presente do Indicativo	214/688	31	0,36	474/688	69	0,64
Pretérito Imperfeito	265/527	50	0,38	262/527	50	0,62
Pretérito Imp. do Subjuntivo	6/9	67	0,56	3/9	33	0,44
Gerúndio	2/6	33	0,61	4/6	66	0,39
Pretérito Perfeito	269/368	73	0,81	99/368	27	0,19
Infinitivo	27/63	43	0,89	36/63	57	0,11
3. Escolaridade						
Ensino médio	148/423	35	0,39	275/423	65	0,61
Fundamental I	295/730	40	0,41	435/730	60	0,59
Fundamental II	343/518	66	0,71	175/518	34	0,29
4. Tipo de Texto						
Argumentativo	111/434	26	0,32	323/434	74	0,68
Narrativo	558/1064	52	0,55	506/1064	48	0,45
Descritivo	117/171	68	0,69	54/171	32	0,31
5. Determinação do ref.						
Indeterminado	10/91	11	0,20	81/91	81	0,80
Determinado	776/1580	49	0,52	804/1580	50	0,48
6. Sexo						
Feminino	330/775	43	0,43	445/775	57	0,57
Masculino	456/896	51	0,56	440/896	49	0,44
TOTAL	786/1671	47		885/1671	53	
Significância 0,000						

ANEXO 7

USO DOS PRONOMES NÓS/A GENTE POR INFORMANTE

Tabela 17 - Uso dos pronomes *nós/a gente* por informante

Informantes		<i>Nós</i>		<i>A gente</i>	
		Aplic.N	%	Aplic.N	%
1	1pFa	35/77	45	42/77	55
2	1pMb	15/49	31	34/49	69
3	1gFc	28/37	76	9/37	24
4	1gMd	63/83	76	20/83	24
5	1cFe	1/33	3	32/33	97
6	1cMf	16/52	31	36/52	69
7	2pFg	17/100	17	83/100	83
8	2pMh	10/92	89	82/92	11
9	2gFi	6/51	12	45/51	88
10	2gMj	48/77	62	29/77	38
11	2cFk	8/23	35	15/23	65
12	2cMl	10/43	23	33/43	77
13	1pFm	38/71	54	33/71	46
14	1pMn	43/172	25	129/172	75
15	1gFo	74/129	58	55/129	42
16	1gMp	31/37	84	6/37	16
17	1cFq	11/42	26	31/42	74
18	1cMr	6/76	8	70/76	92
19	2pFs	25/77	33	52/77	67
20	2pMt	40/92	44	52/92	56
21	2gFu	64/74	87	10/74	13
22	2gMv	29/30	97	1/30	3
23	2cFx	23/61	38	38/61	62
24	2cMz	73/93	79	20/93	21
TOTAL		786/1671	47	885/1671	53